Abril
edição 29[illegible] - ano 58 - nº 7
14 de fevereiro de 2025

veja

www.veja.com



A GUERRA DO AÇO

Novas tarifas de Donald Trump sobre a indústria ameaçam exportações brasileiras, colocam siderúrgicas em alerta e testam a capacidade do governo Lula de negociar com os Estados Unidos

FEVEREIRO



Roxo

Laranja

Conscientização do Lúpus, Fibromialgia e Mal de Alzheimer

Combate à leucemia e incentivo a doação de sangue ou medula óssea

Para participar do nosso grupo no TELEGRAM, clique no ícone ao lado





CLUBE DE

REVISTAS

INHOTIM

2025:
um ano de diálogos
em **arte**, **sociedade**
e **biodiversidade**



MANTENEDORA
MASTER



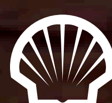
PARCERIA
ESTRATÉGICA





CEMIG MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

PATROCÍNIO
MASTER




PATROCÍNIO
OURO















REALIZAÇÃO



Fevereiro

PERFORMANCE

Grada Kilomba,
O Barco - Ato II

Março

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

O que é Justiça?

Abril

INAUGURAÇÃO

Galeria Claudia Andujar

Aniversário de 10 anos da Galeria com exposição coletiva

Maio

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

O que é o Desejo?

Junho

EXPOSIÇÃO

Paulo Nazareth,
Esconjuro - Inverno

Julho

FESTIVAL DE MÚSICA

Jardim Sonoro

Agosto

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

O que é Imaginação?

Setembro

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

Seminário Internacional
Transmutar

Outubro

INAUGURAÇÃO

Galeria Lago

Edgar Calel,
exposição individual

Galeria Oficina

Pedro Moraleida,
exposição individual

Jardim

Lais Myrrha,
obra comissionada

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

O que é uma Semente?

Novembro

EXPOSIÇÃO

Paulo Nazareth,
Esconjuro - Verão

Galeria Cláudia Andujar
Foto de William Gomes

inhotim.org.br

APRESENTADO POR BNDES

LINHA PARA VIABILIZAR COMPRA DE MÁQUINAS COMPLETA 60 ANOS

COM O FINAME, BNDES SEGUE APOIANDO O SETOR INDUSTRIAL – 97% DAS OPERAÇÕES DOS ÚLTIMOS 12 MESES SE VOLTAM A PESSOAS FÍSICAS E MICRO, PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

No dia 9 de dezembro de 1964, o jornal O Globo anunciou, com a grafia da época: "O Govêrno Cria um Fundo para Financiar Compra de Máquinas". A reportagem explicava que o novo Fundo de Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos Industriais (Finame) seria destinado a promover financiamento para as operações de venda ou compra de máquinas e equipamentos industriais de produção nacional. Em 1966 o fundo foi incorporado à Agência Especial de Financiamento Industrial, com a mesma sigla.

Hoje o Finame, subsidiária do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), provê financiamento, por intermédio de instituições financeiras credenciadas, para a aquisição de máquinas, equipamentos e bens de informática e automação e bens industrializados a serem empregados em empresas brasileiras.

Além de facilitar o acesso a esses itens, o Finame é fundamental para ajudar a desenvolver a indústria de bens de capital nacional, já que os itens financiáveis devem ser fabricados no Brasil e credenciados no BNDES por meio do Cadastro de Fornecedores Informatizado (CFI). Atualmente este cadastro conta com mais de 32 mil itens credenciados, produzidos por mais de 9 mil diferentes fabricantes.

Passaram-se exatos 60 anos e a Finame segue estimulando o desenvolvimento pleno do setor produtivo de bens de capital brasileiro, acompanhando a evolução científica e tecnológica da economia. Esta ação acelera a capacidade de inovação, gerando renda e empregos no país e reforça uma posição de independência para o setor.

FOCO NO DESENVOLVIMENTO

O Finame é um dos produtos de crédito mais importantes da história do Banco, que tem 72 anos de existência e surgiu no contexto da discussão sobre a necessidade de superar um desafio: o baixo desenvolvimento do mercado de crédito e de capitais, na época, se mostrava um entrave para o ama-



durecimento do setor produtivo nacional. Criado no mesmo contexto que deu origem à Petrobras, e antes mesmo da criação do Banco Central, o BNDES acabaria por influenciar, inclusive, o plano de desenvolvimento que deu origem a Brasília.

O Finame foi implementado nesse contexto e desde então contribuiu para o crescimento de diversas companhias nacionais. Por meio dele, o BNDES busca atender a demandas de bens de capital de todos os setores da economia, de negócios de todos os portes e locais de atuação. A estratégia tem se mostrado bem-sucedida: 97% das operações do Finame nos últimos 12 meses foram formalizadas junto a pessoas físicas, micro, pequenas e médias empresas, que contaram com 56% do montante aprovado. Entre os itens mais financiados estão caminhões, tratores e colheitadeiras e equipamentos de terraplanagem.

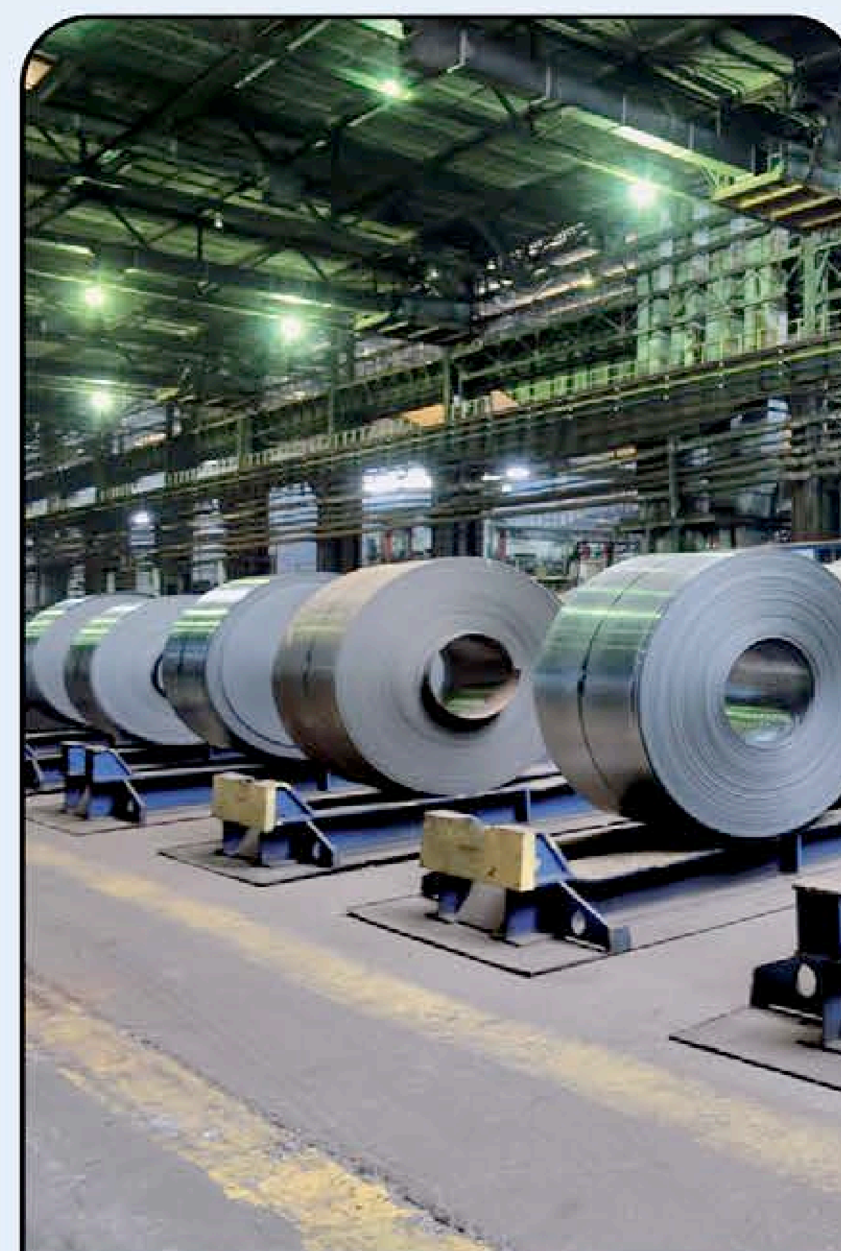
"O BNDES Finame é fundamental para o desenvolvimento do Brasil, pois financia a aquisição de máquinas e equipamentos novos, fabricados no país. Isso estimula a indústria nacional, além de fortalecer os fabricantes, modernizar o setor produtivo e gerar empregos, impulsionando o crescimento econômico e aumento de competitividade em segmentos estratégicos da economia brasileira", declara Maria Fernanda Coelho, diretora de Crédito Digital para MPMEs.

NOVO PRODUTO

Disposto a levar ainda mais longe o alcance de suas ações, o Banco lançou em 2024 um novo produto de crédito para compra de máquinas e de serviços na mesma operação. Trata-se do BNDES Máquinas e Serviços, que amplia o escopo do BNDES Finame Direto, incluindo a possibilidade de financiamento direto para aquisição de serviços intensivos em conhecimento e tecnologia – como os de pesquisa e desenvolvimento, gestão empresarial, engenharia, consultoria técnica e científica, tecnologia da informação, entre outros, bem como máquinas e equipamentos importados sem similares fabricados no país.

A solução atende à demanda de financiamento direto a serviços de alto valor agregado, desvinculada de projetos de investimentos, o que ocorre em grandes empresas dos setores de energia ou indústria. O produto passa a permitir a utilização de recursos, por exemplo, para a realização de estudos na fase pré-operacional de projetos de energia eólica offshore ou para a aquisição de serviços de consultoria ambiental.

"O BNDES Máquinas e Serviços é um produto direto com origem no Finame e é um importante instrumento de apoio ao setor produtivo", declara José Luis Gordon, diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do BNDES. "Após alguns anos de desaceleração, o BNDES voltou a apoiar o setor industrial com o Plano Mais Produção, em busca de uma indústria mais inovadora, digital, verde, exportadora e produtiva. Esse é o caminho que acreditamos para gerar empregos qualificados e renda para a população brasileira, e a indústria é uma peça essencial nessa equação" avalia o executivo.



PARA SABER MAIS SOBRE O FINAME:

acesse **www.bndes.gov.br/finame**

Acesse **bndes.gov.br/maquinaseservicos** para conhecer melhor o BNDES Máquinas e Serviços

Telegram @clubederevistas



ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui




LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

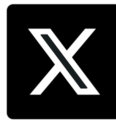
www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 931 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 7. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001






www.grupoabril.com.br

Telegram @clubederevistas

TON MOLINA/FOTOARENA MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL





GESTO O presidente da Câmara, Hugo Motta: aceno em direção à anistia dos envolvidos nos atos do 8 de Janeiro

A MARCHA DA IMPUNIDADE

OS DELITOS DEIXAM de ser punidos de acordo com as conveniências de livrar os criminosos da vez. Já era assim no Brasil colonial, quando o sistema costumava fazer vistas grossas para roubos, contrabandos e até assassinatos, caso o perdão atendesse a interesses específicos. Em muitos episódios, mesmo na hipótese de ser aplicada alguma pena, ela

Telegram @clubederevistas

raramente era cumprida de forma integral. Esse olhar para o nosso passado ajuda a mostrar que o Brasil da atualidade ainda padece dos mesmos males. Infelizmente, a aplicação justa e rigorosa da lei virou quase uma exceção em diversos campos. Somente uma minoria dos infratores que destroem hoje o meio ambiente paga o que deve ao fim dos processos. No cotidiano das nossas cidades, raros são os motoristas irresponsáveis que arcam com o devido custo por ceifar vidas inocentes no trânsito. Há exemplos disso por quase todas as áreas, embora se possa dizer, com segurança: na política, impulsionada pelo corporativismo, a prática da impunidade aperfeiçoou-se até atingir o estado da arte.

É lamentável, mas é também a dura realidade. No momento, uma série de iniciativas em curso reforça essa constatação. Conforme mostra a reportagem “O bonde do perdão” desta edição, um dos movimentos nessa direção foi iniciado pelo novo presidente da Câmara, o deputado Hugo Motta. Ele fez acenos para uma das principais bandeiras da direita, a da anistia aos envolvidos nos chocantes e ameaçadores distúrbios do 8 de Janeiro. Pode-se até discutir a dosimetria das penas aplicadas a alguns dos réus, mas não há como apagar a gravidade daqueles atos. O Brasil só consolidará sua democracia quando conseguir registrar que essa triste página da nossa história recente não escapou da espada da Justiça.

A marcha da impunidade avança também em outras direções, sendo que um dos alvos é a Lei da Ficha Limpa. Con-

Telegram @clubederevistas

quista do país na luta anticorrupção, ela passou a ser combatida de forma oportunista. Por uma dessas grandes coincidências da vida, o principal porta-voz do movimento é justamente um político que seria beneficiado pelo fim da regra, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que está inelegível até 2030. Dentro desse mesmo espírito de escapar de punições, há também negociações em curso sobre condicionar normas de maior transparência às emendas parlamentares em troca de varrer para debaixo do tapete os graves problemas já detectados em investigações sobre a malversação desse dinheiro. Esquece-se o passado, vale o rigor daqui em diante. Poucas vezes se viu um movimento tão articulado para confirmar a máxima do apresentador, escritor e humorista Jô Soares: “A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa”. O país não pode se acostumar a esta sina e precisa reagir às tentativas de retrocesso. ■



Dentro de uma reserva verde única em um terreno de 20.000 m² • Integrado ao complexo Cidade Jardim • Plantas especialmente planejadas, de 455 a 1.300 m² • Paisagismo de Maria João d'Orey • Arquitetura de Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson

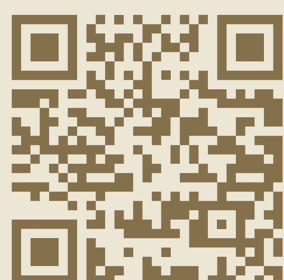
• Completa estrutura de amenities com Hotel Fasano • Quadras de tênis e de beach tennis • Quadras de squash e de basquete • Spa completo • Academia com salas de recovery, multiúso e de pilates • Piscina com raia de 25 m e piscina fria • Espaço Kids com piscina • Simulador de golfe



RESERVA

CIDADE JARDIM

IRREPLICÁVEL



ASSISTA
AO FILME DE
LANÇAMENTO
E SAIBA MAIS.

JHSF
SURPREENDENTE

+55 11 97202.3702 | +55 11 3702.2121

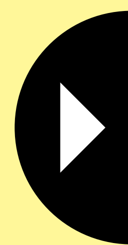
Telegram @clubederevistas


BROOKS CANADAY/NORTHEASTERN UNIVERSITY

A NATUREZA ENSINA

Prêmio Nobel, o biólogo britânico conta como chegou às descobertas que abriram caminho a uma nova era de vacinas e terapias e fala dos desafios do conhecimento em meio à onda do negacionismo

DIOGO SPONCHIATO



Telegram @clubederevistas

MESMO ESTANDO na seleta lista das 229 mentes brilhantes que ostentam um Nobel de Medicina, desde a primeira láurea concedida em 1901, o britânico Richard Roberts, ganhador da distinção em 1993, prefere não ser chamado de professor. O cientista, na ativa aos 81 anos, dividiu a premiação com o americano Philip Sharp por ter descoberto um fenômeno crucial nos bastidores genéticos da vida: uma espécie de autoedição que permite converter as instruções do DNA em RNA e, logo depois, nas proteínas que materializam o organismo. Se a sigla do RNA, essa molécula crítica para a leitura do genoma, está em alta hoje, dando origem a vacinas que nos salvaram de uma pandemia e a outros achados potencialmente revolucionários, a história passa inevitavelmente pelos experimentos de Roberts. O pesquisador se tornou uma das maiores vozes a defender a ciência, sobretudo em momentos de negacionismo e mudanças de prioridade, como a nova administração de Donald Trump. De seu laboratório em Massachusetts, nos EUA, onde segue trabalhando para decifrar os mistérios dos genes, ele concedeu entrevista a VEJA.

Os últimos dois prêmios Nobel celebraram conquistas ligadas ao RNA, e, além da vacina da covid-19, agora ele é explorado para diversas terapias. De onde veio essa guinada? Estamos aprendendo lentamente que o RNA exerce muito mais funções em uma célula do que pensávamos originalmente. Com a descoberta do DNA, passamos

Telegram @clubederevistas

a entender que a informação genética se transforma em proteínas graças a intermediários como o RNA mensageiro. Então você faz uma cópia do DNA, depois uma do RNA, e isso permitirá formar uma proteína. O que a gente desvendou, muitos anos depois, é um processo que acontece nas células de seres complexos como nós, chamado de *splicing* do RNA.

O que acontece? Quando o RNA é sintetizado pela primeira vez como uma cópia do DNA, essa molécula é bem mais longa que a necessária para produzir uma proteína. Então o RNA é cortado e emendado de modo que peque-

"Há pessoas que querem viver para sempre. A desvantagem de uma longevidade extrema é que acabamos com muitos idosos que não conseguem se manter, e isso tem um custo"

nos pedaços dele sejam reunidos para formar o RNA que permitirá rodar a sequência de que precisamos. É como se fosse um produtor de cinema fazendo um filme. Ele grava inúmeras cenas diferentes e depois corta e junta o que interessa. Na genética, de tempos em tempos, conhecemos novas peças dessa história, como a existência desses RNAs muito curtos com propriedades químicas interessantes, os micro-RNAs, que resultaram no mais recente Prêmio Nobel.

E esse conhecimento já rendeu frutos, inclusive para deter a pandemia, não? Todo o trabalho que permitiu velocidade no desenvolvimento de vacinas contra a covid-19 à base de RNA começou, a rigor, já há algum tempo. No início, a ideia era criar moléculas de RNA mensageiro para utilizá-las como terapia para o câncer e outras doenças. Quando eclodiu a pandemia, grupos de pesquisa perceberam que essa técnica poderia ser usada também para fabricar imunizantes. Com isso, a proposta decolou e se tornou bastante popular. Agora os cientistas estão voltando às origens e estudando possíveis tratamentos. É difícil saber quanto tempo vai levar para chegarem a uma aplicação clínica robusta, mas acredito que, nos próximos anos, veremos o surgimento de diversas terapias baseadas em RNA.

Cinco anos depois de o coronavírus ganhar o mundo, esse foi o grande legado científico da crise? A pandemia

mostrou como a biotecnologia, e todo o dinheiro que investimos nela, pode ter impactos na saúde humana, e muito rapidamente. A vacina é um excelente exemplo: foi desenvolvida em tempo recorde e salvou milhões de vidas. O problema, ao menos nos EUA, estava na classe política, liderada por pessoas como Trump, que não queriam ouvir os cientistas e apresentavam soluções sem qualquer evidência.

A busca por terapias capazes de ampliar a longevidade passa pelo RNA? Bem, eu temo que isso realmente seja possível. Mas, pessoalmente, acho que, quando não conseguir usar mais meu cérebro direito, ficarei feliz em morrer e abrir caminho para futuras gerações de pesquisadores. Precisamos ter em mente que a desvantagem de uma longevidade extrema é que acabamos com muitos idosos sem condições de se manter, e isso custa caro. Há pessoas que querem viver para sempre. Então, se elas sonham em ir para Marte e ter uma vida longa lá, deixe-as ir. Eu não tenho esse desejo.

O trabalho pelo qual o senhor ganhou o Nobel teve um momento heureca? Olha, foi algo em que ninguém tinha pensado antes. Mas, assim que fizemos a descoberta, todos os pesquisadores perceberam que tinham as pistas nos seus cadernos de laboratório e podiam explicar muitas coisas que não tinham sido capazes de entender ante-

Telegram @clubederevistas

riormente. O verdadeiro momento heureca aconteceu em um experimento para ver as sequências genéticas de um vírus. No processo, obtivemos resultados que não faziam sentido. Quando meu aluno de pós-doutorado me mostrou os achados pela primeira vez, eu o fiz repetir o experimento. Achei que ele tinha estragado tudo. Então eu mesmo refiz e obtive exatamente o mesmo resultado. A natureza estava tentando nos dizer algo... E, para um cientista, isso é particularmente emocionante, porque significa que há uma descoberta a ser feita. Levou quase um ano desde essas observações incomuns até o momento em que formulei um experimento para esclarecer o que estava acontecendo. Tive a ideia em um sábado e procurei dois colegas que trabalhavam com microscopia eletrônica para me ajudar. Na terça-feira, o mecanismo de *splicing* do RNA foi desvendado.

Então, errar pode ser algo bem-vindo para um cientista? O fracasso é uma coisa maravilhosa na ciência, porque geralmente há apenas duas causas para ele. A primeira é que você arruinou tudo quando estava fazendo o experimento. Talvez você tenha cuspido no tubo de ensaio ou deixado cair os reagentes no chão. A outra é que não funcionou porque a natureza estava tentando lhe dizer algo.

Qual é o mistério da genética que o intriga agora? Hoje eu trabalho com bactérias. Em um processo chamado

Telegram @clubederevistas

metilação do DNA, que é algo bastante relevante para a biologia, mas, atualmente, ainda não tão bem compreendido. Sabemos que esse fenômeno está envolvido, em alguns casos, com o controle do ciclo celular bacteriano, determinando quando o microrganismo deve ou não replicar. E, recentemente, fizemos uma descoberta relacionada ao *Clostridium difficile,* uma bactéria desagradável por trás de infecções hospitalares. Ela tem a propriedade de formar esporos, ou seja, suas células podem ficar inertes por um período e são reativadas em um momento oportuno. E isso é um problema para nós, porque, se você vai tratar a infecção com antibiótico, a bactéria pode

“Os cientistas precisam aprender a falar a língua do público. A explicar, de um jeito compreensível, no que estão trabalhando. Isso sensibiliza as pessoas a apoiarem sua causa”

Telegram @clubederevistas

simplesmente parar e esperar que o remédio desapareça para voltar a crescer. A gente descobriu que essa capacidade é controlada por essa metilação do DNA. Se intervirmos aí, a bactéria não conseguirá mais virar esporos. Por isso há dois estudos clínicos em andamento, testando medicamentos para interferir nesse processo de forma segura, o que poderá ter grandes consequências na superação de infecções hospitalares.

Pesquisas como essa reforçam a importância da ciência básica, aquela feita em laboratório sem uma aplicação prática tangível. Será que estamos dando valor suficiente a ela? As principais descobertas na medicina vêm da ciência básica. Essa é uma das razões pelas quais estamos tão preocupados com o governo de Donald Trump, que tenta convencer os Institutos Nacionais de Saúde dos EUA a dedicar-se aos estudos clínicos *(fase de testes em humanos),* não aos experimentos que os precedem em laboratório. Mas é essa etapa que permite, no futuro, que as empresas desenvolvam e fabriquem medicamentos. Nós, que trabalhamos com a ciência básica, não resolvemos os problemas sozinhos, mas fazemos as descobertas que permitem um dia resolver os problemas.

Por falar em Trump, como podemos lidar com autoridades que professam o negacionismo científico? Nós, cientistas, precisamos nos unir. Precisamos somar vozes

e tentar ensinar e convencer os políticos e o público sobre a importância do método científico, esse aparato que permite, entre erros e acertos, fazer descobertas. Afinal, a ciência é um processo de autocorreção. A lógica é diferente de áreas como a publicidade, em que o anunciante pode aparecer e contar uma mentira que ninguém vai checar. Infelizmente, porém, é o que vemos na política hoje. Robert Kennedy Jr. *(secretário de Saúde nomeado por Trump e militante antivacina)* é um exemplo clássico: ele apenas mente.

Colocar cientistas em cargos políticos seria uma saída? Isso pode ser útil se eles tiverem um diálogo positivo com os governantes. Agora, quando eles mesmos são eleitos, muitas vezes se tornam rapidamente políticos e deixam a ciência de lado. O que é bastante perigoso, porque você passará a encontrar políticos argumentando: "Eu sou um cientista, acredite em tudo o que eu digo".

Universidade, empresa, startup... Qual é o melhor lugar para inovar? A universidade, sem sombra de dúvida. As pessoas que conduzem pesquisas ali não as fazem por interesse financeiro. Em geral, recebem uma subvenção do governo e apostam em ideias que as interessam e entusiasmam. Se você trabalha numa empresa, principalmente as de capital aberto, será cobrado pelo retorno financeiro e sobre como gerar lucro rapidamente.

Qual é o maior desafio do cientista hoje? A dificuldade mais imediata é conseguir verba para fazer pesquisa. Mas eu pensaria em algo além e um pouco diferente. Acredito que os cientistas precisam realmente aprender a falar a língua do público em geral. A explicar para a comunidade, de um jeito compreensível, no que estão trabalhando. Isso sensibiliza as pessoas a apoiar sua causa, a cobrar dinheiro *(do governo)* para jovens pesquisadores trabalharem. É algo que normalmente não ensinamos na escola, mas deveríamos, e desde cedo.

O Brasil é um país que sofre cronicamente da falta de verba para pesquisa. Como fazer a diferença num mundo em que a maioria dos prêmios Nobel é concedida a profissionais de nações ricas? O primeiro passo é convencer o governo a investir mais, lembrando que também é possível buscar financiamento em fundações e empresas. A chave, porém, é trabalhar em áreas do conhecimento que não são bem cobertas pelo resto do mundo. É muito difícil competir com cientistas que trabalham em um país desenvolvido, onde abundam recursos. Se você escolher o campo e o caminho certos, terá muito mais chances de fazer grandes descobertas. ■

Telegram @clubederevistas

LONGA VIDA AO PAPA



A SAÚDE DO papa Francisco, de 88 anos, não anda bem já faz algum tempo — e ele mesmo, ao feitio da transparência defendida pela Ordem dos Jesuítas, da qual faz parte, trata de expô-la, sempre que possível, e sem sensacionalismo. Ele usa um andador ou bengala para se movimentar pelo edifício Santa Marta, adjacente à Basílica de São Pedro, no Vaticano, onde mora. Em meados de janeiro, caiu e foi levado a proteger o braço direito com uma

STEFANO COSTANTINO/SOPA IMAGES/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

tipoia. Um tempo antes, tinha machucado o queixo ao tropeçar. São ocorrências comuns a um homem de sua idade — nem mesmo a ostensiva proteção de que é alvo elimina os riscos. O pontífice, nesse aspecto ao menos, tem problemas terrenos. **No domingo 9, em um evento dentro das celebrações do chamado Ano Santo, no qual tratava de questões das Forças Armadas, sentiu falta de ar e teve de interromper a homilia.** Estancou o discurso e foi direto ao ponto, passando os papéis para o arcebispo italiano Diego Ravelli. “Agora me desculpo um pouco e peço ao mestre que continue a leitura, por dificuldades na respiração”, disse. Em 2023, diagnosticado com bronquite, ele chegou a ser internado. Desde os 21 anos de idade, o argentino Jorge Mario Bergoglio não tem um naco de um dos pulmões. Mas ele segue firme e, mesmo depois do susto, continuou a despachar nos salões da Santa Sé, embora com discrição e cautela. Houve rumores de renúncia, como fez Bento XVI. São descabidos, até porque o antecessor de Francisco não deixou o trono por achar que estava com problemas metabólicos insolúveis. Longa vida ao papa. ■

Fábio Altman

Telegram @clubederevistas

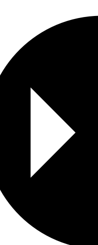
"O HUMOR AJUDA A APRENDER"

Criador do maior canal sobre português no YouTube, o professor curitibano fala de erros, curiosidades e traz dicas sobre o Enem, temas de sua nova coluna em VEJA Online, *Na Ponta da Língua*



ARQUIVO PESSOAL

GRAMÁTICA POP Noslen, 45 anos: "O pessoal não tem paciência com a crase"



Telegram @clubederevistas

Seus vídeos se valem de humor para ensinar a língua a mais de 5 milhões de seguidores — tem até um funk da acentuação. Por que aposta nisso? O humor ameniza o desgaste inevitável do esforço mental de aprender. A paródia não pode ser o cerne da aula, claro, mas torna o aprendizado menos sisudo. Tem muito jovem que não gosta de português porque acha que há muita regra. E aí, quando venho com humor, provoco uma catarse na galera e eles dão uma desarmada em relação a isso.

Qual é o erro de português mais comum hoje? Há muitos. Parte das pessoas não tem mais paciência de usar crase, por exemplo. Estão sempre colocando-a em lugares nos quais não existe. Tem outros erros frequentes, como escrever "com certeza" tudo junto. A falta de contato com a língua é o que explica isso. Você tem de pensar para lidar com a gramática, e as pessoas estão deixando isso de lado.

A internet está fazendo os jovens desaprenderem? Existe o fenômeno do internetês, que é a linguagem mais dinâmica da internet, como usar um VC da vida, um TB para falar "também". É um processo da comunicação digital. Não vejo como motivo de as pessoas estarem desaprendendo o português — ao contrário, a internet pode até potencializar o interesse pela

Telegram @clubederevistas

língua, por isso estou lá. O problema é levar o internetês para todos os ambientes da vida.

Em que medida ele pode atrapalhar? Vejo que as pessoas têm tendência de ficar um pouquinho mais preguiçosas. Mas há outras questões: a falta de leitura e de interesse pela língua. O imediatismo do mundo de hoje, não só nas redes, faz com que as pessoas tenham menos vontade de ler um texto mais elaborado, porque esse desejo não foi construído nelas desde cedo. Isso aumentou a preguiça para ler os clássicos, chegar a Machado de Assis. Tem de começar lá na base, na infância.

Qual é o clichê mais difundido nos concursos e no Enem? Aí temos, por exemplo, o caso do "assertivo". Na redação, a pessoa muitas vezes põe essa palavra achando que ela vem de acerto, e não tem nada a ver. Quer dizer "ser objetivo". É um deslize comum. São palavras que as pessoas acham chiques, mas usam sem saber seu significado.

Qual o segredo para tirar nota 1 000 na redação do Enem? A primeira coisa é que redação não é inspiração. Ela é transpiração. Você tem de passar o ano todo fazendo muitas versões de redação no modelo Enem. É fazer a redação, enviar para um professor corrigir, olhar os seus erros. O aluno tem de gastar energia ali para entender como funciona aquele modelo de prova.

Telegram @clubederevistas

Qual é a palavra do momento? Arriscado dizer, mas vou citar uma que, na minha visão, está tendo destaque curioso. Resiliência, pronto.

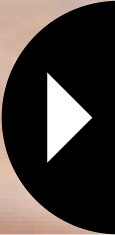
Resiliência? É, resiliência. Vejo muita gente falando sobre essa palavra na internet. “Ah, em 2024 fui muito resiliente, agora vem o tempo de colheita.” Para quem é empreendedor na internet, como eu, ela também se reveste de importância. Este ano estou comemorando dez anos do meu canal, e tive de ser muito resiliente para chegar até aqui. ■

Marcelo Marthe

Telegram @clubederevistas

ALL YOU NEED IS LOVE

EILON PAZ FOR DUST & GROOVESQ



Telegram @clubederevistas

O artista americano de origem taiwanesa **Rutherford Chang** misturava humor com obsessão por criar trabalhos inigualáveis — e houve quem comparasse seu pendor para romper o óbvio com a pop art de Andy Warhol. Seu mais celebrado trabalho, exposto em uma galeria de Nova York, a partir de 2013, foi batizado de *We Buy White Albuns*. A ideia: ele comprou centenas de edições do *Álbum Branco* dos Beatles, obra-prima de 1968 (aquele duplo que vai de *Back in the USSR* a *Good Night),* e os pôs em uma parede — tratou ainda de autorizar a execução em toca-discos das antigas, com diferentes rotações, para criar uma experiência sonora também original. Algumas capas despontavam ainda alvas, limpinhas. Outras tinham assinaturas dos proprietários, mensagens de amor, corações flechados.

O sucesso foi imediato, com direito a filas e turnê da exposição em dezenas de cidades, inclusive Liverpool, na Inglaterra. "Cada unidade envelheceu de modo diferente, como um registro da passagem do tempo em quase cinco décadas", disse Chang. Em outra barulhenta criação, ele tirou a voz do então presidente George W. Bush no discurso Estado da União, em 2003, deixando apenas as paradas para respirar e os aplausos, em evidente ironia. Chang morreu em 24 de janeiro, aos 45 anos, de causas não reveladas, mas a notícia só foi divulgada na semana passada.

BEATLES O artista Chang: exposição com centenas de edições do *Álbum Branco*

Telegram @clubederevistas

AMIGO É PARA ESSAS COISAS

O humor de Woody Allen, repleto de piadas e diálogos, uma piscadela aos dramas freudianos da vida, sempre pressupôs a existência de interlocutores que pudessem, a um só tempo, rir e fazer cara feia das troças. Não havia parceiro mais adequado, nas telas, do que o ator **Tony Roberts.** Ele apareceu como amigo dos personagens de Allen em filmes como *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977), *Sonhos Eróticos de uma Noite de Verão* (1982) e *Hannah e Suas Irmãs* (1986), entre outros clássicos. Os dois se conheceram nas coxias da Broadway, quando Roberts trabalhou numa peça escrita por Allen, *Play It Again, Sam,* que depois iria para as telas. Amigão de todas as horas, certa vez Roberts resumiu sua admiração pelo diretor: "Houve momentos em que desejei ser ele, ter seu dom, sua genialidade, seu cérebro". Ele morreu em 7 de fevereiro, aos 85 anos, em decorrência de um câncer no pulmão.



SILVER SCREEN COLLECTION/GETTY IMAGES

PARCERIA Roberts *(ao centro)* com Allen e Keaton: desde a Broadway

Telegram @clubederevistas



OHHDL

CALMA Gyalo Thondup *(à dir.)* ao lado do irmão, o dalai-lama: à sombra

A LIDERANÇA DISCRETA

Figura de destaque no cotidiano da sociedade e da política do Tibete, **Gyalo Thondup** só foi ofuscado pelo irmão, Tenzin Gyatso, o dalai-lama do pequeno território do Himalaia. Os dois desenharam um capítulo da história contra o controle chinês. Thondup, ao contrário do lama, preferiu sempre permanecer à sombra, discreto, longe dos holofotes. Durante décadas, liderou a campanha de retorno do irmão, exilado desde 1959 na Índia. Em 1979, esteve com o líder chinês Deng Xiaoping, em busca de algum acordo, mas ouviu dele uma frase que marcaria época: "À exceção da independência, tudo é negociável. Tudo pode ser discutido". E nada foi discutido. Thondup morreu em 8 de fevereiro, aos 97 anos, em Kalimpong, na Índia. ■

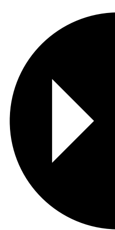
Telegram @clubederevistas



GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES

"O lançamento de um filme é um pouquinho como entrar num oceano. As correntes vão te levando, e você tem que saber nadar, e evidentemente você tem escolhas ali. Nesse processo, nós estamos tentando honrar a memória daqueles que o filme abraçou."

WALTER SALLES, diretor de *Ainda Estou Aqui*, em torno da guerra pelos votos dos membros da Academia, faltando menos de um mês para a cerimônia do Oscar



Telegram @clubederevistas

"E a gente vai dar para esses bichinhos, possivelmente, não a liberdade que eles têm no meio de uma floresta, mas a gente vai dar uma liberdade, uma cascatinha para eles poderem tomar banho, um riacho bastante desenvolvido, com água limpa, para eles poderem tomar banho e beber, duas casinhas do Minha Casa, Minha Vida."

LULA, apresentado pela primeira-dama, Janja, a cinco jabutis fêmeas que passarão a viver na Granja do Torto, casa de campo da Presidência da República

"Quem tem um semipresidente não tem presidente nenhum."

GLEISI HOFFMANN, presidente do PT, a respeito da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que propõe um modelo de governo semipresidencialista, com mais poderes ao Parlamento

"É uma coisa real."

JUSTIN TRUDEAU, primeiro-ministro canadense, ao admitir que a ideia de Donald Trump de anexar seu país pode sim ser um plano a ser posto em marcha

"Eu comprei antes de o Elon enlouquecer."

ADESIVO usado por donos da Tesla de Musk na Alemanha *(leia a reportagem "Saída pela direita")*

"Decidi pôr entre parênteses minhas atividades públicas de ex-presidente."

NICOLAS SARKOZY, ao receber uma tornozeleira eletrônica e saber que só pode deixar seu apartamento parisiense entre 8 e 20 horas. Ele foi condenado por forjar "um pacto de corrupção" para esconder buracos em financiamento de campanha

"Eu sou nazista, digo o que quiser. (...) Me chamem de Yaydolf Yitler".

KANYE WEST, rapper americano especializado em publicar idiotices antissemitas nas redes sociais só para aparecer e não sair da ribalta

"Na maioria dos meus trabalhos, as pessoas pedem para eu traduzir o que falo. Se fizesse isso, estaria traindo minha língua."

ZAHỲ TENTEHAR, atriz indígena nascida no Maranhão, vencedora do Prêmio Shell pela peça *Azira'i*

"Nestes tristes tempos em que a brutalidade se exibe sem vergonha alguma, o ato de ler — e de se indignar — é em si mesmo uma insurreição."

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, escritor angolano



“Existe vida depois do divórcio. Sempre seremos uma família. Eu o visito porque o amo.”

DEMI MOORE, candidata ao Oscar pelo filme *A Substância,* ao explicar por que não perdeu o contato com o ex-marido, o ator Bruce Willis, com quem viveu durante treze anos e teve três filhas. Willis sofre de demência frontotemporal

EMMA MCINTYRE/GETTY IMAGES



Telegram @clubederevistas

FERNANDO SCHÜLER

POR QUE A ÉTICA IMPORTA

"NOSSA CRISE É MORAL", me dizia um velho intelectual, um tanto abatido, por estes dias. Ele se referia às recentes anulações de condenações de réus confessos, bem conhecidos, mas parecia irritado mesmo com aquele vídeo do Sérgio Cabral em uma piscina de cobertura, Pão de Açúcar ao fundo, no Rio, dando dicas de cinema. A Transparência Internacional definiu as imagens como o "símbolo da impunidade" brasileira, visto se tratar de um sujeito condenado a "400 anos de prisão" por corrupção serial, confessada e comprovada. Posso estar errado, mas desconfio que essas coisas caíram na rotina brasileira. Em parte, porque a polarização política ajusta a bússola ética. Tendemos a ver o problema sempre do "outro lado". O que já é algo oposto ao sentido da ética. Além disso, as pessoas vão se acostumando. Não somos o país da moral da "casa e da rua", do "você sabe com quem está falando?", como tanto escreveu o mestre Roberto DaMatta? Ainda nesta semana, a Transparência Internacional mostrou que caí-

Telegram @clubederevistas

mos mais três posições no ranking global de percepção da corrupção. Já havíamos caído dez, no ano anterior, e agora mais um recuo. Ficamos com 34 pontos, ante 66 na média da OCDE. Nosso pequeno vizinho, o Uruguai, cravou 76 pontos. Qual é mesmo o nosso problema?

De minha parte, a pergunta fascinante é menos sobre o país e mais sobre como cada um de nós lida com tudo isso. E não me refiro apenas aos grandes dilemas, do tipo "devo pedir propina quando estou no governo?". As perguntas interessantes são mais simples. Coisas como "devo contar toda a verdade quando um pequeno esquecimento pode me ajudar em um bom negócio?". Ou: "vale agir com civilidade, em vez de ofender, em um debate nas redes sociais?". Não vai aqui nenhum moralismo. São apenas questões reais, que definem a vida que temos para viver. É aí que entram as lições de um filme que o ex-governador não indicou: *Jurado Nº 2,* de Clint Eastwood. Ele toca no nervo da ética: como deveríamos agir se soubéssemos o que é certo fazer, mas que se fizéssemos o contrário levaríamos uma boa vantagem? É o drama de um sujeito boa-praça, Justin Kemp, jurado em um caso de assassinato. Sua mulher está grávida e ele está tentando ser um cara decente. O julgamento começa e, por um desses acasos da vida, Kemp se dá conta que o acusado provavelmente seja inocente. E que ele mesmo pode ser o autor do crime. O que fará com aquela informação? Se ele contar, é provável que termine na cadeia. Se não contar, terminará condenando

Telegram @clubederevistas



DILEMA O diretor Clint Eastwood *(à dir.)* na gravação de *Jurado Nº 2:* valores

um sujeito inocente à prisão perpétua, e sairá dali com um enorme problema de consciência.

O filme sugere uma pergunta: como cada um de nós agiria? Platão fez essa pergunta quando contou sua famosa história do anel de Giges, em *A República*. Giges era um camponês, achou um anel que lhe permitia ficar invisível e logo percebeu que aquilo lhe dava um enorme poder. Se ele podia entrar no palácio e matar o rei, sem ser percebido, por que exatamente ele não faria isso? O.k., ninguém aqui mata-

DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

“Em momentos cruciais é preciso beber daquele veneno, como Sócrates”

ria rei nenhum. Mas essa é uma saída fácil. As perguntas reais são mais prosaicas. Você devolveria aquele dinheiro que caiu por engano na sua conta e ninguém aparentemente tem como rastrear? Você gasta o tempo da empresa tagarelando na internet na hora do batente? A história de Giges vai no coração do problema: a ética diz respeito a como decidimos agir quando ninguém está nos observando. Como escutei de um antigo professor, “se temos bons argumentos para não usar o anel a nosso favor, então, sim, a ética tem vez”. E aí vem a pergunta: há bons argumentos para além de um moralismo pouco convincente? Sócrates sugere que sim. Pode ser vantajoso, para cada um, cometer algum delito, mas é péssimo para nossa vida coletiva, da qual todos fazemos parte. Vai aí um certo heroísmo. Sócrates agiu assim quando decidiu beber aquele cálice de cicuta, ao invés de fugir. Na pior de todas as horas, escolheu respeitar as leis de Atenas,

Telegram @clubederevistas

sob as quais ele havia vivido. Exemplo extremo, convenhamos. Mas fixa um padrão. A justiça é um tipo de bem que torna nossa vida coletiva possível. E quando internalizada na nossa maneira de viver, mesmo nos momentos mais complicados, podemos chamar de virtude.

O herói socrático quem sabe esteja mais para um anti-herói. Ele se recusa a inventar uma ética própria, se submete à regra comum. Age conforme as leis, mesmo que possa fazer o contrário. Não é bem assim que age o personagem de Eastwood, mas vou evitar o spoiler aqui. O ponto é mostrar que a opção pela ética, no fundo, tem sido uma escolha precária. Há boas razões a favor, mas elas nunca serão realmente suficientes. De modo que, por vezes, vence a escolha socrática; por vezes, não. Raskólnikov, no clássico de Dostoiévski, fez a escolha socrática, depois de muito cambalear. Decidiu confessar aquele crime idiota que ninguém havia visto. Ele tinha seu anel e em algum momento tenta imaginar a si mesmo como um "homem napoleônico", capaz de produzir sua própria régua moral. Mas não consegue. A consciência o machuca, e isso mostra apenas que ele é um homem comum.

O filme de Eastwood termina com um encontro. A campainha toca, na casa de Kemp, e quem está à sua porta é a promotora. Ela havia se dado conta de toda a verdade e agora estava ali. Os olhares se cruzam, e nada precisar ser dito. É exatamente assim com a ética. É possível ganhar alguma coisa cometendo um delito qualquer. Mas não é crível que se possa viver uma vida dessa maneira. Talvez vai aí a grande

Telegram @clubederevistas

lição socrática: a ética importa porque a vida é longa. Isso vale para cada um de nós e vale para um país inteiro. Se um país permite que a escolha antiética seja premiada ao longo do tempo, quem sabe à beira de alguma piscina, alguma coisa tremendamente errada está se passando. E quem sabe, neste exato sentido, meu amigo melancólico tenha razão. Talvez por isso somos o país das Américas com o menor índice de confiança interpessoal, com apenas 4,6% de respostas positivas, ante 41% na média dos países da OCDE.

Confesso não fazer ideia sobre como reverter esse processo. A ética é uma ótima escolha ao longo do tempo (os países escandinavos estão aí para nos mostrar), mas exige um sentido de renúncia. Em momentos cruciais, é preciso beber daquele veneno, como fez Sócrates. Ou ter a humildade de confessar e ir para a Sibéria, como fez Raskólnikov. Ou ainda encarar aquela promotora e finalmente dizer a verdade, como talvez tenha feito Justin Kemp, em um desfecho que Eastwood deixou em aberto. De novo, há certo heroísmo aí. O heroísmo das pessoas que se veem como iguais em direitos. Que não se veem como capazes de fixar a própria régua moral, mas aceitam viver sob as regras e razões compartilhadas entre todos. Não sou moralista a ponto de dizer que é nossa única escolha. Nem a mais trivial. Mas que faria bem ao Brasil que um dia vamos deixar como herança, disso não tenho dúvidas. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

Telegram @clubederevistas

SOBE

FERNANDA TORRES

Só aumenta a paixão nacional em torno da talentosa atriz que é candidata ao Oscar pelo filme *Ainda Estou Aqui*. Nos capítulos mais recentes da merecida adulação popular, ela virou tema de fantasias de Carnaval.

MONTADORAS

As vendas de veículos no país em janeiro foram as maiores para o mês desde 2020.

INSTAGRAM

A rede respondeu de forma positiva à pressão dos pais por maiores controles, colocando em prática restrições no Brasil para usuários com menos de 18 anos.

Telegram @clubederevistas

DESCE

DAMARES ALVES
A senadora foi condenada pela Justiça do DF a pagar danos morais a uma professora por divulgar falsa ameaça contra a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

BOMBRIL
Com dívidas de 2,3 bilhões de reais, a tradicional fabricante entrou com um pedido de recuperação judicial.

CORREIOS
Depois de terminar 2024 com um déficit de 3,2 bilhões de reais, a estatal parece cavar ainda mais o fundo do poço: ela já acumula um prejuízo de 500 milhões de reais somente no mês de janeiro.

Telegram @clubederevistas

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim



Mais leve

Nos dias que antecederam a visita da delegação da OEA ao STF para tratar de liberdade de expressão, **Alexandre de Moraes** assinou pelo menos dez decisões desbloqueando dezenas de perfis em redes sociais. Na Corte, os atos foram vistos como uma preparação de Moraes para receber os gringos.

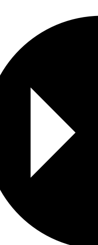
Multa diária

Ao liberar os perfis, Moraes alegou que a exclusão das "postagens ilícitas" já seria suficiente. Além de intimar as plataformas a apagar



GUSTAVO MORENO/STF

CANETA Moraes: ministro assinou o desbloqueio de dezenas de perfis nas redes



Telegram @clubederevistas

posts, o ministro fixou uma multa diária de 20 000 reais em caso de novas postagens ilegais.

Malha fina

Com muitas fugas e violações, Moraes acaba de determinar que todas as centrais de monitoramento eletrônico de presos do 8 de Janeiro no país enviem relatórios quinzenais ao seu gabinete.

Encrencas sem fim

O gabinete de Moraes, aliás, virou pesadelo com tantos alvos do 8 de Janeiro. Num único dia, o ministro deu canetadas porque um preso fugiu e outro violou o monitoramento de tornozeleira. Teve o que dormiu e faltou ao curso de democracia e outro que caiu na tentação e usou rede social de novo...

Era brincadeirinha

Depois de criticar decisões do STF e falar em “reações”, se essas decisões “continuarem”, Hugo Motta esteve com Gilmar Mendes. Disse que nenhuma pauta contra o STF andará na Casa.

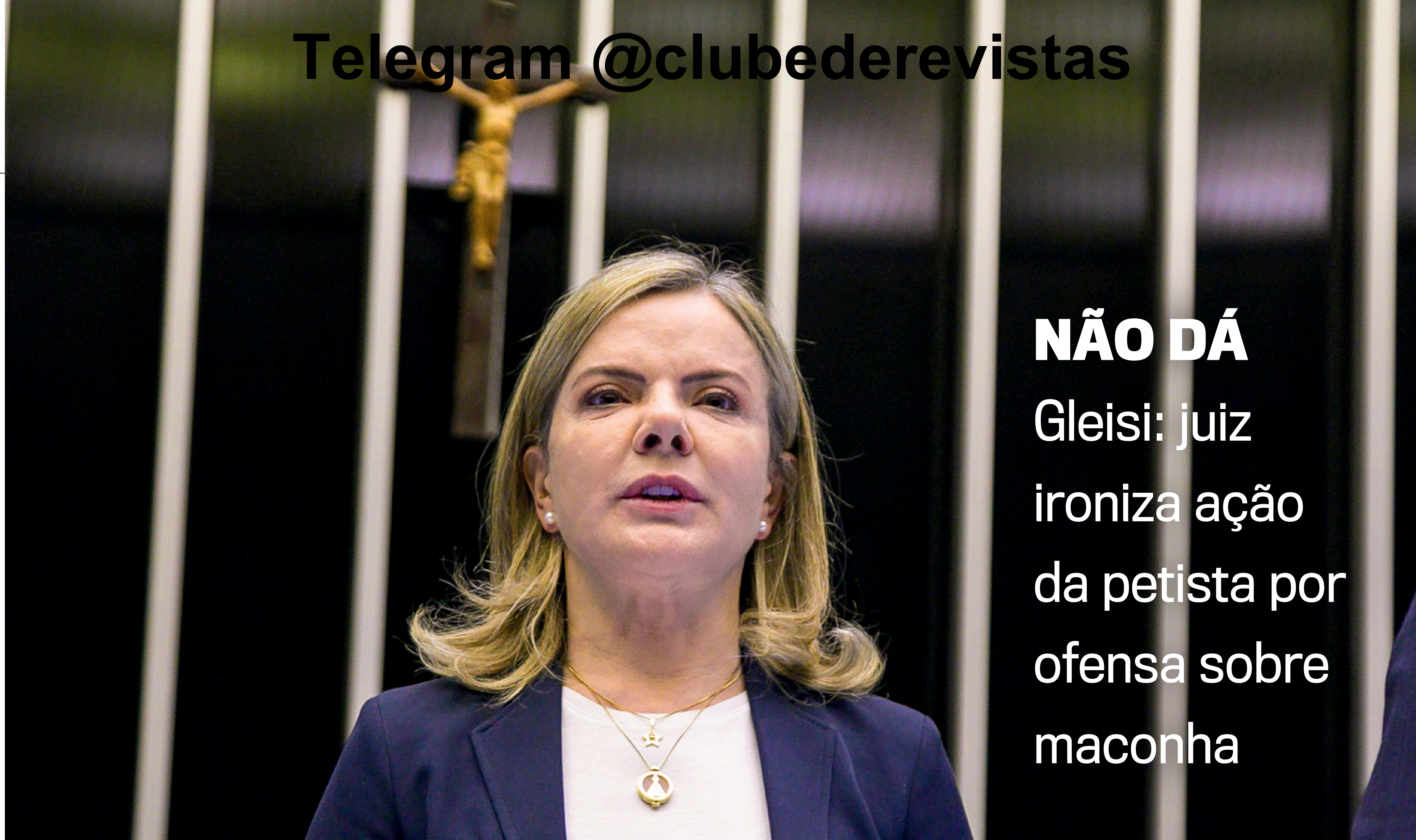
Prepara o café

Os próximos dias prometem em Brasília. Além da esperada denúncia da PGR contra o bolsonarismo, uma investigação graúda do Supremo sobre emendas parlamentares colocará a PF para acordar investigados mais cedo.

Pintou um clima

Jair Bolsonaro anda mais otimista do que nunca com a gestão de Motta e a possibilidade de votação da anistia. “Tem clima para aprovar em poucas semanas”, acredita Bolsonaro.

Telegram @clubederevistas



NÃO DÁ
Gleisi: juiz ironiza ação da petista por ofensa sobre maconha

GABRIEL PAIVA/PT

Pé na estrada

Nesta semana, aliás, Bolsonaro despachou com cinquenta prefeitos, 32 deputados e dois governadores. Disse aos aliados que vai voltar a viajar o país.

Para lembrar

Na próxima semana, completam-se seis anos do dia em que Bolsonaro demitiu Gustavo Bebianno do governo. Tivesse ouvido os conselhos do auxiliar, não estaria na confusão que está hoje.

Infiltração comunista

Prestes a se filiar ao PL de Bolsonaro, o senador Marcio Bittar é formado em “teoria marxista”. Fez o curso na antiga União Soviética, em 1984.

Sem manter isso aí

Michel Temer não entra no coro pela anistia, mas avalia que seria um “bom caminho” ao STF revisitar as condenações do 8 de Janeiro. “A Corte poderia modular as penas alongadas”, diz.

Baseado no histórico

Gleisi Hoffmann e o PT tomaram uma invertida de um juiz do TJSP. Eles processa-

Telegram @clubederevistas

ram o deputado Capitão Telhada porque ele postou uma charge de um petista fumando um baseado. "Inviável acolher-se a versão de ofensa à moral do PT, pois inegável que é favorável ao uso de drogas para efeito recreativo", disse. "O brasileiro é um povo sofrido, mas que sabe rir", seguiu o magistrado, para desgosto de Gleisi.

Silêncio barulhento

Mais de uma semana se passou desde que o TCU mandou investigar o prejuízo de 14 bilhões de reais na gestão da Previ, o fundo de pensão dos servidores do BB. Lula nada disse.

Já vimos esse filme

Há algumas semanas, Lula recebeu o presidente da Previ, João Luiz Fukunaga, no Planalto. Lula quer o dinheiro do fundo nas obras do PAC. Sobre o prejuízo bilionário? Nada disse.

Não vai ter quebradeira

O GSI vai finalmente lançar a licitação para blindar o Palácio do Planalto, depredado em 8 de janeiro de 2023. Por recomendações do Iphan, só os vidros do térreo serão reforçados.

Big brother

O GSI, aliás, já instalou 534 das 708 novas câmeras compradas para monitorar a Presidência — 23 delas têm reconhecimento facial.

Detox de intrigas

Fora do Planalto, Paulo Pimenta voltou a Brasília renovado das férias em São Borja (RS). Vai ser ministro? "A Câmara é meu chão", diz, sorridente.

Telegram @clubederevistas

Novela atômica

A Fazenda e a Casa Civil devem pedir mais um adiamento da decisão sobre as obras de Angra 3 na reunião do conselho de política energética na próxima terça, 18. Parada, a usina custa 100 milhões de reais ao mês.

Sede de vingança

No café com Davi Alcolumbre, senadores insistiram para Haddad mandar logo ao Congresso o projeto do fim dos supersalários. Sabem que o texto pega todos — mas pega mais o Judiciário.

Irresponsabilidade fiscal

Em tempos nos quais o país sofre com a falta de disposição do governo em controlar suas contas, o BB habita o planeta gastança. O banco pretende gastar, acredite, 1,9 bilhão de reais em propaganda. Uma licitação para contratar quatro agências de marketing já está na praça. Um escândalo.

Quero ser faria limer

O clima de fim de festa no governo já começou na pasta de Fernando Haddad. Gente graúda da Fazenda está distribuindo currículo na Faria Lima.

Aqui me tens de regresso

Há onze anos sem visitar Brasília — boa parte porque esteve preso por corrupção no mensalão e no petrolão —, o ex-deputado Pedro Corrêa voltou à capital nesta semana. Colocado no regime aberto pelo STJ, teve agenda de autoridade na Esplanada. Visitou ex-colegas de Câmara e até ministros de Lula.

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @LORACAROLA

QUER COMPRAR? Carol: ela agora tem sua própria marca de cosméticos

Faltou aquele Pix

Guilherme Boulos virou alvo do STF por descumprimento de sentença. Ele deve 2 000 reais à advogada de Eduardo Bolsonaro. Edson Fachin mandou pagar. Boulos não pagou.

No mundo dos negócios

A atriz **Carolina Dieckmann** entrou para o universo das celebridades que têm sua própria marca de cosméticos para lucrar com a paixão dos seguidores nas redes sociais. Ela registrou a SkinCarol. Vai vender de acetona a sabonete. ■

Telegram @clubederevistas

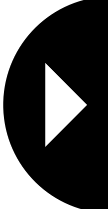
CAMINHANDO CONTRA O VENTO

Presidente ignora sinais de tempestade perfeita à vista na economia e na política, fragiliza pilares de sustentação do governo e intensifica campanha de autopromoção mirando 2026

DANIEL PEREIRA

REALIDADE VIRTUAL
Lula: falas desastradas, decisões controversas e falta de sintonia entre os ministros

REPRODUÇÃO



Telegram @clubederevistas

A estratégia de comunicação do presidente Lula mudou desde a posse do marqueteiro Sidônio Palmeira no ministério, ocorrida há um mês. Retomando uma estratégia bem-sucedida empregada em seu segundo mandato, o petista iniciou uma agenda de viagens e de entrevistas pelo país com o objetivo de falar diretamente com a população e tentar pautar o noticiário. Já nas redes sociais, onde a oposição reina quase absoluta, ele adotou um estilo mais dinâmico e informal, compatível com a demanda por um tom menos solene. No domingo 9, publicou um vídeo interagindo com meninos e meninas — para começar o dia "com a fofura, o carinho e a sinceridade das crianças", ressaltou na legenda. Na segunda 10, apareceu em outro vídeo, de tênis, short e camisa regata, para convidar as pessoas a fazerem como ele e adotarem a caminhada como hábito, em nome do bem-estar e da saúde pessoal. A guinada na forma é visível, mas o problema é outro: o conteúdo. Mesmo sob nova direção publicitária, o presidente continua tropeçando na própria língua, contribuindo para a ausência de rumo do governo e cultivando notícias negativas. Enquanto faltam resultados para apresentar, sobram sinais de tormenta econômica e política no horizonte.

O tamanho do desafio de gestão e de comunicação ficou mais uma vez evidente no caso da inflação dos alimentos, um dos motores do aumento da rejeição ao presidente. Lula postou numa rede social um vídeo, que tinha como cenário uma horta, para prometer empenho total na luta contra a

Telegram @clubederevistas

carestia. Ele foi convencido por auxiliares de que não há medida mágica capaz de derrubar os preços e de que a queda do dólar e a supersafra brasileira ajudarão a aliviar a conta do supermercado. O presidente parecia trilhar um bom caminho até que numa entrevista delegou ao povo a tarefa de controlar a inflação: "Se você vai ao supermercado e desconfia que tal produto está caro, você não compra. Se todo mundo tiver consciência e não comprar aquilo que acha que está caro, quem está vendendo vai ter de baixar para vender, porque senão vai estragar". Mesmo a ex-presidente Dilma Rousseff, que não era propriamente aclamada pelo tirocínio político, censuraria essa declaração. Foi o que ela fez em 2014, quando, em campanha à reeleição, tachou de "extremamente infeliz" a fala de um auxiliar que recomendou à população substituir carne por ovo para driblar a inflação.

Além de dar munição à oposição, o presidente tem contribuído para as trombadas internas de sua equipe. Parlamentares, cientistas políticos e agentes econômicos debitam na conta de Lula a responsabilidade pela percepção generalizada de enfraquecimento do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que luta quase sozinho para equilibrar as contas públicas. No fim do ano passado, Haddad conseguiu aprovar um pacote de contenção de gastos, inclusive com a adoção de um teto para a política de valorização do salário mínimo, mas o plano foi considerado insuficiente para conter o crescimento das despesas obrigatórias e da dívida pública. Visto como derrotado no caso, o ministro evitou reclamar

Telegram @clubederevistas

PEDRO GONTIJO/AGÊNCIA SENADO



ESFORÇO Haddad: luta quase solitária para equilibrar as contas

do chefe, alegando que o presidente — ao vetar determinadas iniciativas — levou em consideração a dimensão social da questão e agiu para impedir que o ajuste recaísse apenas sobre as costas dos mais pobres. Apesar disso, diante da crise de credibilidade do governo na condução da política fiscal, Haddad declarou que novas medidas poderiam ser adotadas. Sob pressão da direita e da esquerda, o ministro sempre trabalhou com a ideia de fazer um ajuste gradativo e tentou fortalecer esse conceito. Faltou combinar com Lula, que afirmou de forma contundente, no fim de janeiro, não haver nova medida fiscal prevista para este ano.

Disciplinado, Haddad não polemiza em público. Nos bastidores, no entanto, reclama da versão de que está fraco

Telegram @clubederevistas

e não poupa críticas ao chefe da Casa Civil, Rui Costa, apontado como o principal sabotador de seu trabalho. A disputa entre os dois é antiga, e Lula, como de praxe, deixa a rusga correr solta. Sob reserva, alguns dos mais importantes auxiliares do presidente dizem que essa rivalidade entre os dois ministros interdita o governo. No Congresso e na Esplanada, políticos afirmam que Rui Costa, o capitão do time, aquele que deveria coordenar os trabalhos, desune, tensiona e atrapalha o elenco. É o que está ocorrendo, por exemplo, na sensível área da segurança pública, que figura no topo das preocupações do eleitorado e é empunhada como bandeira pela direita. Desde que assumiu o Ministério da Justiça, Ricardo Lewandowski tem como prioridade a apresentação de uma "PEC da Segurança Pública", que, além de fortalecer corporações como a Polícia Federal, daria ao governo um discurso para o embate com a oposição. Antes de uma reunião de Lula com os governadores para tratar do tema, Rui Costa disse ao presidente que era contra a PEC. E que não caberia trazer o problema da segurança — de competência dos estados, segundo a Constituição — para dentro do Palácio do Planalto.

A reunião ocorreu, Lula debateu com os governadores e Lewandowski fez ajustes na minuta do texto com base no que ouviu. Mesmo assim, a proposta ainda não foi sequer protocolada no Congresso. Nem será, se depender do irredutível Rui Costa. Não é um caso isolado. Prometida pelo presidente na campanha eleitoral de 2022 e novamente no

Telegram @clubederevistas



FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AGÊNCIA BRASIL

NA GAVETA Lewandowski: proposta do ministro para segurança não andou

ano passado, a Autoridade Climática continua engavetada devido a divergências entre o chefe da Casa Civil e a ministra de Meio Ambiente, Marina Silva. Nas negociações sobre a reforma ministerial, líderes do Centrão estão pressionando pela demissão de Rui Costa, repetindo uma sugestão que o então presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), deu a Lula ainda no primeiro semestre de 2023. Apesar da coleção de atritos e inimizades, o ministro continua firme no cargo e não foge de eventuais desgastes. Em mais um episódio ilustrativo da falta de entrosamento no governo, ele divulgou uma nota para negar a existência de um estudo sobre um possível aumento no valor do Bolsa Família. Foi uma resposta à entrevista na qual o ministro do Desenvolvimento Social, Wellington Dias, deu a entender que o benefício poderia ser melhorado para neutralizar os efeitos da inflação dos alimentos.

Telegram @clubederevistas



ATRITOS Rui Costa: o chefe da Casa Civil não é benquisto por vários colegas

À frente de uma das pastas mais cobiçadas, Wellington Dias não tem uma atuação destacada. No ano passado, sua demissão chegou a ser cogitada porque, segundo governistas, ele gera poucos dividendos de imagem para o presidente, mesmo com instrumentos poderosos à disposição, como o próprio Bolsa Família, cujo orçamento foi de 168,3 bilhões de reais em 2024. Antes esse fosse o seu único problema. O jornal *O Globo* revelou que ONGs contratadas pelo ministério para distribuir quentinhas nas ruas de São Paulo, ligadas a parlamentares do PT, não entregaram as refeições previstas em contrato com o governo federal. O dinheiro desembolsado para garantir marmitas a pessoas em situação de vulnerabilidade, como moradores de rua, foi embolsado sem a devida prestação do serviço. Após a divulgação do caso, o Ministério do Desenvolvimento Social acionou a Polícia Federal e a Controladoria-Geral da

Telegram @clubederevistas

União (CGU) para apurar a suspeita de desvio de verba. Já o partido Novo pediu ao Tribunal de Contas da União (TCU) que investigue o caso e suspenda os repasses às ONGs. A respeito da denúncia, Wellington Dias disse que, se forem comprovadas as irregularidades, as devidas providências serão tomadas no caso.

Como se sabe, escândalos de corrupção abalaram governos anteriores do PT. Hoje, o tema ainda figura entre os principais problemas citados pelo eleitorado, conforme pesquisa divulgada pela AtlasIntel em parceria com a Bloomberg *(veja o quadro ao lado).* Lula considera a questão página virada, mas ela assombra o seu atual mandato. Relatório divulgado pela Transparência Internacional detectou um aumento da percepção pela população de que existe corrupção no Brasil. No ano passado, o país ficou na posição 107 entre 180 nações, a pior registrada desde o início do levantamento. Numa pontuação entre zero, que significa corrupção extrema, e 100, o auge da integridade, o Brasil marcou apenas 34 pontos, empatando, por exemplo, com Argélia e Nepal. Na rodada anterior, o país estava em 104º. Um dos motivos para a piora de desempenho foi o desmonte da luta contra a corrupção nos últimos anos. Titular da CGU, o ministro Vinicius Marques de Carvalho contestou a conclusão da Transparência Internacional. Ele reconhece a gravidade do problema, considera-o multifacetado e afirma que não existe uma bala de prata para resolvê-lo. Mas Carvalho também argumenta que muitas ve-

Telegram @clubederevistas

A PREOCUPAÇÃO DO ELEITOR



Pesquisa da AtlasIntel em parceria com a Bloomberg mostrou que os três principais problemas do país, segundo os entrevistados, estão em áreas nas quais o governo tem pouco a mostrar



CRIMINALIDADE E TRÁFICO DE DROGAS

57,8%



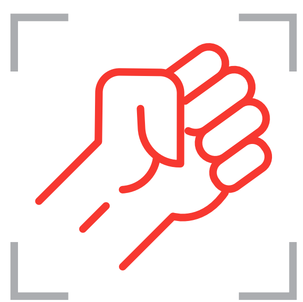
CORRUPÇÃO

49,4%



ECONOMIA E INFLAÇÃO

29,1%



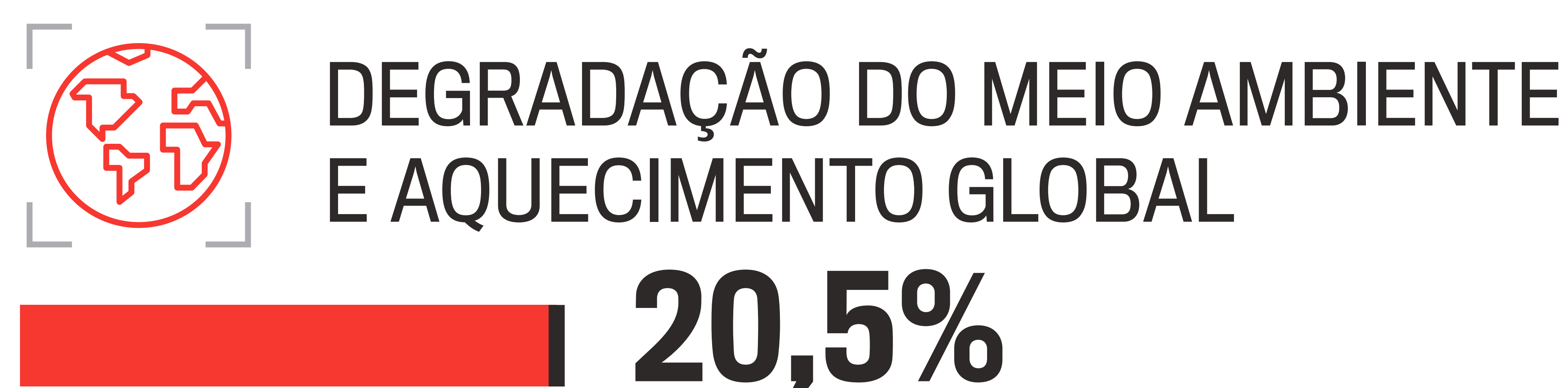
EXTREMISMO E POLARIZAÇÃO POLÍTICA

21,2%

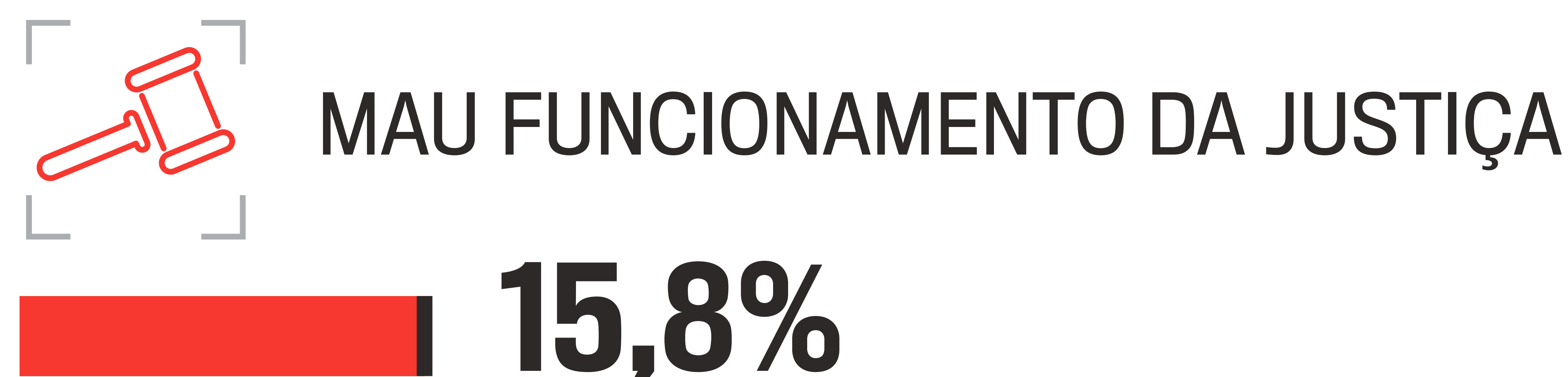
Telegram @clubederevistas

zes a população coloca na conta da corrupção problemas que têm outras origens. “Olham para os serviços públicos eventualmente de baixa qualidade e dizem: ‘Isso aqui é assim por conta da corrupção’ ”. Desvio de verba de quentinha, obviamente, não se enquadra na tese do ministro.

Os problemas não param por aí. Transcorrida a metade do terceiro mandato de Lula, a rejeição aos principais nomes do governo cresceu de forma considerável. De acordo









Telegram @clubederevistas


ROBERTA ALINE/MDS

DENÚNCIA Dias: ONGs receberam o dinheiro, mas não entregaram marmitas a pessoas em situação de vulnerabilidade

com a pesquisa da AtlasIntel/Bloomberg, Lula tem uma imagem positiva para 42% dos entrevistados, e negativa para 51%. Fernando Haddad ostenta números parecidos (42% e 52%). Já a primeira-dama da República, Rosângela da Silva, tão empenhada em “ressignificar” sua função e conquistar protagonismo, colheu um resultado bem pior: 32% de imagem positiva e 58% de negativa. Janja, que representou o governo brasileiro numa reunião do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, na Itália, onde se encontrou com o papa Francisco, tem a imagem muito mais arranhada do que a de Jair Bolsonaro (38% positiva e 57% negativa) e a da ex-primeira-dama Michelle (42% positiva e 52% negativa). Apesar de diferentes pesquisas mos-

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @JANJALULA

REPROVADA Janja com o papa Francisco: imagem negativa apesar do esforço

trarem que a reprovação ao trabalho do presidente e do governo superou, pela primeira vez, a aprovação, Lula continua liderando as pesquisas de intenção de voto para a próxima corrida presidencial, mas vários candidatos de oposição se mostram competitivos. Em alguns cenários, inclusive, Lula aparece em empate técnico com o segundo colocado.

O petista, como admitem seus próprios aliados, tem pouca ou quase nenhuma gordura para queimar. Nada que o impeça de colecionar tropeços. Na segunda 10, Lula criticou prefeitos que elogiam a educação pública, mas matriculam os filhos em instituições de ensino particulares. Numa solenidade oficial, ele disse que o país só dará certo no dia em que a classe média voltar para a escola pública.

Telegram @clubederevistas

Com a declaração, o presidente confrontou o próprio histórico familiar, já que quatro de seus filhos estudaram em escola particular na década de 1990. Foi mais uma bola fora do outrora craque da política. E o jogo vai ficar mais duro. Haddad já avisou o presidente de que o crescimento em 2025 será menor do que no ano passado, algo entre 2% e 2,5%, mas que isso será importante para debelar a inflação e pavimentar o caminho para um novo impulso do PIB em 2026, ano eleitoral. Resta saber qual será o impacto dessa desaceleração no bolso do eleitorado. Há temor de que Lula possa apelar para o populismo e iniciativas eleitoreiras a qualquer sinal de maior desgaste.

Decisões equivocadas, problemas na economia, tropeços políticos, corrupção, falta de sintonia entre os ministros. Por enquanto, certa mesmo só a reformulação na estratégia de comunicação, centrada na autopromoção do presidente, que, às vezes, parece alheio à realidade. Numa mensagem publicada na quarta 12, Lula disse que tem dois anos “primorosos” pela frente, os mais importantes da vida dele, nos quais precisa entregar tudo aquilo que prometeu. Precisa mesmo. Se quiser recuperar prestígio, o presidente tem de lacrar, engajar, influenciar e ganhar likes não só nas redes sociais, mas principalmente no exercício da função para a qual foi eleito. Caminhar na direção correta seria um bom começo. ■

Colaboraram Laryssa Borges e Marcela Mattos

Telegram @clubederevistas

O BONDE DO PERDÃO

Anistia ao 8 de Janeiro, ataque à Ficha Limpa e movimento para livrar envolvidos em escândalos de emendas vão desafiar instituições a resistir ao combo da insensatez **MARCELA MATTOS**



CAMPANHA Manifestação em Brasília: deputados marcharam pelos corredores do Congresso defendendo a pauta

DIVULGAÇÃO

A MISSÃO do novo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), é de uma delicadeza ímpar. Ele foi apoiado por um bloco formado por dezessete partidos, representantes de praticamente todo o espectro político do Congresso, de bolsonaristas a comunistas. Para reunir tantas figuras diferentes no barco de sua candidatura, o parlamentar costurou uma série de acordos. Com o PT, por exemplo, teria assumido o compromisso de avalizar o nome de um petista para ocupar a próxima vaga de ministro no Tribunal de Contas da União. Com o PL, dono da maior bancada, o acordo passaria pela votação de projetos de interesse da sigla. Um deles é o que prevê anistia aos condenados pelos ataques ao Congresso, ao Planalto e ao Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 8 de janeiro de 2023. Na campanha, sempre que era questionado sobre esse assunto, Motta desconversava, justificando que o tema era polêmico, dividia opiniões, acirrava ânimos e gerava tensão entre os poderes. Anistia e impunidade, afinal, costumam caminhar juntas.

Na semana passada, porém, o presidente da Câmara dividiu opiniões, acirrou os ânimos e gerou tensão entre os poderes ao minimizar a natureza dos distúrbios do 8 de Janeiro. “Golpe tem que ter um líder, golpe tem que ter uma pessoa estimulando, tem que ter apoio de outras instituições interessadas, como as Forças Armadas. Não teve isso. Ali foram vândalos, baderneiros com inconformidade com o resultado da eleição, demonstrando sua revolta,

Telegram @clubederevistas



MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

GOLPISMO 8 de janeiro: ideia é convencer opinião pública a chancelar perdão

achando que aquilo ali poderia resolver talvez o não prosseguimento do mandato do presidente Lula. E o Brasil foi muito feliz na resposta", disse o deputado. A declaração foi interpretada como um sinal de que o projeto que prevê anistia geral aos condenados, apesar de inconveniente e absurdo, conta no mínimo com a simpatia do presidente da Câmara — com isso, pode sair do limbo e, quem sabe, até ser votado em plenário ainda este ano.

A opinião do deputado ganhou o surpreendente endosso do ministro da Defesa, José Múcio Monteiro. Em entrevista, ele defendeu penas diferenciadas entre "quem quebrou uma cadeira" e quem armou um golpe. "O que eu defendo é uma dosimetria. Eu acho que, na hora que você sol-

Telegram @clubederevistas



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL



MARINA RAMOS/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ACENOS Múcio e Motta: "agressão às instituições" feita por "baderneiros"

ta um inocente, uma pessoa que não teve um envolvimento muito grande, é uma forma de pacificar. Esse país precisa pacificar, ninguém aguenta mais radicalismo", afirmou. Enquanto isso, nos bastidores, Jair Bolsonaro e o presidente do seu partido têm se engajado pessoalmente em buscar adesões pró-anistia. Enquanto Valdemar Costa Neto sai em busca de dirigentes do Centrão, entre eles do União Brasil, PSD e Republicanos, o ex-presidente define estratégias para convencer parlamentares e a opinião pública a chancelar um perdão generalizado. Nos últimos dias, deputados marcharam pelos corredores aos gritos de "Anistia já!" e até levaram para o Congresso a mulher de um caminhoneiro condenado a catorze anos pelos atos de 8 de

Telegram @clubederevistas



REPRODUÇÃO

FICHA SUJA Bolsonaro: proposta de reduzir inelegibilidade para dois anos

janeiro — segundo ela, o marido foi punido injustamente. Diante das câmeras e cercada de seus filhos, entre eles um bebê de 10 meses, ela se emocionou e pediu "misericórdia". Em setembro do ano passado, Bolsonaro já tinha gravado um vídeo ao lado da família e fez um apelo aos senadores a assinarem "a questão do impeachment" de ministros do Supremo. "Estão roubando o futuro dessas crianças", afirmou.

Há no Congresso diferentes projetos sobre a anistia. O principal deles prevê um perdão indiscriminado a quem participou de manifestações em qualquer lugar do país entre 30 de outubro de 2022 até a data em que a lei entrar em vigor. Outras propostas preveem a anistia também a quem financiou ou apoiou protestos relacionados às últimas eleições presidenciais. Não são notícias alvissareiras, principalmente quando se constata que elas fazem parte de um combo.

Em outra frente, deputados e senadores ligados a Jair Bolsonaro articulam a aprovação de um projeto que altera a chamada Lei da Ficha Limpa, que impede que pessoas condenadas por crimes como corrupção e abuso de poder, entre outros, disputem eleições. Hoje, os fichas-sujas ficam inelegíveis por oito anos. A proposta em análise reduz a punição para apenas dois anos. Há muitos interessados nessa mudança, mas sem dúvida o principal deles é o próprio Bolsonaro. O ex-presidente foi condenado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por abuso de poder político durante a campanha de 2022. Estaria, portanto, apto a disputar uma nova eleição apenas em 2030. No início do mês, ele se reuniu com o deputado Bibo Nunes (PL-RS), autor do projeto que reduz o prazo de inelegibilidade, que, se aprovado, o reabilitaria a concorrer em 2026. O argumento é que o ex-presidente e outros políticos da direita sofrem perseguição por parte do Judiciário. “É casuístico mesmo, isso nós não vamos negar”, afirma o deputado Sóstenes Cavalcante, líder do PL na Câmara. “O que foi feito com o Bolsonaro é arbitrário e totalmente injusto, ele não merece essa punição. A gente poderia resolver isso até com uma anistia exclusiva para ele. Ele foi punido por fazer reunião com embaixadores. Qual é o abuso disso?”, ressalta.

A Lei da Ficha Limpa é uma conquista da sociedade que está permanentemente sob ataque. Em 2023, um projeto aprovado na Câmara fixou a inelegibilidade em no

Telegram @clubederevistas


LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

NOS BASTIDORES Plenário: rumores sobre pacto para enterrar investigações da polícia sobre emendas parlamentares

máximo oito anos — a contagem começa após o cumprimento de uma eventual pena criminal. Na mesma entrevista em que desclassificou a tentativa de golpe, o presidente da Câmara também indicou ser favorável a mudanças na Lei da Ficha Limpa ao dizer que "oito anos são quatro eleições, um tempo extenso demais na minha avaliação". A oposição, claro, comemorou mais uma vez. "Com o *(ex-presidente)* Arthur Lira, esse projeto não ia andar. Mas eu senti firmeza no Hugo", afirma o deputado Bibo Nunes, autor da proposta. Idealizador da Ficha Limpa, o advogado Márlon Reis já tem engatilhada uma ação para ser ingressada no STF caso as mudanças sejam aprova-

Telegram @clubederevistas


ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

OBJETIVO O deputado Sóstenes: "É casuístico mesmo, não vamos negar"

das. "O que se está tentando é deixar como não ocorrido o que de fato aconteceu nos últimos anos, tanto em matéria eleitoral quanto em matéria criminal relativa aos casos de atentado ao estado democrático de direito", critica.

Uma terceira frente, essa ainda mais silenciosa, toca o que hoje é um dos principais motivos de dor de cabeça no Congresso. Em meio à investida do ministro Flávio Dino, do STF, contra a balbúrdia das emendas parlamentares, a nova cúpula do Congresso, muito reservadamente, passou a estudar uma proposta de acordo que colocaria um ponto-final no embate entre o Legislativo e o Judiciário sobre o assunto. A ideia é definir um marco temporal a partir do qual sejam adotados os critérios de transparência e de fis-

Telegram @clubederevistas


GUSTAVO MORENO/STF

BALBÚRDIA Dino: o ministro cobra transparência na destinação dos recursos

calização das emendas exigidos pelo Supremo que valeria a partir de agora. A medida, na prática, enterraria inúmeras investigações da Polícia Federal sobre desvios de recursos do Orçamento federal detectados nos últimos quatro anos. Nos bastidores, percebe-se uma preocupação generalizada das lideranças partidárias com o avanço de alguns inquéritos — preocupação que atinge praticamente todos os partidos, ressalte-se. A pressão pelo bonde da impunidade só cresce — autoridades dos três poderes têm um encontro marcado no fim deste mês e o assunto deve entrar em pauta. Será um teste de fogo para as instituições resistirem ao combo da insensatez. O Brasil só tem a perder com qualquer retrocesso nesse campo. ■

Telegram @clubederevistas

VAI TER MUITO BARULHO

Parlamentares bolsonaristas se preparam para assumir comissões importantes do Congresso e prometem colocar em pauta temas polêmicos

RICARDO CHAPOLA E **LARYSSA BORGES**



AGENDA Damares: a senadora planeja visitar presos pelo 8 de Janeiro na Papuda

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

Telegram @clubederevistas

A SENADORA Damares Alves (Republicanos-DF), ex-ministra dos Direitos Humanos de Jair Bolsonaro, esteve no topo da lista dos auxiliares mais populares do governo passado. Pastora evangélica, ganhou projeção política pela defesa radical contra qualquer tipo de aborto, incluindo vítimas de estupro. Amiga da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, ela deve assumir em março a presidência da Comissão de Direitos Humanos do Senado (CDH), o que tem gerado expectativas em determinados setores e calafrios em outros, especialmente entre os partidos de esquerda. O cargo vai conferir à parlamentar poderes para organizar a pauta, selecionar projetos que considerar prioritários, escolher os relatores e até desem-



BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

POLÊMICA Protestos: a liberação ou proibição do aborto divide opiniões

Telegram @clubederevistas

patar uma votação. Ou seja, propostas que tratam de questões relacionadas às mulheres, família, pessoas com deficiência e idosos passarão necessariamente pelo crivo da ex-ministra antes de se transformarem em lei.

Defensora da anistia aos condenados pelos ataques de 8 de janeiro de 2023 e, por tabela, ao próprio Bolsonaro *(veja a reportagem "O bonde do perdão"),* Damares pretende inaugurar os trabalhos da comissão com uma visita aos mais de 300 condenados pelo quebra-quebra que hoje cumprem pena no presídio da Papuda, em Brasília. A estratégia é tentar impor desgaste ao governo petista, historicamente simpático defensor de direitos dos presos, e constranger o Supremo Tribunal Federal (STF), a quem caberá julgar o ex-presidente por golpe de Estado. A senadora também planeja priorizar a votação de projetos polêmicos, entre eles, os que proíbem aborto em qualquer circunstância, criminalizam o uso de drogas e restringem tratamentos para mudança de sexo. "Presidir uma comissão como essa é fundamental porque dá visibilidade à oposição, mesmo para temas que não têm chance de serem aprovados", diz a deputada federal Bia Kicis (PL-DF), ex-presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara.

O palanque das comissões pode mesmo ser valioso. Um dos pilares da plataforma eleitoral que levou Jair Bolsonaro à vitória em 2018, a chamada pauta de costumes não tem o condão de, por si só, definir o vencedor de uma eleição, mas, dependendo do cenário político, pode ser decisi-

Telegram @clubederevistas


EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

DISCURSO Flávio: "Isso vai fortalecer os nossos candidatos em 2026"

va. "Avançar na luta pela hegemonia na guerra cultural, ocupando e conseguindo vitórias no plano parlamentar, fortalece as lideranças de direita para os embates que serão travados em 2026", avalia Alberto Aggio, professor de ciências políticas da Unesp. Um estudo recente da consultoria Mar Asset Management fornece um número que permite avaliar o raio de influência que o discurso conservador representa. No ano que vem, a população evangélica, hoje em maior parte refratária às ideias mais liberais, deve atingir o patamar de 35,8% da população, o que, em tese, afirma o levantamento, pode colocar em risco a competitividade do projeto eleitoral de Lula.

Telegram @clubederevistas



WALMOR CARVALHO/FOTOARENA

16 ANOS Maioridade: proposta voltará à pauta na Comissão de Segurança

A ordem, portanto, é ocupar os espaços — ou melhor, fazer barulho. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) assumirá a presidência da Comissão de Segurança Pública do Senado. Levantamento AtlasIntel, divulgado na terça-feira 11, mostra que a segurança pública está no topo das prioridades da população — 57,8% dos brasileiros entrevistados dizem que a criminalidade e o tráfico de drogas lideram o rol de suas preocupações. “Ser presidente da comissão vai ajudar a dar visibilidade a pautas conservadoras, sem aquela preocupação com os direitos humanos defendidos pelo atual governo, que advoga pelo desencarceramento em massa e tem uma visão romântica sobre os bandidos”, afir-

Telegram @clubederevistas

ma o senador, que, entre vários temas, vai insistir na redução da maioridade penal para 16 anos. "Isso vai fortalecer o discurso dos nossos candidatos em 2026", acredita.

Nos últimos anos, a polarização evitou que a chamada pauta de costumes avançasse no Congresso. Por isso, propostas em que não há consenso têm sido usadas como moeda de troca para atender a interesses políticos de ocasião. Faz tempo que no radar dos parlamentares de direita estão projetos que proíbem o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, que permitem a castração química de condenados por crimes sexuais e a criminalização da posse de drogas. A esquerda, por sua vez, sempre defendeu a descriminalização do aborto e do porte de maconha para uso pessoal. Um exemplo de como esse embate tem servido apenas como munição para atingir objetivos políticos ocorreu no fim de 2023, quando o STF anunciou que colocaria na pauta de julgamentos dois processos que poderiam resultar na descriminalização do porte de drogas e também do aborto realizado nas primeiras semanas de gestação.

Na época, Congresso e STF mediam forças. Deputados e senadores reclamavam de uma suposta interferência indevida do Judiciário em assuntos legislativos. Os parlamentares tiraram da gaveta um projeto que criminalizava a posse e o porte de drogas independentemente da quantidade e outro que igualava ao crime de homicídio o aborto realizado após 22 semanas de gestação. As propostas alimentaram os embates entre esquerda e direita, mas, no fim, serviram apenas

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @BOLSONAROSP

COM TRUMP Eduardo Bolsonaro: favorito à Comissão de Relações Exteriores

para que os presidentes da Câmara e do Senado reforçassem suas posições de liderança. Na prática, nada mudou — e não há por que pensar que agora vai ser diferente. Desde o retorno dos trabalhos do Legislativo, há duas semanas, a oposição organiza reuniões periódicas para discutir quais assuntos têm potencial para fustigar o governo. O próprio Jair Bolsonaro enviou mensagem a parlamentares aliados com sugestões sobre o que deve ser explorado: "A marca da direita: menos impostos, liberdade econômica/religiosa/expressão, pix, política externa, legítimo direito à defesa, propriedade privada, defesa da democracia/família", escreveu.

Partido da família Bolsonaro, o PL ainda se articula para tentar ocupar outros colegiados estratégicos na Câmara: a Comissão de Saúde, cobiçada por movimentar grandes fatias

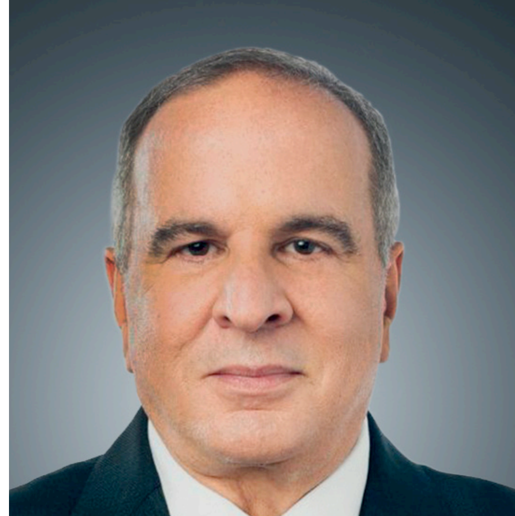
Telegram @clubederevistas



STEFAN WERMUTH/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

NO ALVO OMS: parte da direita quer pedir a saída do Brasil da organização

do Orçamento, a Comissão de Fiscalização Financeira e Controle, que pode ser usada para investigar autoridades do governo, e a Comissão de Relações Exteriores, onde pretende abrigar o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Fiel à cartilha de Donald Trump, o parlamentar vê no cargo a possibilidade de produzir grandes estrondos no momento em que o país se prepara para sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP30) e a cúpula do Brics. Nas redes sociais, ele já deu o tom do que seria sua atuação. Vai defender, por exemplo, assim como fez o presidente americano, a saída do Brasil da Organização Mundial da Saúde (OMS), farol das políticas sanitárias ignoradas pelo pai dele durante a pandemia. Sabe que a chance disso acontecer é zero. Mas o que importa mesmo é fazer barulho. ■



Telegram @clubederevistas

MURILLO DE ARAGÃO

FICHA LIMPA EM RISCO

Mudanças na lei não podem ocorrer sem um amplo debate

A LEI DA FICHA LIMPA representa um marco na legislação eleitoral brasileira ao estabelecer critérios mais rigorosos para a elegibilidade de candidatos. Seu objetivo principal é impedir a candidatura de indivíduos condenados por órgãos colegiados por crimes como corrupção, improbidade administrativa e outros delitos graves. No entanto, desde sua implementação, a legislação tem sido alvo de diversas tentativas de modificação, o que levanta preocupações sobre seus impactos na democracia brasileira. A origem da Lei da Ficha Limpa remonta a um movimento de iniciativa popular que coletou mais de 1,6 milhão de assinaturas para pressionar o Congresso a aprovar normas mais rigorosas sobre inelegibilidade. A lei foi sancionada em 2010 e considerada constitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2012. Desde sua criação, tem sido um instrumento de depuração política, impedindo a candidatura de vários políticos com histórico de condenações. Seu impacto foi significativo ao longo

Telegram @clubederevistas

dos anos, alterando a dinâmica das eleições e aumentando a percepção pública sobre a importância da moralidade na administração pública.

Diversas propostas legislativas e decisões judiciais têm buscado flexibilizar a aplicação da Lei da Ficha Limpa. Algumas das principais tentativas incluem a redução do período de inelegibilidade, atualmente de oito anos para aqueles condenados por órgãos colegiados, permitindo que políticos voltem a concorrer mais rapidamente. Outra proposta visa a alterar os critérios de condenação, restringindo a inelegibilidade apenas a condenações definitivas, ou seja, após o trânsito em julgado, o que na prática retardaria a aplicação da lei e possibilitaria que candidatos concorressem mesmo após condenação em segunda instância.

Um dos projetos de lei sobre o tema está na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara e tem

“A flexibilização traria impactos negativos para a democracia, como o retrocesso no combate à corrupção”

Telegram @clubederevistas

relatoria do deputado Filipe Barros (PL-PR), propondo que o prazo de inelegibilidade seja reduzido para dois anos. A proposta ganhou força após o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), sinalizar que considera oito anos um tempo excessivo para inelegibilidade. O tema não deve ser decidido sem um amplo debate. A flexibilização traria impactos negativos para a democracia brasileira, como o retrocesso no combate à corrupção, favorecendo a volta de políticos condenados e enfraquecendo a responsabilização. A percepção de que a legislação está sendo enfraquecida pode gerar desilusão no eleitorado, reduzindo o engajamento cívico e a credibilidade das instituições. Além disso, políticos condenados poderiam retornar mais rapidamente às disputas, comprometendo a competição justa e equitativa entre candidatos com histórico limpo e aqueles com problemas judiciais.

Considerando que, mesmo com a Lei da Ficha Limpa, ainda não foi possível eliminar a presença de políticos com histórico de irregularidades, reduzir o período de inelegibilidade para apenas dois anos enfraqueceria ainda mais os mecanismos de depuração política. Pode-se, evidentemente, discutir se o prazo e as exceções existentes na legislação atual são adequados. No entanto, a redução desse prazo é incompatível com o desejo de construir uma democracia funcional e comprometida com a ética. ■

Telegram @clubederevistas

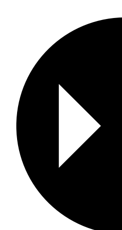
O ÚLTIMO ATO

Os bastidores da disputa pelo espólio do outrora poderoso PSDB, que pode desaparecer do cenário em processo de associação com outra legenda

RAMIRO BRITES E **BRUNO CANIATO**



ENTRAVES Marconi Perillo: presidente da sigla queria anunciar alguma definição em março, mas optou pelo adiamento



ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

Telegram @clubederevistas

O ANO DE 2025 será o triste epílogo de uma história de mais de três décadas na política nacional. Após comandar o país entre 1995 e 2002 e ser o principal partido de oposição nas décadas seguintes, o PSDB tem experimentado o declínio, principalmente após 2018, quando o bolsonarismo roubou-lhe o posto de principal adversário do PT e passou a abrigar os eleitores identificados com a direita. Aos reveses que tem sofrido, como a derrota em redutos importantes, a debandada em massa de prefeitos para outras legendas e a perda de relevância nas discussões dos principais temas nacionais, soma-se uma preocupação real: o enxugamento das bancadas no Congresso, principalmente na Câmara, o que aumenta a apreensão interna sobre a possibilidade de desaparecimento, pela linha de corte imposta pela cláusula de barreira. Algum tipo de associação com partidos maiores pode ser a tábua da salvação para os tucanos que têm mandato. Sem isso, há risco real de a legenda ficar sem o fundo partidário e sem tempo de televisão e rádio para propaganda eleitoral. Desde a eleição municipal, intensificaram-se as conversas com lideranças de outros partidos, e a decisão sobre qual será o destino do espólio do PSDB é só uma questão de tempo.

Os tucanos hoje estão federados com o Cidadania, mas a aliança acordada há apenas três anos é alvo de críticas em ambos os lados e deve ser desfeita em maio. Há conversas sobre se fazer um acordo parecido com Podemos e Solidariedade, mas não existe muito otimismo

Telegram @clubederevistas

ANTONIO MOLINA/FOLHAPRESS



IRONIA Baleia Rossi: MDB seria uma volta para casa pela porta dos fundos

quanto ao avanço nessas frentes. As negociações mais promissoras envolvem siglas maiores, como o PSD, de Gilberto Kassab, que deseja incorporar a legenda. Já o Republicanos propõe a fusão das siglas. O MDB também faz acenos para os tucanos — nessa hipótese, eles fariam uma espécie de volta para casa pela porta dos fundos, pois o PSDB surgiu em 1988 exatamente de uma costela do MDB, com o discurso de separar de lá a elite política para construir o projeto da social-democracia, inspirado nos grandes exemplos europeus.

Telegram @clubederevistas

LECO VIANA/THENEWS2/ZUMAPRESS/ALAMY/FOTOARENA



PROPOSTA Gilberto Kassab: PSD quer incorporação para aumentar bancada

Apesar da fase acelerada de decadência, o partido dos tucanos ainda tem valor na praça. Com os treze deputados do PSDB, qualquer uma dessas legendas teria a terceira maior bancada da Câmara. Divergências entre quadros locais e os instrumentos jurídicos necessários pesam na decisão. Em uma fusão, os dirigentes das siglas envolvidas precisam elaborar um estatuto comum, resultando na extinção dos grupos originais e no surgimento de uma nova legenda, com nome, número de registro e programa próprios. No caso de uma incorporação, movimento com-

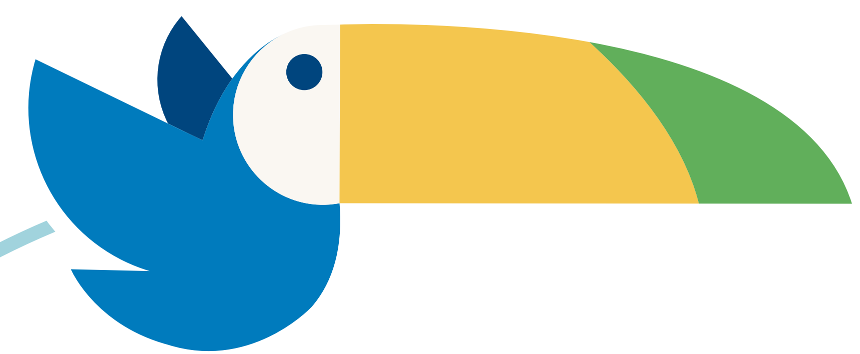
Telegram @clubederevistas

parado a uma "fagocitose" partidária, apenas o partido incorporado deixa de existir, enquanto o incorporador pode manter a identidade e a estrutura já existentes.

A proposta de incorporação ao PSD, de Gilberto Kassab, foi mal recebida pelo deputado federal Aécio Neves (MG), umas das principais lideranças tucanas. "Está fora

ALTOS E BAIXOS

Partido já governou o país e foi a principal força de oposição até 2018



INÍCIO





PSDB é fundado em 1988 como uma dissidência do antigo PMDB, com proposta de defesa da social-democracia e liberalismo econômico

ERA FHC





Seis anos após a fundação e na esteira do sucesso do Plano Real, o PSDB chega à Presidência em 1994, com Fernando Henrique Cardoso. O governo tucano controla a inflação e promove a desestatização da máquina pública e a abertura econômica. FHC se reelege, mas não faz sucessor

Telegram @clubederevistas

de cogitação, não só em relação ao PSD, mas a qualquer partido. Acho, inclusive, um desrespeito ao PSDB e a sua história a proposta de incorporar o partido para resolver meia dúzia de situações regionais", afirma. O diálogo com o Republicanos ocorreu na esteira da ascensão do deputado Hugo Motta (PB) à presidência da Câmara, no início do mês, e do estreitamento com a bancada tucana. A proposta ganhou a simpatia dos líderes do PSDB porque integrantes do Republicanos se mostraram dispostos a uma fusão, com a incorporação de parte da "Social Democracia" no nome. O tucano, símbolo máximo do PS-

SÃO PAULO



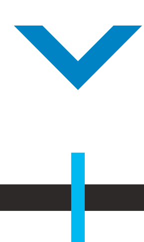
O partido rompe a hegemonia do PMDB e elege Mario Covas governador, em 1994. A partir daí, comanda o governo do estado por 28 anos, com exceções pontuais. Nesse período, governadores como José Serra e Geraldo Alckmin se candidatam à Presidência, mas não se elegem

Telegram @clubederevistas

DB, e o número 45 nas urnas, no entanto, ficariam de fora. Já com o MDB, as conversas devem avançar na próxima semana. O presidente da legenda, Baleia Rossi (SP), prefere não entrar em detalhes, mas afirma que não fecha nenhuma porta. A avaliação entre os emedebistas é que o próximo passo a ser dado deve ser do PSDB, que precisa decidir a qual força quer se aliar.

Prevista inicialmente para março, a decisão sobre o futuro tucano precisou de um "freio de arrumação", segundo dirigentes do partido. A equação, afirmam, tem muitas variáveis que não serão resolvidas "no afogadi-

OPOSIÇÃO



A partir da eleição de Lula, em 2002, o PSDB passa a ser a principal força política de oposição aos governos petistas

DENÚNCIAS



As principais lideranças tucanas são citadas em escândalos de corrupção, em casos conhecidos como mensalão tucano, Lava-Jato e cartéis de trens. Nenhuma delas é condenada em última instância

Telegram @clubederevistas

lho". Entre os principais entraves estão as articulações locais. Em Goiás, por exemplo, uma eventual aliança com o MDB já tem um conflito à vista. O presidente nacional do PSDB, Marconi Perillo, é ferrenho adversário do governador Ronaldo Caiado (União Brasil), que tem como vice e principal candidato à sucessão o emedebista Daniel Vilela. Já numa eventual união com o PSD, sobraria pouco espaço para Aécio em Minas, uma vez que o partido tem lideranças fortes no estado, como o senador Rodrigo Pacheco e o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira. A decisão sobre o caminho a ser escolhido

2014





Então presidente do PSDB, Aécio Neves perde por pouco as eleições para Dilma Rousseff e é derrotado também ao pedir a recontagem dos votos

FORA DO JOGO





Na onda da negação da política tradicional, o empresário João Doria se elege prefeito de São Paulo em 2016 e governador do estado, dois anos depois. Em 2021, vence a prévia interna e tenta se lançar à Presidência, mas o próprio partido inviabiliza a candidatura

Telegram @clubederevistas

ainda passa pelos três governadores tucanos: Eduardo Riedel, de Mato Grosso do Sul, Raquel Lyra, de Pernambuco, e Eduardo Leite, do Rio Grande do Sul.

A situação atual representa um forte contraste com o passado de uma agremiação que viveu um longo período de glórias e teve papel importante em conquistas da vida nacional. Sob a tutela do presidente Fernando Henrique Cardoso, o partido fez o Brasil vencer a inflação com o Plano Real, estabeleceu parâmetros fundamentais como a Lei de Responsabilidade Fiscal e realizou privatizações bem-sucedidas. No âmbito estadual, várias outras lide-

FIM DO REINADO



Em 2022, perde a hegemonia na política paulista com a vitória de Tarcísio de Freitas, do Republicanos, para o governo estadual. Prefeitos tucanos migram em massa para partidos como o PSD

FEDERAÇÃO



Em 2022,forma federação com o Cidadania, mas composição perde força dois anos depois, com críticas de ambos os lados

Telegram @clubederevistas

ranças tiveram relevância, a exemplo de governadores como Mario Covas (São Paulo), Tasso Jereissati (Ceará), José Richa (Paraná), Marcello Alencar (Rio de Janeiro) e Eduardo Azeredo (Minas Gerais).

As sucessivas derrotas para o PT nas eleições presidenciais, entre 2002 e 2014, marcaram a perda de força da sigla no plano nacional. Em 2018 o partido teve uma votação pífia na eleição presidencial, o que contribuiu para abrir espaço para o surgimento de uma nova liderança contra a esquerda no país, o bolsonarismo. Quatro anos depois, um vexame ainda maior: após uma concorrida e tumultuada disputa de prévias presidenciais, João Doria deixou o cargo de governador de São Paulo para concorrer, mas foi boicotado pelos próprios companheiros de legenda e não conseguiu viabilizar candidatura. Fora do poder, as fragilidades dos tucanos ficaram ainda mais expostas, como as divisões internas e a baixa taxa de renovação de lideranças. “Uma falha histórica do PSDB foi se enclausurar em São Paulo e fagocitar as lideranças de outros estados, priorizando a sobrevivência dos próprios caciques”, afirma Aspásia Camargo, diretora do Instituto Teotônio Vilela, entidade de formação política do PSDB. Outro erro apontado por ela foi concentrar o discurso, ao longo das décadas, no enfrentamento aos petistas. Para Fernando Bizzarro, professor de ciência política da Boston College, o partido sofreu por se transformar nos últimos tempos em um “saco de gatos do antipetismo”: “O

Telegram @clubederevistas


TON MOLINA/FOTOARENA

OPOSIÇÃO Aécio Neves: fortemente contrário ao movimento de aproximação a legendas como o PSD

PSDB nunca conseguiu transformar o eleitor contumaz em tucano militante".

No processo acelerado de decadência, outro golpe fatal ocorreu quando o PSDB perdeu seu histórico e principal bastião, o comando do estado de São Paulo. Na ocasião, a eleição de Tarcísio de Freitas (Republicanos) sepultou quase três décadas de hegemonia tucana no Palácio dos Bandeirantes. Cada vez mais sem rumo, as lideranças da sigla fizeram uma aposta de alto risco nas últimas eleições municipais. Ironia das ironias para um partido de plumagem aristocrática, escolheram como cabeça

Telegram @clubederevistas


ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

LEGADO FHC: estabilização da moeda e medidas de responsabilidade fiscal

de chapa para a disputa da maior metrópole do país um apresentador de TV, José Luiz Datena. Na campanha, ele se destacou mais pelo desequilíbrio, como no episódio da cadeirada no adversário Pablo Marçal durante um debate —, e acabou em quinto lugar, com 1,8% dos votos. “A impressão é que o PSDB pagou o preço de ter vergonha de sua própria trajetória”, afirmou Rubens Figueiredo, cientista político e professor da USP. Grandes e arrojadas iniciativas como o Plano Real e as privatizações ficaram no passado. O futuro agora envolve o dilema de ter que desaparecer para sobreviver. Triste fim. ■

Telegram @clubederevistas

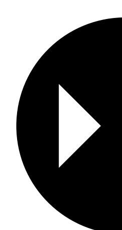
TROPA NA CADEIA

Envolvimento de policiais de São Paulo com o crime organizado coloca secretário sob pressão e reforça alerta nacional sobre a infiltração dessas facções nas forças de segurança

LAÍSA DALL'AGNOL E **ISABELLA ALONSO PANHO**


CELSO SILVA/GOVERNO DO ESTADO DE SP

ANÚNCIO Guilherme Derrite: mudanças grandes na cúpula dos principais departamentos



Telegram @clubederevistas

PELOS CRITÉRIOS internacionais, o crime organizado começa a sair do controle quando as facções passam a se infiltrar nas instituições. O Brasil pode estar chegando a um ponto crítico e o esforço para a limpeza das forças de segurança realizado no momento em São Paulo é um exemplo do tamanho do desafio para tentar barrar esse processo. A crise começou com o assassinato à luz do dia do empresário Vinícius Gritzbach na área de desembarque do aeroporto mais movimentado do país, o GRU Airport, em Guarulhos, nos arredores de São Paulo, em novembro passado. Gritzbach estava no meio de um processo de delação premiada no qual prometia entregar membros do Primeiro Comando da Capital (PCC) e agentes corruptos ligados a essa facção. Até a última quinta, 13, na esteira da investigação sobre o caso, 22 policiais, entre civis e militares, foram presos por envolvimento no crime. Um mandado de prisão também foi expedido para um traficante ligado ao PCC, suspeito de ser o mandante. Até o final da tarde ele ainda não havia sido localizado.

Além do alto número de envolvidos, impressiona o fato de vários deles ocuparem cargos de chefia em setores importantes da segurança. Um deles é Fábio Pinheiro, o Fábio Caipira, ex-chefe do Departamento de Investigações Criminais (Deic). Outro exemplo graúdo é o delegado Fábio Baena, que atuava no Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) e agora está preso. Acabaram sendo detidos também os investigadores Rogério de Almeida Felício,

Telegram @clubederevistas


REPRODUÇÃO

PRESO Fabio Baena: delegado é suspeito de cobrar propina de delator do PCC

conhecido como Rogerinho, e Eduardo Monteiro, que é sobrinho da Corregedora-Geral da Polícia Civil, Rosemeire Monteiro de Francisco Ibanez (ela pediu afastamento das funções com a repercussão do caso).

A crise vem gerando enorme pressão sob Guilherme Derrite, secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Deputado federal pelo PL, ele é uma das peças mais importantes da equipe de Tarcísio de Freitas, a ponto de ser cotado como um possível sucessor do chefe nas eleições de 2026, caso o governador deixe o Palácio dos Bandeirantes para tentar concorrer à Presidência da República. À frente da Segurança, Derrite implementou uma política de linha dura no combate ao crime, obtendo vitórias impor-

Telegram @clubederevistas

CONTENÇÃO DE DANOS

Os principais problemas e mudanças ocorridos nas últimas semanas

- **22 policiais, sendo 17 militares e 5 civis,** foram presos no final do ano passado por envolvimento no assassinato do delator do PCC

- **Diretores** de órgãos importantes da estrutura da SSP, como **Deic, Denarc e Corregedoria,** foram substituídos em janeiro deste ano

- **O delegado de classe especial,** a mais alta patente da Polícia Civil, **Alberto Pereira Matheus Junior,** é alvo de mandados de busca e apreensão, no início de fevereiro, durante investigação sobre corrupção na corporação

- **4 diretores de departamento** foram afastados no dia 10 de fevereiro. Trocas atingem órgãos relevantes como **Dipol,** que concentra a Inteligência da Polícia Civil, e **Demacro,** responsável pelas delegacias da Região Metropolitana de São Paulo

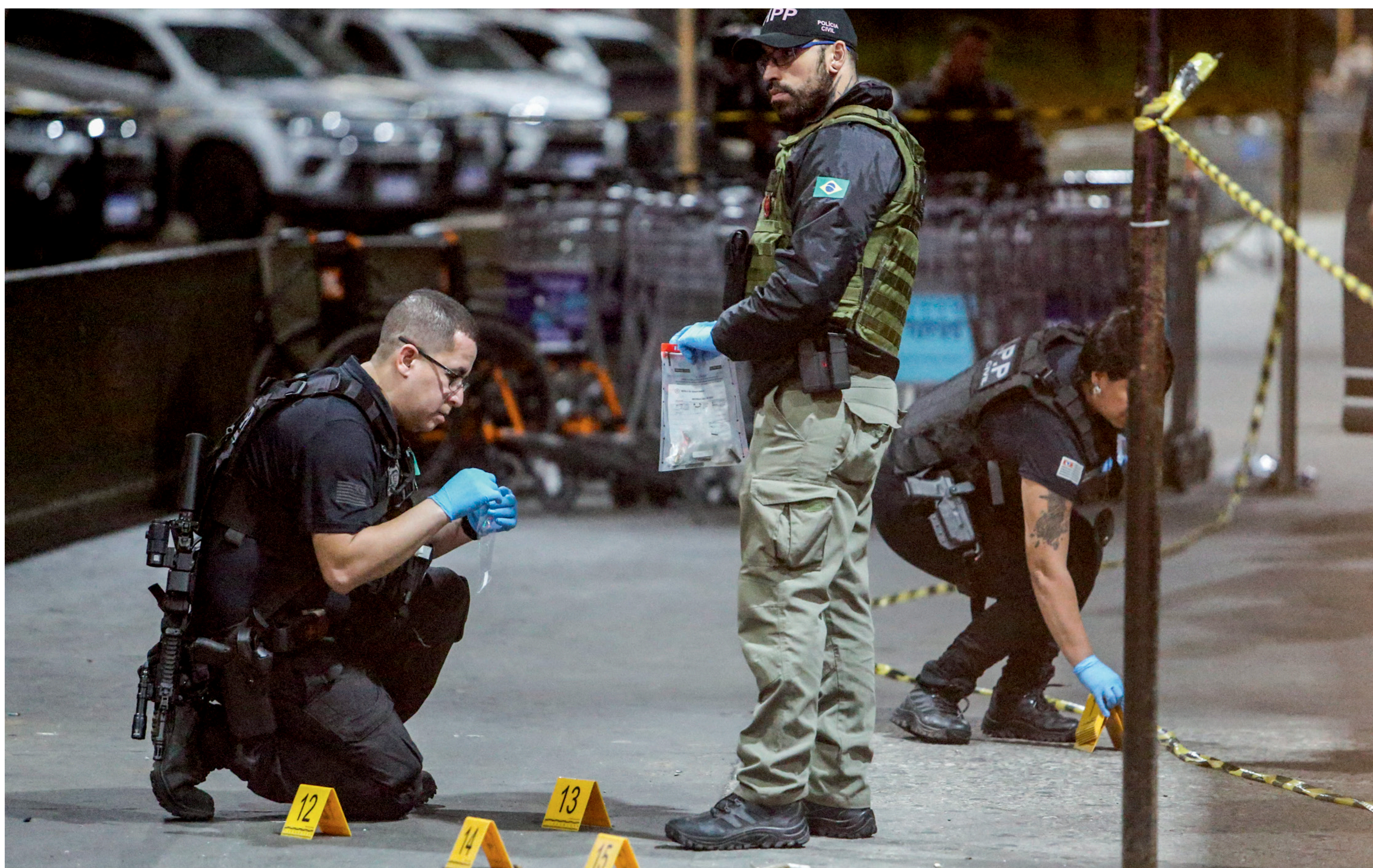
Telegram @clubederevistas

tantes, como na redução do número de furtos e roubos nos últimos anos. Houve também no período um crescimento expressivo na letalidade policial, de 407 para 676 ocorrências entre 2023 e 2024. Em dezembro, a oposição política paulista chegou a pedir o impeachment de Derrite. O governador Tarcísio de Freitas não parece disposto até o momento a mexer no comando da Secretaria de Segurança. O argumento de Derrite para justificar o aumento da letalidade é o de que ele promoveu um cerco maior ao crime organizado. “Os confrontos aconteceram não por desejo nosso, e, sim, por necessidade”, disse ele em entrevista a VEJA no ano passado. “Para mim, bandido bom é bandido preso, e cumprindo pena”, completou.

Antes uma espécie de unanimidade dentro do governo, Derrite passou a ser cada vez mais questionado, e até seu comportamento fora da pasta virou objeto de críticas. Horas depois do assassinato de Gritzbach, o secretário foi visto curtindo a vida adoidado em uma balada à beira-mar em Maresias, praia do Litoral Norte paulista, no aniversário do deputado federal Mauricio Neves (PP), cuja proximidade com Derrite levanta desconfianças dentro do PL. Isso por conta do receio de que o ex-capitão troque de sigla, apesar de ter sido alçado à secretaria avalizado pelo bolsonarismo. Derrite também costuma andar de jatinho e helicóptero com empresários com os quais tem amizade, pegando caronas em viagens até para fora do Brasil.

O começo da sua carreira, entretanto, foi bem diferente

Telegram @clubederevistas



MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

CADEIA CRIMINOSA Caso Gritzbach: investigação sobre delator assassinado já resultou na prisão de 22 policiais

disso. Ele entrou para a PM paulista em 2003, com 19 anos, e, aos 26, era tenente das Rondas Ostensivas Tobias Aguiar, a Rota. Ele teria saído desse batalhão de elite por excesso de mortes. Em uma entrevista concedida em 2021, justificou o fim da carreira por lá da seguinte forma: “A real? Porque eu matei muito ladrão”. Quando foi eleito deputado federal, em 2018, na onda bolsonarista, estava no Corpo de Bombeiros. Na Câmara, Derrite chegou a ser vice-líder da oposição, credenciado como uma das maiores vozes do populismo penal que o reelegeu em 2022. Apesar de estar licenciado do cargo, não tirou de vista o Congresso: em março do ano passado, licenciou-se temporariamente da secretaria para relatar um projeto contra as “saidinhas” temporárias de presos.

Na última semana, dentro da tentativa de mostrar um esforço real de limpeza da tropa, Derrite trocou o comando de importantes departamentos, entre eles o responsável pela Inteligência da Polícia Civil, e fez um rearranjo no Demacro, a Polícia Judiciária da Macro São Paulo, e o braço "correspondente" em Santos, o Deinter 6, responsável por toda a Baixada Santista. Essa foi a segunda dança das cadeiras em menos de dois meses. Em janeiro, houve mudanças no Deic, no Denarc (Investigações sobre Entorpecentes) e na Corregedoria.

Em um movimento paralelo, o governador Tarcísio de Freitas assinou a criação de um comitê extraordinário reunindo forças de segurança, Ministério Público e Defensoria. No discurso oficial, o objetivo é o de qualificar as políticas públicas para a área de segurança. Nos bastidores o gesto foi entendido como uma espécie de intervenção de Tarcísio para tentar colocar ordem na casa. Considerando-se que a segurança é hoje uma das principais preocupações dos eleitores, o governador tem consciência de que o futuro político dele, seja por mais quatro anos no Palácio dos Bandeirantes, seja na tentativa de alçar um voo nacional em 2026, depende muito dos resultados de sua gestão nessa área. Ele não dá sinais de que irá mudar a política de linha dura de combate ao crime, mas vem modulando nos últimos tempos o discurso diante das críticas. Há um ano, questionado sobre as denúncias de violência policial nas operações no litoral paulista, reagiu de forma dura. "Pode ir na ONU, na Liga da Justi-

Telegram @clubederevistas


SÉRGIO BARZAGHI/GOVERNO DO ESTADO DE SP

ATITUDE Tarcísio: criação de um comitê extraordinário para a segurança

ça, no raio que o parta", disse, referindo-se às ameaças dos críticos de levar a discussão para autoridades internacionais. Meses depois, entretanto, abrandou o tom e até admitiu voltar atrás em alguns pontos, como o da resistência dele em colocar câmeras corporais nos PMs. "Eu estava errado e, ao estudar melhor o problema, mudei de opinião", justificou.

A escalada do envolvimento de integrantes da força policial com o crime organizado não preocupa apenas as autoridades do Palácio dos Bandeirantes. O problema liga também o alerta no Judiciário. Em reunião do Conselho Superior do Ministério Público, em 4 de fevereiro, o conselheiro e procurador do MP-SP Valter Foletto Santin afirmou que o crime organizado está "tendo a capacidade" de in-

Telegram @clubederevistas

gressar nos órgãos policiais, o que, segundo ele, "enfraqueceu as instituições". O tema voltou a ser comentado na reunião do Órgão Especial do Colégio de Procuradores do MP-SP da quarta 12. O procurador-Geral de Justiça, Paulo Sérgio de Oliveira e Costa, disse ver com "preocupação" o "controle externo" da atividade policial.

O constrangimento da tropa é evidente e há um esforço para tentar separar as chamadas "laranjas podres". "Aqueles que cometem irregularidades são casos isolados e não representam os mais de 2 600 delegados do estado", ponderou a presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia de SP (Sindpesp), Jacqueline Valadares. O argumento parece muito razoável, mas qualquer nível de infiltração do crime organizado nas forças de segurança representa um enorme desafio. Para um país que já sofre com a escalada do poderio das facções, a tragédia maior seria ter essas organizações fazendo alianças com policiais-bandidos. Por isso, a limpeza da tropa passou a ser uma ação prioritária, como mostra a crise no maior estado brasileiro. ■



Telegram @clubederevistas

RICARDO RANGEL

O QUE LULA FALA E O QUE DEIXA DE DIZER

O presidente está com o discurso voltado 100% para campanha

LULA DEU uma entrevista que quase ninguém viu. Dada à Rádio Macapá, na véspera da viagem ao Amapá para inaugurar uma linha de transmissão, a entrevista foi do tipo eu-pergunto-o-senhor-corta. Mesmo assim, foi reveladora — particularmente pelo que deixou de revelar. Eis alguns dos pontos principais:

Sua saúde está ótima, seu cérebro está limpo, sua vontade de trabalhar é a de um jovem de 25 anos. Subtexto: "Eu não estou velho, aguento o tranco: pode votar em mim". Mas Lula fará 85 anos em 2030.

Vangloriou-se de ter baixado uma MP para reduzir o custo da eletricidade no estado e prometeu que a nova linha elimina riscos de apagão. Subtexto: "Vou continuar melhorando sua vida; vote em mim". Mas a vida do brasileiro não melhorou nos últimos dois anos.

Desde que Dilma saiu, só o que fizeram foi desmontar o país: Lula está há dois anos reconstruindo-o. Subtexto: "É por isso que você não viu resultados até agora". A afir-



Telegram @clubederevistas

mação (falsa sobre Temer, verdadeira sobre Bolsonaro) não explica as dificuldades que o Brasil vem enfrentando.

Agora é a hora de colher o que se plantou. Subtexto: “O melhor ainda está por vir, vote em mim”. Mas, como não se viram essas sementes sendo plantadas, não há muito motivo para acreditar na colheita.

Em seus governos anteriores, o país cresceu mais de 4% ao ano, Lula é quem mais respeitou o equilíbrio fiscal, o desemprego está baixo, a inflação está controlada. Subtexto: “A economia vai bem, vote em mim”. Só que a dívida e o déficit são enormes, a inflação não está controlada e foi Lula que montou a bomba fiscal que explodiu com Dilma.

O que mais preocupa Lula é o aumento do custo de vida e ele está conversando com um monte de empresários, especialmente do agro, para segurar o custo dos alimen-

“Quem acha que daqui para a frente ele vai achar tempo para governar pode começar a colocar as barbas de molho”

Telegram @clubederevistas

tos. Subtexto: “Eu vou reduzir a inflação, vote em mim”. Ué, mas a inflação não está controlada?

A culpa do juro alto é do Roberto Campos Neto, mas Gabriel Galípolo precisa de um tempo para consertar. Subtexto: “O juro vai cair, vote em mim.” Mas quem cria as condições para o juro cair não é o Banco Central, é o governo — que vem piorando o problema.

O jovem brasileiro não quer mais ser empregado, é preciso apoiar o empreendedorismo. Subtexto: “Você, jovem empreendedor, conte comigo; e vote em mim”. Só que o governo nada faz pelos empreendedores, e o PT se refere a eles como otários.

Lula reclamou do “lenga-lenga” do Ibama e prometeu pesquisar petróleo na margem equatorial do Amazonas e desenvolver a Região Norte. E daí que virá o dinheiro para a “tão sonhada” transição energética. Subtexto: “A Amazônia vai ficar rica comigo, vote em mim”.

A exploração na margem equatorial é defensável, mas ela precisa vir dentro de um discurso ambiental que faça sentido. É espantoso Lula afirmar que o aumento da produção de petróleo vai permitir a redução do consumo de petróleo. Sem falar da crítica ao Ibama (e a Marina Silva).

Lula está 100% em campanha. Vai viajar sem parar, entregando o máximo de obras que puder. Quem acha que vai sobrar tempo para governar ou combater o déficit fiscal pode botar as barbas de molho. ■

Telegram @clubederevistas

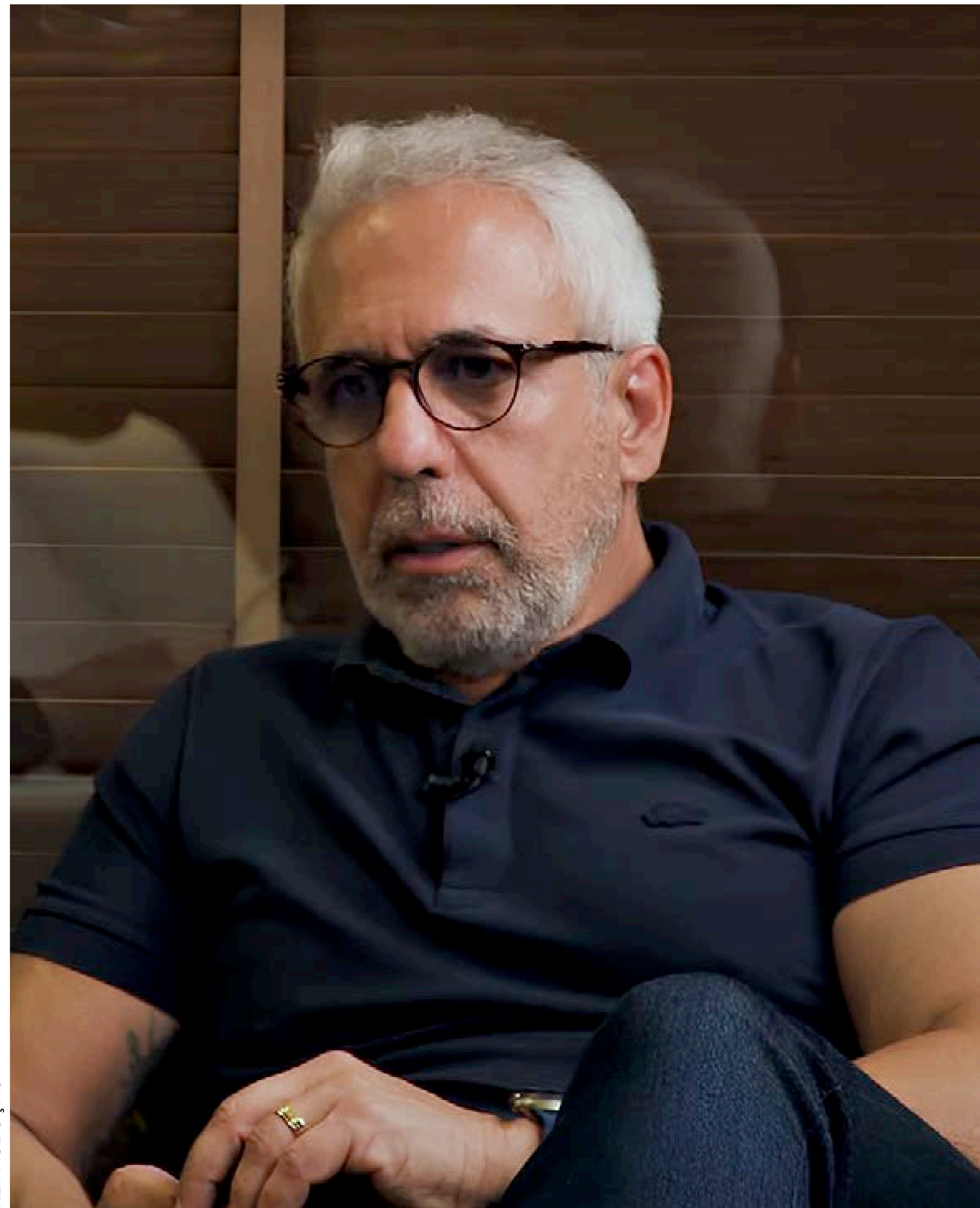
PEDRO GIL

Com reportagem
de Juliana Machado



Não é culpa minha

Wagner Brilhante, presidente da fabricante de produtos de limpeza Bombril, passou os últimos dias dando explicações aos acionistas após o anúncio de que a empresa entrou em processo de recuperação judicial. Segundo o executivo, as dificuldades da companhia se devem a fatores como a valorização do dólar, que pressionou os preços, e a ascensão das bets, que impactou o consumo das classes C, D e E.



REPRODUÇÃO

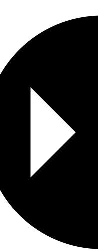
SEM BRILHO O presidente da Bombril: ascensão das bets prejudicou a empresa

Alto endividamento

A Bombril é controlada pelo empresário Ronaldo Sampaio Ferreira, filho do fundador da empresa, e tem entre os acionistas o bilionário Silvio Tini, que também está na Gerdau, no Banco Pan e na Alpargatas. As dívidas da Bombril ultrapassam 2,3 bilhões de reais.

Ataque ao Pão de Açúcar

No início do ano, os controladores da rede mineira de supermercados Coelho Diniz começaram a comprar grande volume de ações do



Telegram @clubederevistas

Grupo Pão de Açúcar. Atualmente, eles já detêm 5% dos papéis do GPA. O investimento está sendo feito por pessoas físicas da família Coelho Diniz.

Remédio caro

O grupo francês Sanofi busca compradores para a farmacêutica brasileira Medley, mas tem encontrado dificuldades para destravar o negócio. A Sanofi quer 7 bilhões de reais pela operação no Brasil, mas o valor é considerado alto pelo mercado.

Mais energia

Após comprar a geradora de energia elétrica AES Brasil por 7 bilhões de reais, a Auren Energia, controlada pelo grupo Votorantim e pelo fundo canadense CPP, continua de olho em oportunidades de aquisições no mercado brasileiro. "É uma de nossas prioridades", afirma Mario Bertoncini, vice-presidente de clientes e comercialização da empresa.

Céu fechado

Com rotas entre Madri e São Paulo e Madri e Salvador, a companhia aérea Air Europa pretende explorar novos destinos no Brasil. Para isso, a empresa espanhola depende da aquisição de aeronaves. O problema é que a fila de espera no mercado pode chegar a cinco anos.

Só quero Boeing

A Air Europa possui cerca de trinta aviões Boeing 787 Dreamliner de última geração. "Infelizmente, ainda não há mercado de segunda mão desse modelo", diz o espanhol Bernardo Botella, diretor global de vendas e distri-

Telegram @clubederevistas

buição da companhia aérea. Diversificar a frota com aviões Airbus ou Embraer está fora de cogitação.

Parceria chinesa

O Grupo CCR, líder em infraestrutura de mobilidade no Brasil, está em fase final de elaboração do projeto de expansão da Linha 5 do Metrô de São Paulo, ligando o bairro de Santo Amaro a outras regiões da cidade e orçada em 3,5 bilhões de reais. A estatal chinesa PowerChina já entregou proposta para assumir as obras.

Benefícios em xeque

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) decide nos próximos dias se a brasileira Wellhub (ex-Gympass) cometeu abuso de poder econômico no mercado de benefícios corporativos. A investigação foi aberta em novembro do ano passado após denúncias de rivais. “Queremos uma punição pesada”, diz Bruno Rodrigues, fundador da concorrente GoGood.

Acusação e defesa

A Wellhub é acusada de ultrapassar o limite de 20% em contratos de exclusividade com academias de ginástica, mas a empresa assegura que apenas 3 500 das 32 000 unidades existentes no Brasil — ou 11% do total — são exclusivas. Em nota, a companhia afirma que “está à disposição das autoridades para esclarecer todo e qualquer ponto”. ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora



A HISTÓRIA DO BRASIL PASSA PELA EDITORA ABRIL

Licencie fotos, vídeos, textos e ilustrações de mais de 7 décadas do Acervo Abril para enriquecer seu projeto de documentário, livro, produção audiovisual, exposição, material didático, conteúdo digital ou onde mais você queira educar ou inspirar.

Entre em contato:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

Ulysses Guimarães, deputado federal do PMDB-SP e presidente da Assembléia Nacional.

veja · veja Negócios · veja SAÚDE · veja São Paulo · veja Rio · SUPER INTERESSANTE · CLAUDIA · QUATRO RODAS · VOCÊ RH · VC S/A · CAPRICHO · Viagem · boa forma · Bravo! · mundo estranho · MTV 1990-2013 · Realidade · casa.com.br · guia do estudante · bebê.com.br

Telegram @clubederevistas

TESTE A indústria: "pedágio" de 25% entrará em vigor em março

A CHAPA ESQUENTOU

Novas tarifas de Trump sobre o aço ameaçam exportações brasileiras, colocam siderúrgicas em alerta e testam a capacidade do governo Lula de negociar com os Estados Unidos

MÁRCIO JULIBONI E **FELIPE ERLICH**

RICARDO FUNARI/BRAZIL PHOTOS/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas


CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

IMPLACÁVEL O republicano: tática do jogo duro para forçar negociações

Pode-se dizer muita coisa sobre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, menos que ele tenha cometido um estelionato eleitoral, vencendo o pleito com promessas que nunca pretendeu cumprir. Empossado há menos de um mês, o republicano segue à risca o que defendeu na campanha para "fazer a América grande de novo", como brecar a entrada de imigrantes ilegais e deportar os que já vivem no país. Era, portanto, uma questão de tempo para que decidisse corrigir o que considera injusto na relação comercial com outros países. Após anunciar, no início do mês, uma taxa de 25% sobre todas as importações do Canadá e do México — adiadas

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM FOTOS DE FREEPIK.COM; DANIEL TOROK/WHITE HOUSE

Telegram @clubederevistas

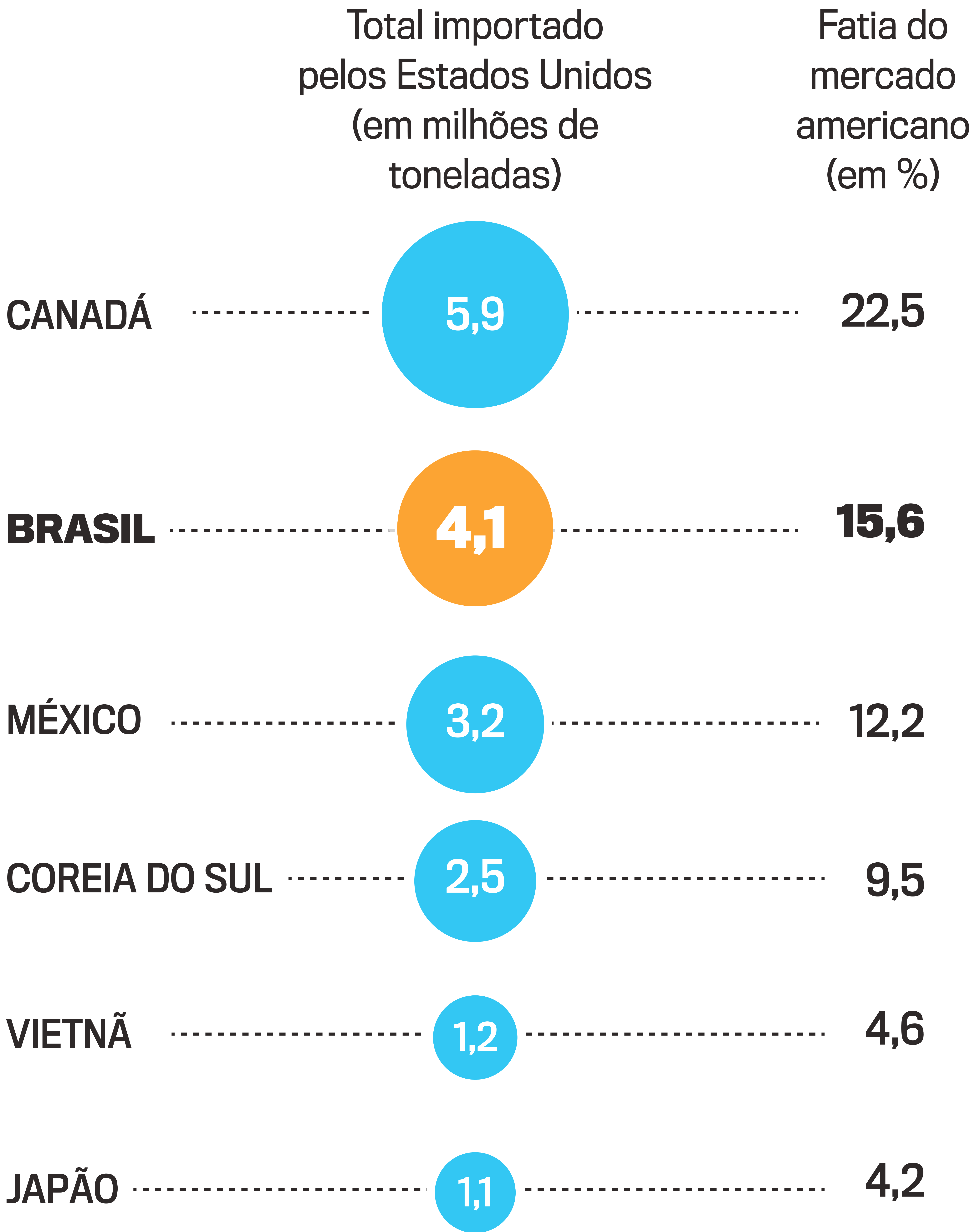
posteriormente por trinta dias —, ele revogou, na segunda-feira 10, o regime de cotas de importação de produtos siderúrgicos. Em troca, instituiu uma tarifa de 25% sobre o aço e o alumínio que outras nações, Brasil incluído, vendem aos Estados Unidos. A medida, que entrará em vigor em 12 de março, pretende proteger a sucateada indústria siderúrgica local, cujos trabalhadores compõem uma fatia importante de seu eleitorado. Trata-se de um setor que encolheu nos últimos vinte anos, enquanto a China se tornou a maior produtora mundial de aço. Não à toa, Trump deixou claro que seu alvo principal é a potência asiática. Para ele, exportadores como o Brasil e outros países seriam apenas intermediários que estariam triangulando a venda de aço chinês ao mercado americano. É uma espécie de terraplanismo siderúrgico, mas, independentemente do que justificou a medida, a sombra do porrete tarifário já se projetou.

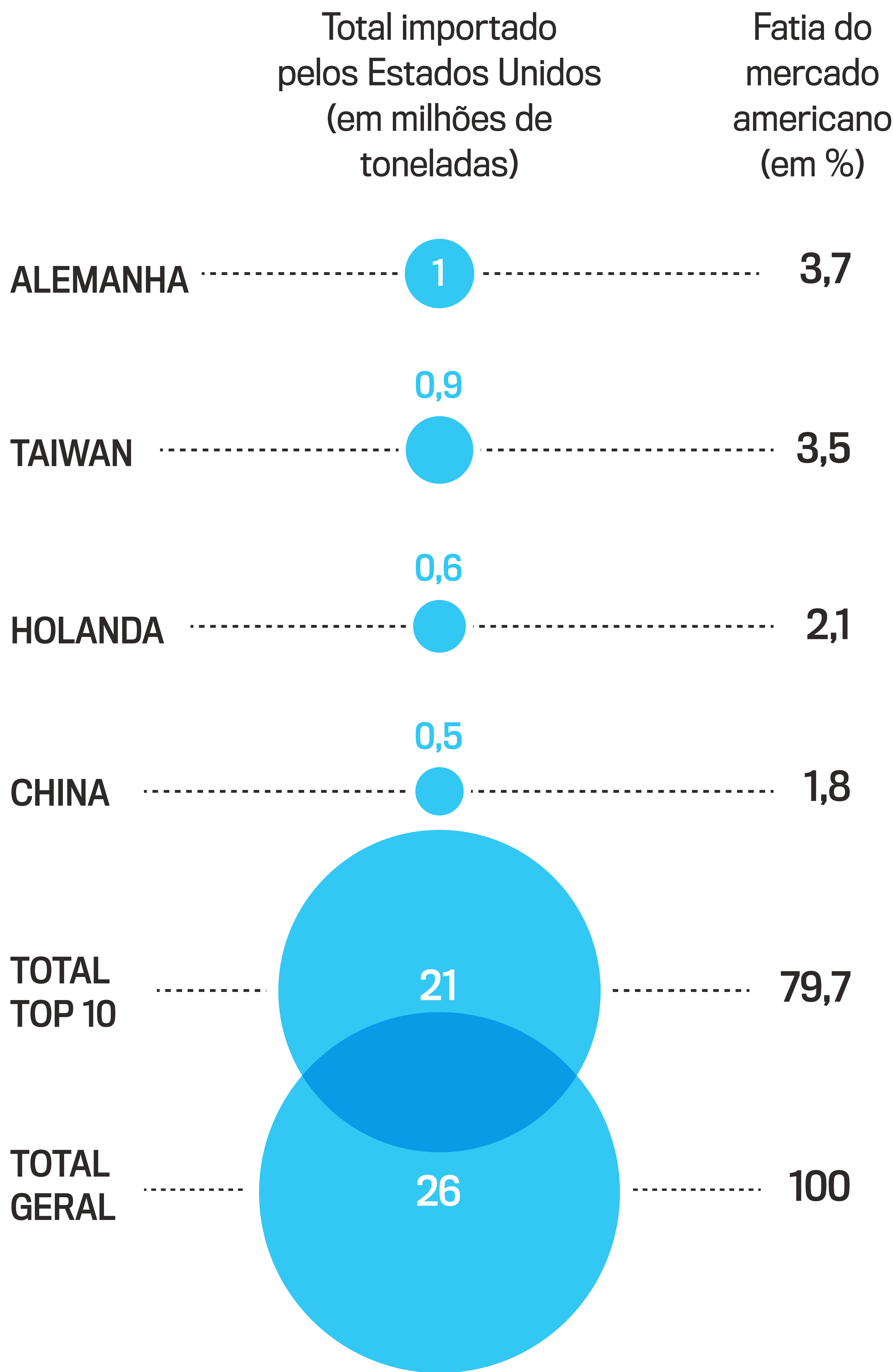
No caso do Brasil, o primeiro passo é reconhecer o óbvio: não somos páreo em um confronto direto com os Estados Unidos. Enquanto somos apenas o nono maior produtor mundial de aço, com 33 milhões de toneladas no ano passado, os americanos estão em quinto lugar, com 79 milhões de toneladas. A produção por lá, contudo, é insuficiente para suprir a demanda. Por isso, os Estados Unidos são também os maiores importadores de produtos siderúrgicos do mundo. Em 2024, o país comprou 26 milhões de toneladas de seus parceiros. O Brasil detém uma posição privilegiada nesse tabuleiro, por ser o segundo maior fornecedor desses

Telegram @clubederevistas

NO PÓDIO

O Brasil é o segundo maior fornecedor de aço para os Estados Unidos e respondeu por quase 16% das importações em 2024





Fonte: *Administração do Comércio Internacional dos EUA*

materiais para a terra de Trump. No ano passado, as siderúrgicas brasileiras despacharam para clientes americanos 4,1 milhões de toneladas de aço, obtendo uma receita de 5,7 bilhões de dólares. O dado mostra, ainda, o tamanho da disparidade de armas entre os dois países. Enquanto os Estados Unidos ficam com 48% das exportações de aço brasileiro, respondemos por menos de 16% do suprimento que eles necessitam. Os produtores de alumínio também veem os americanos como um mercado estratégico. As vendas para lá somaram 267 milhões de dólares em 2024, correspondentes a 17% do total exportado pelo setor. Ou seja, a dependência brasileira do mercado americano confere a Trump uma vantagem inquestionável.

A maior parte de nossas exportações para os Estados Unidos é formada por produtos semiacabados, como placas que são laminadas e finalizadas por empresas americanas. “É difícil encontrar mercados que compensem a provável queda das exportações em função da nova tarifa”, diz Germano Mendes de Paula, especialista no setor siderúrgico e professor da Universidade Federal de Uberlândia. “Para piorar, o setor mundial de placas está estagnado.” No ano passado, a produção global caiu quase 1%.

Se a foto panorâmica é preocupante, o retrato dos impactos da sobretaxa sobre as siderúrgicas revela nuances. A mais protegida contra a ofensiva trumpista é a Gerdau, que conta com usinas na América do Norte. No acumulado de 2024 até setembro, 39% de sua receita líquida de 50 bilhões de reais

Telegram @clubederevistas

vieram daquelas operações. Em um relatório, o banco Itaú BBA calcula que seu Ebitda, um indicador de geração de caixa apreciado pelos investidores, cresceria até 12%, caso a sobretaxa elevasse os preços do aço no mercado americano em apenas 5%. O otimismo é compartilhado pela própria empresa. "A tendência é positiva para nós", afirma uma fonte da Gerdau que pediu para não ser identificada. "Não exportamos para os Estados Unidos, nós produzimos lá."

Outras companhias, contudo, não contam com a mesma vantagem. Os analistas de mercado apontam a ArcelorMit-



ANTÔNIO MACHADO/FOTOARENA

PACIENTE Alckmin: aposta no diálogo para a Casa Branca rever a medida

Telegram @clubederevistas

tal como uma das mais prejudicadas, pois exporta 75% da produção para os Estados Unidos. No caso das companhias com ações listadas na bolsa brasileira, o impacto deve ser pequeno, segundo um relatório do BTG Pactual que avaliou a situação. O banco afirma que menos de 5% da receita da CBA, a maior produtora de alumínio do Brasil, provêm do mercado americano. Já a Usiminas mantém apenas exportações esporádicas para os conterrâneos de Trump, concentrando as vendas externas na Argentina. Com 15% da recei-

PRÓS E CONTRAS

O que aconteceu em 2018, quando o presidente Donald Trump taxou a importação de aço pela primeira vez

O PREÇO MÉDIO DO AÇO

▲ **SUBIU 19%** NOS ESTADOS UNIDOS



+

A PRODUÇÃO AMERICANA DE AÇO

AUMENTOU 13,5%

+

A TARIFA GEROU UM LUCRO EXTRA DE

2,4 BILHÕES DE DÓLARES

PARA AS SIDERÚRGICAS, E O LUCRO TOTAL CRESCEU MAIS DE **60%**

Telegram @clubederevistas

ta atrelada de alguma forma aos Estados Unidos, a CSN lhes envia por ano 250 000 toneladas. Não chega a ser um problema, segundo o BTG, que afirma que a siderúrgica poderá redirecionar "facilmente" esse volume para outros países.

O teste da tarifa do aço vai também colocar à prova a capacidade de negociação do governo brasileiro diante do estilo agressivo de Trump. Seguindo a liturgia diplomática, que recomenda medir cada palavra, parte do primeiro escalão tem pregado parcimônia para lidar com a situação. "O caminho é dialogar", pregou o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Geraldo Alckmin. A postura é comparti-

FORAM CRIADOS MAIS DE
8 700 EMPREGOS NO SETOR

+

MAS AS EMPRESAS AMERICANAS QUE
UTILIZAM AÇO EM SEUS PRODUTOS PAGARAM
5,6 BILHÕES DE DÓLARES
A MAIS PELOS PRODUTOS

+

CADA EMPREGO CRIADO PELA SOBRETAXA
CUSTOU AOS CONSUMIDORES AMERICANOS
380 000 DÓLARES

Fonte: *Peterson Institute for International Economics*

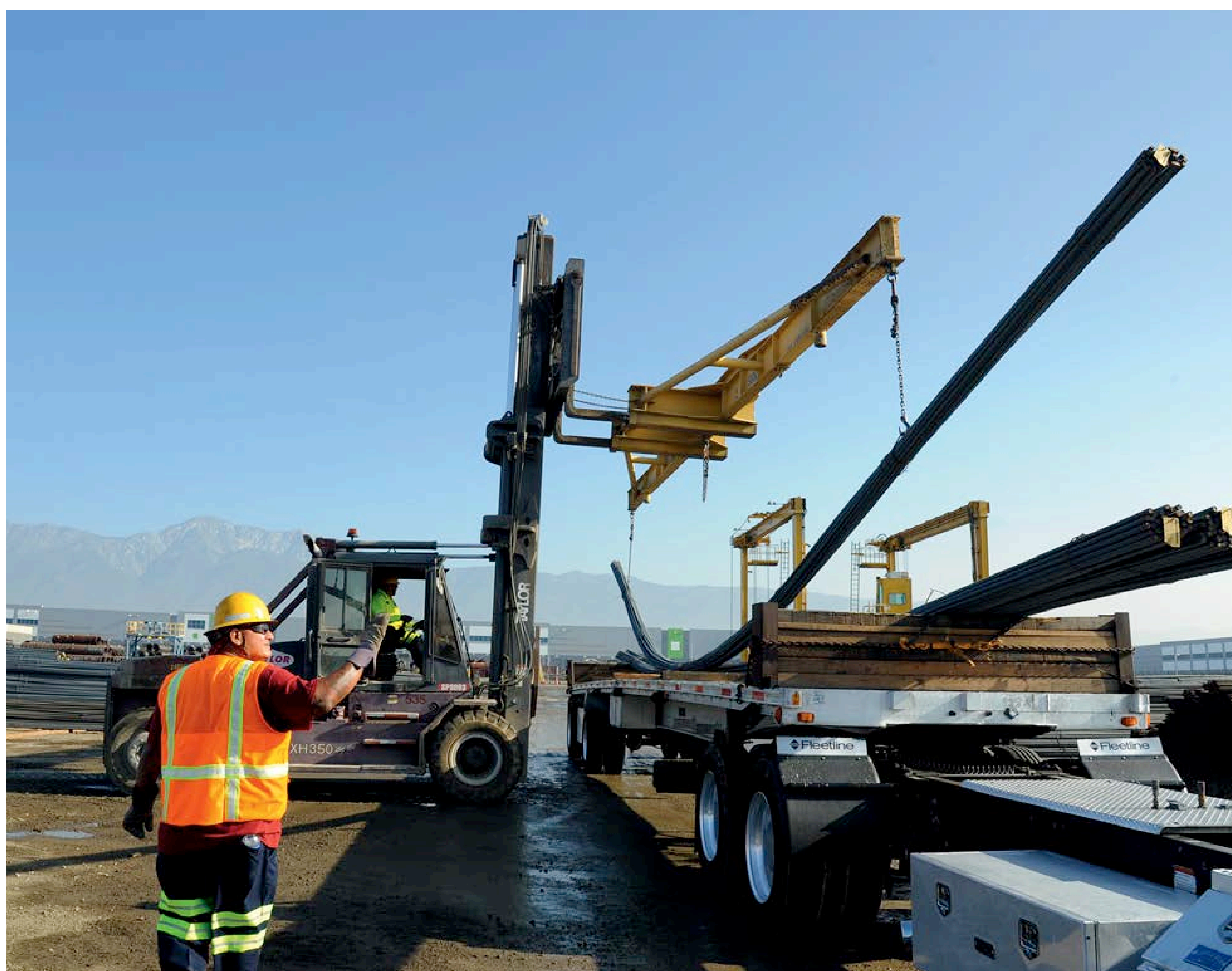
lhada pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que lembrou o básico. “A decisão não é contra o Brasil”, afirmou a jornalistas na terça-feira 11. “É para todo mundo.” A reação comedida é o que o setor siderúrgico espera para manter abertos os canais de negociação com Washington. Faltou, contudo, combinar com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Fiel à sua incontinência verbal, Lula meteu os pés pelas mãos quando, poucos dias depois de o presidente americano anunciar a sobretaxa de 25% a todos os produtos canadenses e mexicanos, afirmou em entrevista a rádios mineiras que estava preparado para retaliar, se o país fosse alvo de algo parecido. “Se Trump aumentar a taxação do Brasil, nós vamos taxar eles também”, disse. A bravata, evidentemente, pegou mal. “O melhor para o Brasil é não polemizar com Trump”, afirma Eduardo Mello, professor de relações internacionais da Fundação Getulio Vargas.

Trombar com a Casa Branca, de fato, é a pior decisão que Lula tomaria. Exemplos não faltam. No fim de janeiro, o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, impôs uma tarifa sobre os produtos americanos. Era uma retaliação à decisão de Trump de taxar as importações colombianas em 25%, após o país se recusar a receber um avião com imigrantes ilegais deportados. Para completar a patriotada, Petro anunciou que os artigos americanos seriam substituídos por similares nacionais. No dia seguinte, a Colômbia capitulou, concordou em receber os voos e prometeu adotar políticas mais rígidas de imigração. Com a presidente Claudia Sheinbaum,

Telegram @clubederevistas

que tem se mostrado habilidosa, o México também já aceitou controlar mais as fronteiras para se acomodar a Trump.

Tentar pagar os americanos na mesma moeda seria um erro por diversas razões. As sobretaxas encareceriam os importados, pressionando ainda mais a inflação, que já aponta para mais um ano acima do teto da meta de 4,5%. Trump também ordenou, na quinta-feira 13, a criação das tarifas recíprocas, que visam equiparar as taxas que os Estados Unidos cobram sobre as importações àquelas que suas exportações pagam a outros países. Ele citou o caso do etanol brasi-


BOB RIHA JR/GETTY IMAGES

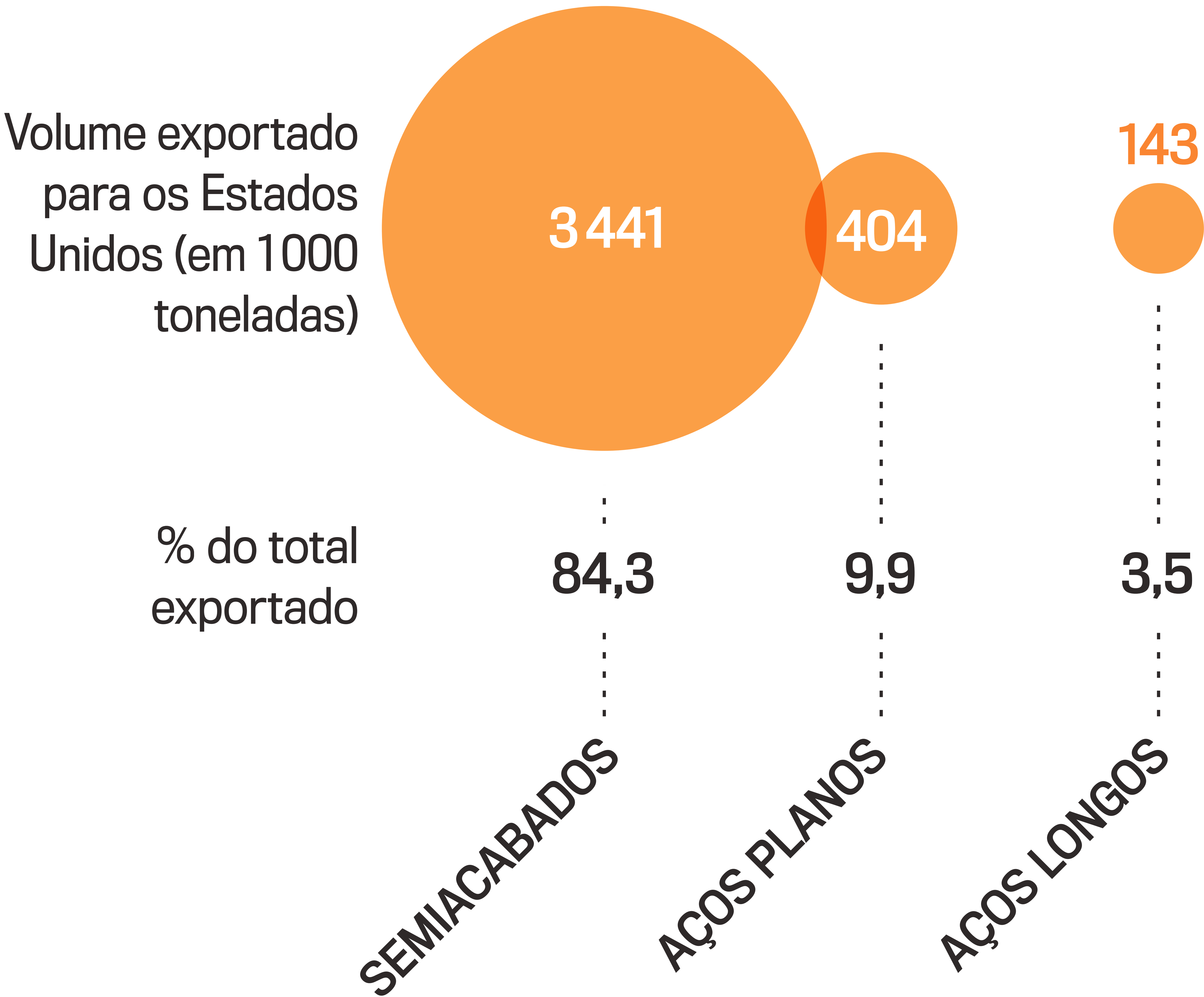
ESCUDO Fábrica da Gerdau nos Estados Unidos: com usinas na América do Norte, empresa escapa da taxa

Telegram @clubederevistas

leiro, que paga 2,5% para entrar no mercado americano, enquanto o etanol de milho é taxado em 18% por nós. Isso mostra que, se a referência forem as taxas que o Brasil aplica às mercadorias de fora, o prejuízo será nosso. Há décadas, o país recorre ao caminho fácil do protecionismo para estimular a indústria nacional, em vez de criar as condições para que as empresas invistam em produtividade, tecnologia e

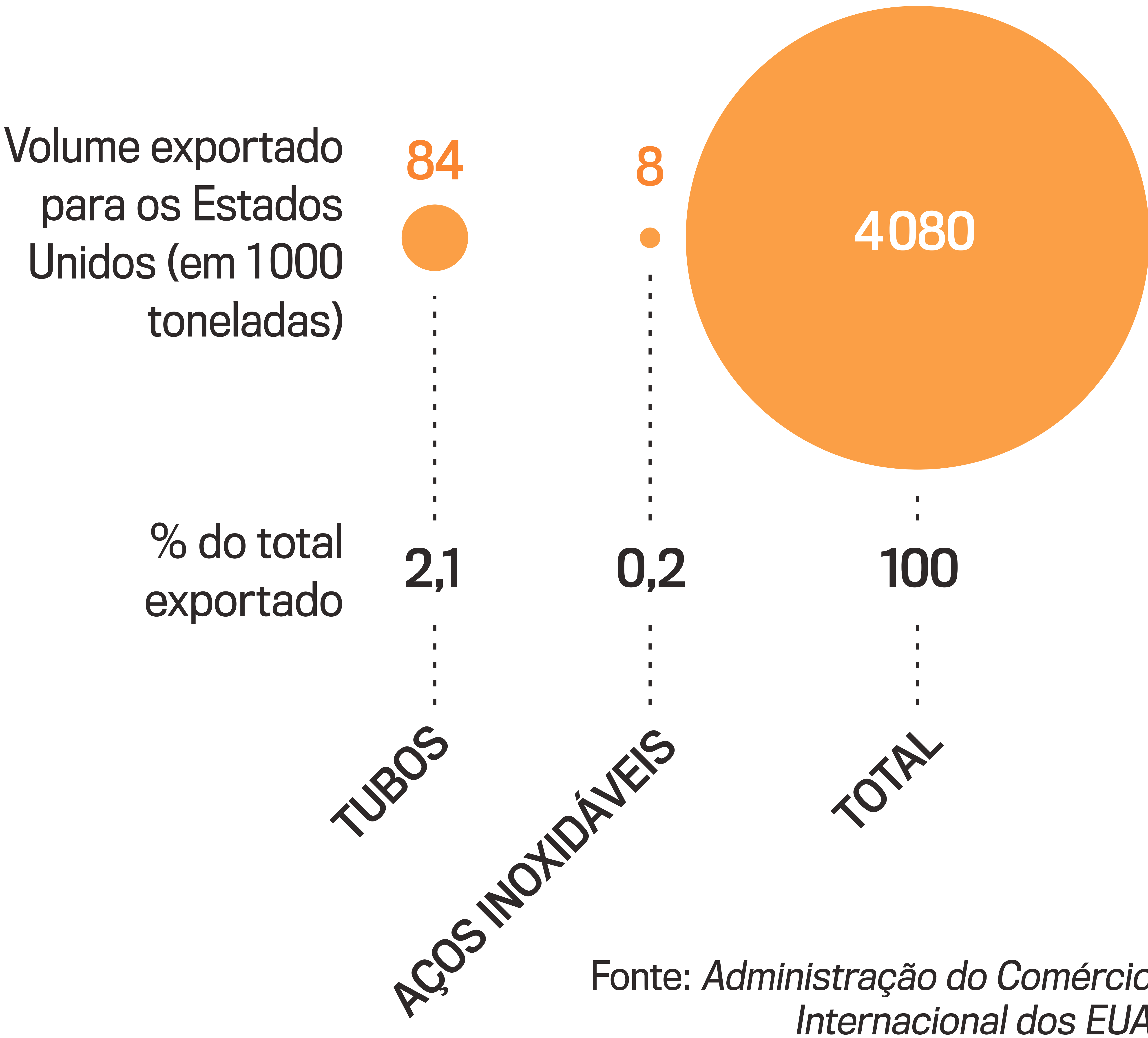
MADE IN BRAZIL

Os produtos siderúrgicos que os americanos compraram do Brasil em 2024



inovação, fortalecendo-se para disputar ombro a ombro com as rivais estrangeiras. “Em matéria de tarifa, o Brasil não tem moral para reclamar”, diz Samuel Pessôa, economista da Fundação Getulio Vargas.

O grande trunfo do Brasil para virar o jogo é a própria pressão das empresas americanas, que temem um aumento dos custos de produção em meio aos tarifaços de Trump. “Uma tarifa de 25% é muito alta para commodities metálicas”, diz Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior. “Como os Estados Unidos não são autossuficientes em aço, será muito difícil implementar essa taxa na prática.” O que



Fonte: *Administração do Comércio Internacional dos EUA*

Telegram @clubederevistas


BRANDON BELL/GETTY IMAGES

BARGANHA Imigrantes ilegais: o México promete controlar fronteira para evitar sobretaxas

ocorreu em 2018 dá uma pista do que pode azedar o humor do empresariado americano. Naquela ocasião, Trump, então em seu primeiro mandato, impôs também 25% de tarifa sobre o aço importado. É verdade que a medida trouxe benefícios para as cambaleantes siderúrgicas americanas, como o aumento de 19% do preço do produto, a melhora dos lucros e a criação de 8 700 empregos no setor. Em compensação, as companhias americanas que consomem aço desembolsaram 5,6 bilhões de dólares a mais pelo material. Entre o aumento de lucros e o de custos, o centro de estudos Peterson Institute calcula que cada emprego criado pela sobretaxa custou aos consumidores americanos 380 000 dólares. Não

Telegram @clubederevistas


CÉLIO MESSIAS/FOLHAPRESS

RISCO Usina de etanol: o setor seria o mais atingido por guerra de tarifas

foi por acaso que, tempos depois, Trump converteu a sobretaxa em um sistema de cotas de importação. "O erro fundamental da doutrina de Trump é ignorar que os Estados Unidos são ricos justamente porque são grandes importadores", diz o embaixador José Alfredo Graça Lima, que representou o Brasil na Organização Mundial do Comércio.

Esperar até que os eleitores de Trump sintam o impacto das medidas na forma de mais inflação pode ser a postura mais sábia neste momento. Na diplomacia, assim como no pôquer, os melhores jogadores são os que jogam com as cartas do adversário, não com as suas próprias. A guerra do aço vai exigir nervos de aço daqui para frente. ■



Telegram @clubederevistas

MAÍLSON DA NÓBREGA

O DESAFIO DO PT: MUDAR OU PERDER

É crucial o partido modernizar suas ideias econômicas

AS IDEIAS econômicas do PT não evoluíram, ao contrário do que se viu em congêneres na Europa. Lá, no século XIX, as agremiações de esquerda surgiram sob o binômio defendido por Karl Marx e Friedrich Engels no manifesto comunista de 1848: ditadura do proletariado e propriedade estatal dos meios de produção. O Partido Social-Democrata da Alemanha nasceu marxista em 1875, mas nunca consagrou essas ideias como prática de governo. Mais tarde, aderiu a outro binômio: democracia e economia de mercado sob regulação do Estado.

No pós-guerra, todos os partidos relevantes de esquerda europeus adotaram o novo binômio nos estatutos. Os casos mais estudados, dos partidos da Espanha e do Reino Unido, incorporavam, implícita ou explicitamente, a estatização total da economia, o que era rejeitado pela maioria dos eleitores nos dois países. Por isso, Felipe González e Tony Blair, respectivamente, tiveram de vencer resistências internas para mudar os estatutos. Ganharam as eleições.

Telegram @clubederevistas

Logo cedo, o PT rejeitou a ditadura do proletariado, preferindo a democracia para alcançar o poder. Na economia, nunca pregou o controle dos meios de produção pelo Estado, mas crê, incontestavelmente, na ampla intervenção do governo e no papel do gasto público e das empresas estatais para a promoção do desenvolvimento do país.

O partido é impermeável à constatação de que as estatais são um fenômeno de época já remota. Elas se justificam apenas quando suas atividades, mesmo que necessárias, não atraem o interesse dos investidores. O PT tampouco se convence de que a produtividade — e não o gasto — é a principal fonte de geração de riqueza de um país, uma ideia que já havia sido percebida por Adam Smith em 1776, quando observou o funcionamento de uma fábrica de alfinetes.

Mesmo assim, o PT venceu cinco das nove últimas eleições presidenciais. As vitórias se explicam pelo desgaste dos

“Quando Lula não mais fizer parte do cenário eleitoral, a sigla terá de fazer uma profunda revisão do ideário”

Telegram @clubederevistas

governos dos adversários e pela inequívoca força eleitoral de Lula, o maior líder popular de nossa história. Apesar disso, na primeira ascensão ao poder foi preciso publicar a Carta ao Povo Brasileiro, em que prometia observar conceitos básicos do capitalismo como a responsabilidade fiscal, a propriedade privada e o respeito aos contratos.

Declarações recentes de Lula e de ministros mostram que o PT pouco ou nada mudou. O presidente diz que aprendeu com a mãe a somente gastar o que tem, como se responsabilidade fiscal não precisasse ser provada, constituindo mero exercício de retórica política. Espantosamente, disse ainda que, a depender dele, não haverá novas medidas fiscais. O combate à inflação de alimentos requereria ações específicas do governo.

Já há quem duvide da competitividade eleitoral do presidente em 2026 ou que ele se manterá na corrida. Quando Lula não mais fizer parte do cenário eleitoral, o PT precisará conquistar as eleições por si mesmo. Dificilmente vencerá sem revisão profunda de seu ideário econômico. ■

Telegram @clubederevistas

SAÍDA PELA DIREITA

Com a economia estagnada, os alemães elegerão o próximo chanceler no dia 23, com boas chances de opção pelo liberalismo conservador, mas com risco de apoio de extremistas

AMANDA PÉCHY



FAVORITO Friedrich Merz: depois de acenar aos radicais, o candidato voltou atrás, mas ninguém levou a sério

MICHAEL KAPPELER/DPA/GETTY IMAGGES

Telegram @clubederevistas

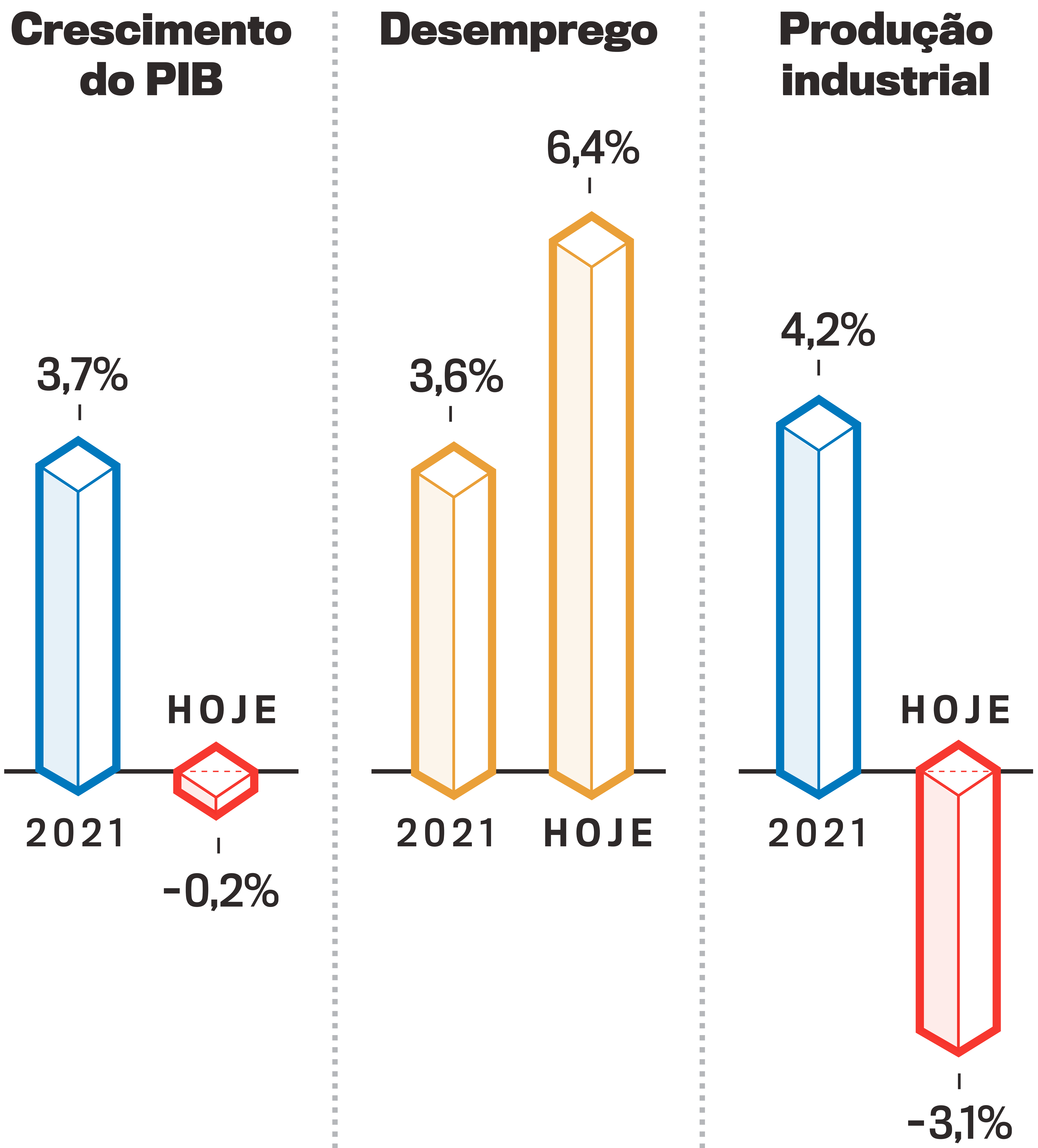
Pouquíssimas causas ecoam tanto e tão mercurialmente pela Europa quanto a luta anti-imigração. Espécie de cola ideológica entre cidadãos que se sentem ameaçados pela presença de estrangeiros em sua própria casa, ela tem sido responsável pela expansão dos partidos de extrema direita pelo continente. Debaixo do manto da preservação de empregos e dos benefícios sociais de quem nasceu na banda próspera do planeta, essas organizações não se constrangem em agitar a bandeira da intolerância e da xenofobia.

Em nenhuma nação, o flerte com o radicalismo de direita causa tanto receio quanto na Alemanha, o berço do nazismo. Ainda que atualmente nenhum candidato ouse defender nada parecido com a supremacia da raça ariana, ou o extermínio de minorias, é sob o temor de um retorno a ideias do passado que as eleições para a escolha do novo chanceler, no dia 23, devem ocorrer. O que assusta é o crescimento da Alternativa para a Alemanha (AfD), à direita da direita, entre o eleitorado.

Assolada por uma grave estagnação econômica que já dura três anos, com inflação alta e emprego em baixa *(veja o quadro ao lado)*, a ideia de uma "Alemanha para os alemães" tem ganhado cada vez mais força. Por enquanto, contudo, quem lidera a corrida, com cerca de 30% das intenções de voto, é a União Democrata-Cristã (CDU), partido de centro-direita que tem em Angela Merkel seu maior farol. Embora guarde divergências com a mulher que diri-

MARCHA LENTA

Desde 2021, o motor econômico da Europa desacelerou e enfrenta o terceiro ano consecutivo de recessão



Fonte: *Escritório Federal de Estatística da Alemanha*

Telegram @clubederevistas



SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

SURPRESA Weidel, da AfD: deportações em massa para fazer o país crescer

giu a locomotiva da União Europeia por dezesseis anos, levando a uma expansão do PIB alemão em 34%, seu companheiro de partido, Friedrich Merz, pretende repetir a receita de corte nos gastos públicos para recolocar o país nos trilhos do crescimento. A AfD vem em segundo lugar, com cerca de 22% de apoio entre os eleitores, insuficiente para vencer a disputa, mas alto o bastante para dobrar o número de assentos no Parlamento. A principal expoente da legenda, Alice Weidel, defende a adoção de deportações em massa de imigrantes.

A corrente já havia mostrado força nas eleições estaduais de setembro, quando conquistou o governo da Turíngia, no leste do país. A vitória assustou os opositores, que

Telegram @clubederevistas

fizeram um pacto para isolar a legenda e não realizar nenhum tipo de aliança política com os radicais. Mas o Brandmauer, a porta corta-fogo, como o acordo se tornou conhecido, não demorou a ser rompido por Merz. O atual líder da oposição ao governo do social-democrata Olaf Scholz teve o apoio da AfD para tentar aprovar uma lei anti-imigração que previa controles permanentes nas fronteiras e a rejeição de todo e qualquer pedido de asilo. O projeto não foi para a frente, mas causou enorme rebuliço. Merkel interrompeu o resguardo da aposentadoria para se posicionar contra o dirigente da própria agremiação. "Não posso ficar em silêncio, é errado formar maiorias com a AfD", declarou a ex-chanceler.

A desavença não ficou restrita aos círculos partidários. Mais de 300 000 manifestantes se reuniram em Munique, Hanover e Rostock, no último fim de semana, empunhando slogans contra o racismo e o ódio. Ciente do deslize, Merz se apressou em responder. "Não trabalharemos com a AfD, nem antes da eleição nem depois nem nunca", bradou em comício. Não convenceu. Pesquisas indicam que menos da metade dos eleitores acredita em suas palavras. "Merz crê que pode conter o sucesso da AfD apenas se apresentando como opção, normalizando políticas antes restrita à extrema direita", diz Vinícius Bivar, doutor em história da Universidade Freie, em Berlim.

Depois do recuo estratégico de Merz, as conversas de aliança parecem restritas, agora, ao Partido Social-Democrata (SPD) e ao Partido Verde, que mantêm 17% e 13% de apoio,

Telegram @clubederevistas



HANNIBAL HANSCHKE/EPA/EFE

REAÇÃO Protesto em Berlim: centenas de milhares nas ruas contra o racismo e o ódio

respectivamente. Um pacto da CDU com as agremiações de centro-esquerda repetiria o instável arranjo realizado em torno do governo de Scholz. Atrelado ao slogan "Uma Alemanha da qual podemos nos orgulhar novamente" (qualquer semelhança com "fazer os Estados Unidos grandes de novo", de Trump, não é mera coincidência), Merz prometeu restringir a imigração, reduzir impostos e cortar 50 bilhões de euros em gastos sociais. As discordâncias ao redor do orçamento entre campos ideológicos opostos, aliás, é que levaram à queda do atual chanceler. Enquanto ele queria tomar empréstimos para engrossar os investimentos públicos, aliados de ocasião defendiam enxugar benefícios sociais e reduzir impostos. E então deu-se o cisma.

Telegram @clubederevistas



MICHAELA STACHE/AFP

TENSÃO SOCIAL Atropelamento proposital em Munique: saldo de 28 feridos



ADEUS
Olaf Scholz: equilíbrio frágil levou à derrocada do chanceler

O aumento do ressentimento da população é turbinado por incidentes envolvendo imigrantes. Na quinta-feira 13, um motorista afegão, que teve um pedido de asilo negado, deixou 28 feridos ao avançar com o carro contra uma multidão de sindicalistas que marchava por direitos pelas ruas de Munique. A polícia ainda investiga as motivações. Mas o principal pano de fundo é mesmo a incapacidade da economia de absorver toda a mão de obra excedente. Sem ocupação, os imigrantes acabam pressionando os serviços sociais e reforçando a tese de que há uma invasão de trabalhadores indesejados. A podero-

Telegram @clubederevistas

sa indústria alemã sofre com os altos custos de mão de obra, com o encarecimento da energia e, sobretudo, com a competição da China. Recentemente, a Volkswagen anunciou que, pela primeira vez, fechará três fábricas no país e cortará milhares de postos de trabalho. A Bosch, maior fornecedora de autopeças da Alemanha, planeja fechar até 10 000 vagas em todo o mundo, sendo que dois terços devem se concentrar na matriz. "Sem grandes mudanças, o potencial de crescimento de longo prazo da economia é extremamente limitado", avaliou o banco Berenberg.

Além de mandar estrangeiros para casa, medida que recebeu o nome eufemístico de "remigração", a proposta da radical Weidel apresentada em seu "plano de futuro" é tão simples quanto controversa: fechar a fronteira em definitivo, sair da União Europeia e acabar com o salário mínimo. Ela também defende baratear o preço da energia, acabando com a geração de fontes sustentáveis, como as eólicas. Lésbica assumida, a líder da AfD é casada com uma imigrante do Sri Lanka, com quem tem dois filhos, e, de acordo com a imprensa local, é neta de um juiz nazista. Seus correligionários relativizam os atos do Terceiro Reich. Ainda que se apresente como uma versão moderada nas urnas, o partido é a prova de que a sombra do nazismo ainda paira por lá. Nunca é demais lembrar que, em 1933, em meio à uma forte recessão, Hitler foi democraticamente eleito. Dificilmente a AfD chegará ao poder, mas a Alemanha vive dias nervosos, e o mundo prende a respiração. ■



Telegram @clubederevistas

VILMA GRYZINSKI

O FIM DA ERA DOS CONSENSOS

Governantes que acentuam a dissensão agora são a norma dominante

TODAS AS TELEVISÕES mostram incessantemente, talvez até com um certo exagero, Donald Trump assinando decretos com suas canetas tipo marcador — inclusive porque ele aumentou o acesso da imprensa ao Salão Oval, o gabinete presidencial na Casa Branca. O que não aparece é que, com menos ímpeto e menos repórteres ao redor, Joe Biden fez exatamente a mesma coisa: dedicou-se a cancelar inúmeras medidas assinadas por Trump no primeiro mandato. Um presidente que desmancha tudo o que o antecessor fez é a marca do Terceiro Mundo. É bobagem dizer que os Estados Unidos adentraram esse indesejado território, mas também é inegável que acabou a era do consenso, quando um novo presidente mudava uma coisinha aqui, outra ali, favorecendo mais a livre-iniciativa no caso dos republicanos e os menos favorecidos quando eram democratas. Os parlamentares divergiam em questões pontuais, mas concordavam no essencial: política externa robusta para promover os interesses dos Estados Unidos, orçamento gordo para manter as Forças Ar-

Telegram @clubederevistas

madas mais poderosas da história, propaganda para disseminar o modelo americano, tão admiravelmente bem-sucedido, e o livre curso das transações comerciais. Quanto mais livres, melhor.

E todo mundo achava a globalização ótima, mesmo antes que começasse a ser chamada assim. Quem falava mal de globalização era a esquerda. A convergência de interesses era tão grande que os conservadores raiz, ressuscitados na era Obama, passaram a chamar democratas e republicanos de "uniparty", ou partido único. Os consensos começaram a ruir quando a globalização mostrou a parte que não era tão boa assim para os americanos, principalmente pela desindustrialização nas áreas em que a máquina produtiva não foi substituída por atividades mais sofisticadas e, sim, por decadência, drogas e desesperança. As pulsões divergentes explodiram em duas esferas: a ambiental, com a revolta por programas de descarbonização que não cumpriam as promessas de criar novos e verdíssimos empregos, e a identitária, com a ascensão

"A direita populista e polarizadora captou muita coisa do espírito do tempo"

Telegram @clubederevistas

de um verdadeiro culto às minorias como solução para fazer a América pagar por pecados do passado, do presente e do futuro, perpetuando o ciclo da eterna vitimização.

A revolta com um sistema bipartidário em que as posições divergentes se atenuam a ponto de alienar eleitores tradicionais não é um fenômeno exclusivamente americano. Na Grã-Bretanha, o partido mais votado, hoje, seria o Reforma do populista Nigel Farage, eclipsando instituições que foram modelo no mundo todo, como o Partido Trabalhista e o Conservador. O fenômeno Javier Milei continua a ser produto de uma rejeição às siglas tradicionais — perfeitamente compreensível, considerando-se o que fizeram com a Argentina. Milei tem sensores bem aguçados e, mesmo com as montanhas de problemas econômicos ainda pela frente, está se voltando para questões identitárias. Segundo uma pesquisa da Morning Consult, Milei é, entre quarenta pesquisados, o terceiro líder mundial com maior índice de aprovação: 65%. Trump é o quinto, com 52%. Lula é o décimo quinto, com 33%. São números bem diferentes das pesquisas habituais, mas sugerem que a direita populista e polarizadora captou muita coisa do espírito do tempo. Cada assinatura com barulhinho da caneta de Trump naqueles decretos é uma confirmação disso. ■

Telegram @clubederevistas

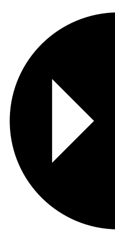
"QUEM É QUE MANDA AQUI?"

Trump deu poder a Musk para cortar custos, o que ele vem fazendo de forma polêmica — o presidente só não contava ter que dividir os holofotes com o empresário

CAIO SAAD



VERSO... O bilionário concede entrevista na companhia do presidente e do filho X Æ A-Xii: novo normal



JIM WATSON/AFP

Telegram @clubederevistas

PARECIA CENA do programa de humor *Saturday Night Live*, dada a encenação, mas era real e aconteceu numa terça-feira. Donald Trump postou-se na *resolute desk*, a mesa de carvalho do Salão Oval, cuja madeira foi doada no século XIX pela rainha Vitória, da Inglaterra, e fez cara de presidente. Ao seu lado, estava o onipresente Elon Musk com o filho de nome impronunciável, X Æ A-Xii, no cangote e o indefectível boné com o slogan "faça os Estados Unidos grandes de novo". Era uma cerimônia de assinatura do corte de milhares de cargos do governo americano, função designada ao magnata do X, e para a qual não foram convidados jornalistas da Associated Press. Eles foram barrados porque a empresa de notícias se recusou a chamar o Golfo do México de Golfo da América, como deseja o presidente.



REPRODUÇÃO

...REVERSO Capa da *Time:* com a caneta na mão, atrás da *resolute desk*

A coreografia era uma clara resposta à capa da revista *Time* da semana passada, em que Musk aparece sentado na escrivaninha, resoluto, como se fosse ele o dono do poder no pedaço. Trump, é claro, não gostou — e de modo a mostrar que quem manda é ele, ponto, tratou de montar a cena. O republicano deu carta branca a Elon Musk para cor-

Telegram @clubederevistas

tar custos, missão que vem sendo cumprida pelo empresário de forma polêmica. O que aparentemente não estava nas contas do chefe, ou pelo menos havia sido subestimado, era a possibilidade de ter que dividir holofotes com Musk.

O empresário gastou quase 280 milhões de dólares na campanha do republicano, criando uma loteria com prêmios em dinheiro para engajar apoiadores trumpistas. Vitorioso na estratégia, foi recompensado com a criação do Departamento de Eficiência Governamental (DOGE, na sigla em inglês). A autarquia não tem sequer status de ministério, mas obteve acesso a informações confidenciais da burocracia estatal e autoridade suficiente para desmantelar órgãos que são considerados "desperdício de dinheiro público". Na primeira entrevista coletiva que deu ao lado do chefe, Musk justificou a medida como sendo necessária para reverter um déficit fiscal que não para de crescer e que atingiu 711 bilhões de dólares no último trimestre do ano passado. "As pessoas votaram neste projeto e vão receber o que prometemos. É disso que se trata a democracia", afirmou.

Com mãos de tesoura, o bilionário já anunciou que pretende cortar entre 5% e 10% do funcionalismo público, estimado em 2,5 milhões de servidores. Por enquanto, porém, os alvos de Musk e sua turma — jovens com menos de 25 anos e nenhuma experiência em gestão pública — são as autarquias que entraram na mira por, supostamente, defender ideias liberais de esquerda. É o caso da

Telegram @clubederevistas



ANNA ROSE LAYDEN/GETTY IMAGES

FORA! Protesto em Washington: flagrante conflito de interesses

USAID, a maior agência de ajuda humanitária do mundo, que está sendo simplesmente fechada, e do Departamento de Educação, que administra empréstimos estudantis. Os dois organismos são acusados de gastar dinheiro do contribuinte americano com projetos estapafúrdios mundo afora (exemplo: financiar viagens de modelos e estilistas de moda para desfiles em Nova York, Londres e Paris). Pior que isso, dentro da visão republicana: estariam a serviço da agenda woke, espalhando "extremismo climático" e "radicalismo de gênero". A política de cortes divide a opinião pública americana, com alguma vantagem para a reprovação, segundo as pesquisas.

Ainda mais ruidoso foi o acesso franqueado ao DOGE dos dados estratégicos e protegidos do Tesouro Nacional, que no ano passado movimentou a astronômica cifra de 6,7 trilhões de dólares em pagamentos de salários, benefícios sociais e contratos com a máquina estatal. “Governo não é empresa”, diz Alex Thomas, do think tank britânico Institute for Government. “Partes que se desintegram podem levar a enormes perdas de dinheiro e até de vidas.” Musk, porém, não demonstra qualquer sinal de hesitação e replica no Estado o mesmo método de administração das empresas que controla, onde sua palavra é lei e quem não concorda com ela que peça o chapéu. Na calada da noite, os funcionários dos departamentos desmantelados foram informados por e-mail que seriam colocados em licença remunerada. Quem resistiu em fornecer informações ao DOGE, alegando falta de autorização do departamento para solicitá-las, acabou demitido ou afastado. A reação foi imediata: dezenove procuradores ligados ao Partido Democrata e diversos sindicatos promoveram uma enxurrada de ações na Justiça, na tentativa de estabelecer um freio no negócio. Um juiz de primeira instância atendeu ao pedido e suspendeu as atividades do órgão, mas a decisão final deverá ficar para a Suprema Corte.

Até o momento, a discussão jurídica do caso tem girado em torno do vínculo altamente informal que Musk mantém com o governo. Mas não são poucos os que alertam para conflito de interesses entre sua atividade pública e

Telegram @clubederevistas

seus negócios privados. Embora Trump tenha garantido que "ele não tem nada a ganhar com isso", há um mar de imbróglios das empresas de tecnologia da grife Musk com o poder público. A montadora de veículos elétricos Tesla, avaliada em 1,25 trilhão de dólares, está sendo investigada pelo governo em razão do sistema de direção autônoma de seus carros, que teria sido responsável pela ocorrência de treze acidentes fatais. A SpaceX tem mais de 15 bilhões de dólares em contratos com o governo e recentemente comprou confusão com a Nasa.

Em meio ao barulho, o homem mais rico do mundo ainda encontrou disposição para tentar adquirir a OpenAI, empresa dona do ChatGPT, em uma batalha que tende a terminar nos órgãos antitruste. "Quem o impede de usar dados sigilosos para prever mudanças econômicas, identificar vulnerabilidades do governo e modelar o comportamento do eleitor?", indaga Allison Stanger, do Centro para Internet e Sociedade de Harvard. Nem Trump ousou tanto. Resumo da ópera: só mesmo o pequeno X Æ A-Xii, ingênuo, parece sincero na cena que marca um novo tempo. ■

Telegram @clubederevistas

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Nara Boechat
e Giovanna Fraguito



A DELÍCIA DE SER MALVADA

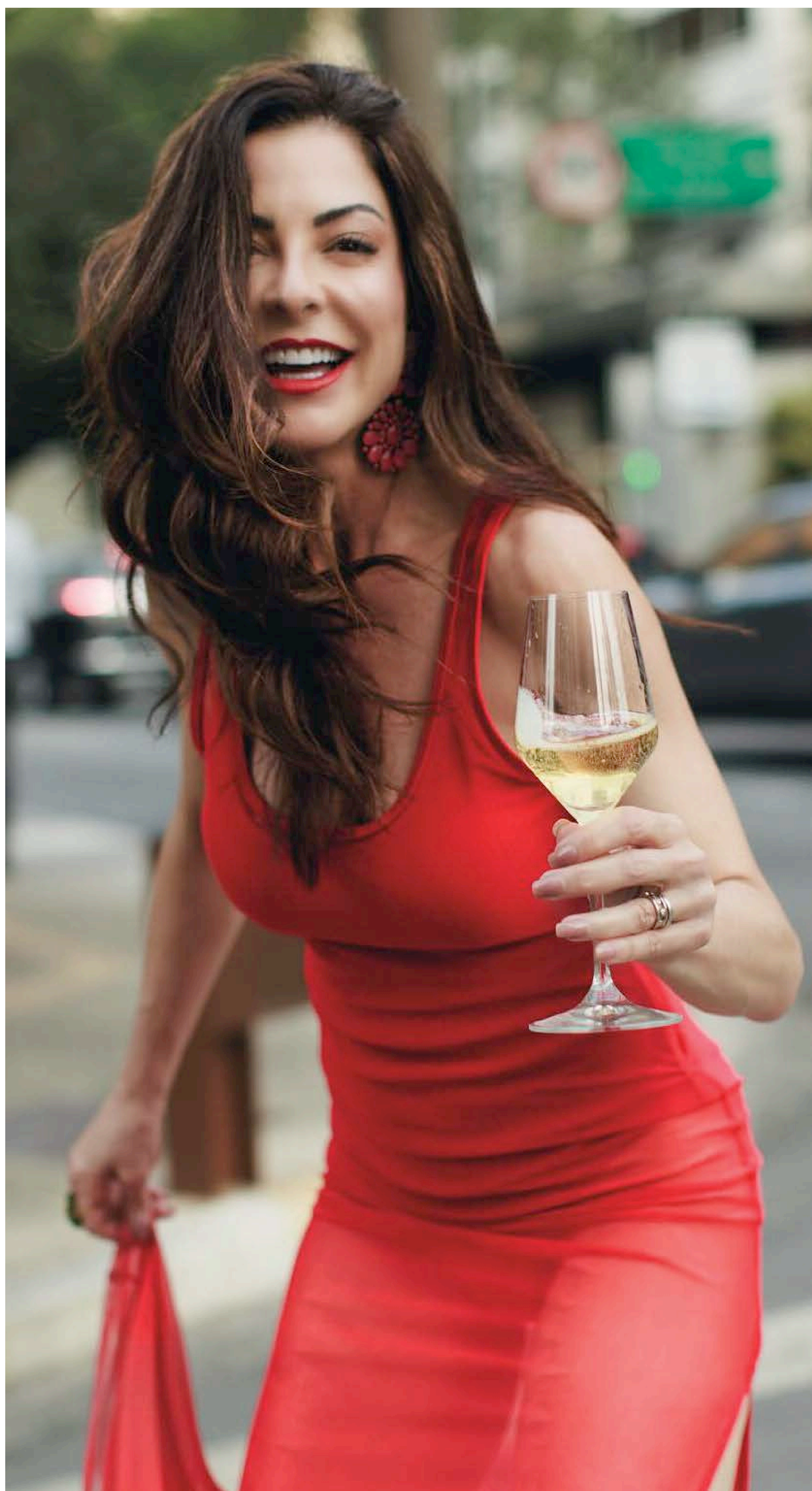
A máscara de vilã cai bem em **LETICIA COLIN,** 35. Depois de encarnar uma jovem de índole duvidosa em *Segundo Sol* e uma trapaceira em *Todas as Flores*, a atriz está roubando a cena no papel de uma vigarista que se aproveita de uma moça com amnésia em *Garota do Momento,* novela das 6, da Rede Globo. "Adoro fazer vilãs, é um vício", diz ela, sem medo da reação agressiva dos telespectadores nas ruas. Como mulheres malvadas costumam trazer popularidade e reconhecimento, mas afugentam polpudas campanhas publicitárias, Leticia almeja interromper a sequência de personagens sem caráter em seus próximos projetos. "Também gosto de fazer mocinhas, talvez esteja chegando a hora de uma outra energia", afirma.



INSTAGRAM @LETICIACOLIN

Telegram @clubederevistas

“PARA TUDO!”



INSTAGRAM @ANAPAULAPADRAOOFICIAL

Sem aviso prévio, **ANA PAULA PADRÃO,** 59, decidiu pôr em prática o bordão que cansou de repetir, com exclamação, no comando do reality culinário *MasterChef Brasil,* na Band, cada vez que o tempo de preparo dos pratos chegava ao fim: “Para tudo!”. A apresentadora deixou o show e a TV aberta de vez para assumir a diretoria de uma escola de negócios voltada para a formação de lideranças femininas no universo corporativo. “Quando comecei a trabalhar nos anos 1980, não havia mulheres em quem pudesse me inspirar para entrar no mercado, era preciso uma certa masculinização”, diz Ana, que já tem 650 alunas interessadas. “Minha geração adiou a maternidade, ou simplesmente não teve filhos por causa do trabalho”, afirma ela, que não é mãe.

Telegram @clubederevistas


MATEUSZ SLODKOWSKI/GETTY IMAGES

UM CHUTE NO MACHISMO

Jovem talento do futebol feminino, a meio-campista alemã **LENA OBERDORF,** 23, do Bayern de Munique, se revoltou contra o machismo que costuma reinar dentro e fora dos estádios. Não bastassem as expressivas diferenças salariais praticadas em relação aos atletas masculinos, ela relatou reações absurdas por parte dos homens nas redes sociais. “Depois dos jogos, vejo centenas de vídeos editados com música sexy, enquanto levanto minha camisa para limpar o suor”, lamentou Lena. “Às vezes, quando estou caída no chão, penso: ‘Esta é uma posição desfavorável’.” Já passou da hora de as craques serem reconhecidas pelo que fazem com a bola nos pés.

Telegram @clubederevistas

LENTA SUCESSÃO

Representante da terceira geração da família fundadora da marca de cosméticos L'Oréal, **FRANÇOISE BETTENCOURT MEYERS,** 71, anunciou que está disposta a fazer a fila da sucessão andar no conselho de administração da empresa. A segunda mulher mais rica do mundo vai ceder a vice-presidência aos filhos Jean-Victor, 38, e Nicolas Meyers, 37. Segundo o comunicado oficial, a executiva quer "garantir a continuidade do compromisso" do clã com a marca. A matriarca, no entanto, seguirá dando as cartas na Téthys, holding que detém pouco mais de um terço das ações da L'Oréal. Ao que tudo indica, a executiva, cuja fortuna é estimada em mais de 72 bilhões de euros pela agência financeira Bloomberg, será substituída pelos herdeiros em vida, mas sem pressa.



LAURENT ZABULON/ABACA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

Telegram @clubederevistas



XNY/STAR MAX/GC IMAGES/GETTY IMAGES

POSE PERDIDA

Não se sabe bem o motivo, mas o fato é que **JUSTIN BIEBER,** 30, tem chocado os fãs ao aparecer com a silhueta cada vez mais magra e pálida — nem de longe lembra o garoto vivaz que foi alçado precocemente ao concorrido panteão da música pop. Especulações, no entanto, não faltam. A apatia, estampada nos tabloides britânicos e americanos, seria fruto da exaustão que costuma acometer pais de primeira viagem (o pequeno Jack Blues nasceu em agosto do ano passado) ou do desgosto decorrente do fato de ver seu amigo e mentor, P. Diddy, ser acusado de tráfico sexual. A atitude do astro teria até motivado uma crise no casamento com a modelo Hailey Bieber, que decidiu levar a família para uma viagem a Aspen, na companhia de amigos, apostando numa reação. Até agora, no entanto, Bieber segue na mesma. ■

Telegram @clubederevistas

GERAÇÃO BETA

O ano de 2025 marca o surgimento de uma nova leva de seres humanos que chega ao mundo envolta em inovações tecnológicas e incertezas climáticas, fatores decisivos em suas vidas

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **JÚLIA SOFIA**



PREVISÕES OTIMISTAS Berçário: grupo talhado para resolver de forma criativa desafios complexos

BEN EDWARDS/STOCKBYTE/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

Quando a graciosa Ana Elisa nasceu, à 0h45 de 1º de janeiro, sua mãe, Ana Carolina do Nascimento, de 22 anos, não sabia, por óbvio, estar trazendo ao mundo uma das primeiras integrantes no Brasil de uma nova geração, que já ganhou até nome: é a turma beta, estreante no planeta em 2025, e que seguirá engrossando a população mundial até 2039.

Foi depois da Segunda Guerra que os demógrafos começaram a dividir as pessoas segundo fronteiras geracionais que trocam de denominação e características de tempos em tempos. Os pioneiros foram os baby boomers, fruto entre 1940 e 1960 da explosão de natalidade insuflada pela euforia pós-conflito, sucedidos pelos chamados X, um grupo de ímpeto mais libertário que povoou os berçários até 1980, e depois pelos millennials (ou Ys) e pela badalada geração Z, essa que agora dá à luz bebês como Ana Elisa.

A menina e outros recém-chegados à Terra engatinham sobre um terreno que em tudo enfatiza e aprofunda a experiência dos progenitores — imersos que estão no caldo das aceleradas mudanças tecnológicas, puxadas pela inteligência artificial (IA), e frente a frente com desafios inéditos. "Espero que, no meio de turbilhão, minha filha estude e tenha valores muito sólidos", diz Ana Carolina. Os novos bebês representarão

16%
da população mundial será ocupada pelos betas até 2039

Telegram @clubederevistas



AWRQUIVO PESSOAL

PEQUENA PIONEIRA

Primeira a nascer na rede estadual do Rio em 2025, **Ana Elisa** engrossa a leva de brasileiros beta. A mãe, **Ana Carolina do Nascimento,** 22 anos, não tem como antecipar o futuro da filha, mas avisa: “Vou fazer de tudo por ela”

Telegram @clubederevistas

em pouco mais de uma década um contingente de 2 bilhões de humanos (16% dos habitantes do mundo), que convive-rão, como nenhum outro grupo demográfico, com gerações diversas. Isso ocorre porque o pelotão de gente de cabeça branca cresce em ritmo acelerado, o que propicia interessan-tes laços com os estratos que já cruzaram os 60, 70, 80 anos. Neste planeta envelhecido, recairá sobre os novatos o peso de serem mais inovadores e produtivos. A previsão no Brasil é que a população em idade ativa comece a cair em dez anos, enquanto a fatia dos idosos se expandirá rapidamente no próximo meio século. E os representantes beta terão de aprender a navegar no mar de convivências inéditas. “As condições são favoráveis para essa geração trazer solu-ções para problemas complexos de forma criativa”, disse a VEJA o demógrafo australiano Mark McCrindle, autor do livro *Geração Alpha* (a criançada que começou a nascer em 2010) e estudioso dos que agora ocupam os berços.

Ainda que seus pais tenham intimidade com as telas ele-trônicas, já que ganharam asas às voltas com elas, a geração que hoje desponta não tratará como ferramenta externa, de diversão e trabalho, mas, sim, como uma espécie de extensão do próprio corpo. “Não precisará haver adaptação aos recur-sos virtuais. A criança já chegará inserida no meio digital, manuseando tudo muito naturalmente”, afirma a pedagoga Danielle Travassos. Ela faz coro com especialistas mundo afora, atentos a um ponto seminal e inescapável, o de contro-le pedagógico. “Os mais velhos devem cuidar para que o ma-

Telegram @clubederevistas



KRONGKAEW/MOMENT/GETTY IMAGES

IMERSÃO TECNOLÓGICA Criança brinca com brinquedo de IA: a tecnologia será vista como extensão do próprio corpo

nejo on-line permaneça em campo positivo e saudável", reforça Danielle. Não se trata de simplesmente chover no molhado, mas de estar atento à maneira pela qual a grande revolução promovida pela IA, já em marcha, moldará a identidade de quem está chegando agora ao mundo, principalmente quanto à forma de se comunicar, aprender, desenvolver novas habilidades e construir vínculos afetivos. Diz-se que o grupo Z é nativo digital. O beta crescerá um passo além, muito além, no universo da IA, de limites ainda inalcançáveis ao olhar.

O cenário traz preocupação para quem logo, logo dará sua contribuição pessoal ao aumento da geração beta. É o caso de Wellington Melo, 29 anos, cheio de reflexões sobre o futuro de Catarina, prevista para vir ao mundo em quatro meses. "Tenho medo de que a IA mine sua sede por conhecimento", diz o pai de primeira viagem. Quem crescer sob essa moldura precisará de sobejas doses de senso crítico para lidar com o bombardeio de estímulos e conteúdos e para não deixar que as máquinas substituam o pensamento e as

Telegram @clubederevistas

funções humanas. "É certo que as pessoas vão usar mais ferramentas digitais para realizar tarefas por elas", afirma o psicólogo Luiz Nunes, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. "Há um risco de empobrecimento intelectual na geração que surge." É obstáculo real.

O estreitíssimo elo com a tecnologia já vem modificando o funcionamento do cérebro humano, informam pesquisas recentes. Atrelado a respostas rápidas, imediatas, ele fica saciado e, digamos assim, preguiçoso. "O acesso contínuo à gratificação instantânea pode alterar a produção de dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de recompensa", diz a neurocientista Leninha Wagner. Parece até bom, mas a longo prazo esse mecanismo se desdobra em menor tolerância às inevitáveis frustrações inerentes à existência. Não há dúvida: as habilidades digitais se revelarão mais afiadas do que nunca. O nó: a garotada beta estará talhada para enfrentar as asperezas do cotidiano? "Os estímulos aos quais estarão expostos desde cedo devem moldar suas redes neurais de maneira distinta, impondo novas dificuldades no campo das competências emocionais e do preparo para a interação social", arremata a neurocientista.

Ao longo de sua trajetória, a turma beta testemunhará o planeta cravar a marca de 10 bilhões de habitantes — crescimento significativo em relação aos atuais 8,2 bilhões — lá pelos anos 2080, quando já forem cinquentões. A maior parte dos nascimentos deve se dar em países da África e nos rincões menos desenvolvidos da Ásia, já que o estilo de vida

Telegram @clubederevistas



ARQUIVO PESSOAL

RITMO FRENÉTICO

À espera da primeira filha, **Daniele Ventura** e **Wellington Melo,** ambos de 29 anos, estão inseguros no mundo em rápida transformação. “Não sei se conseguirei acompanhá-la”, afirma o futuro pai

contemporâneo, observado sobretudo nas grandes metrópoles ocidentais, tem feito as taxas de natalidade despencar. Em compensação, o contingente populacional da porção subsaariana do continente africano deve dobrar de tamanho nos próximos 25 anos, aumentando os desafios que essa geração enfrentará por melhores condições de vida. É dado como certo que ela também deve presenciar uma grande mudança de paisagem nas regiões de intenso crescimento populacional. Segundo a ONU, até 2050, 68% dos habitantes do planeta se concentrarão em áreas urbanas, aumentando a pressão por infraestrutura, transporte, saneamento básico e habitação.

Ainda que pareça um problema distante para quem está no Brasil, país que caminha na direção oposta em termos demográficos e deve desacelerar a curva de crescimento até diminuir de tamanho nas próximas duas décadas e meia, é inexorável que a demanda crescente por recursos naturais cause problemas ambientais de reflexos significativos na vida das crianças em todo o mundo. O aumento da temperatura do planeta, responsável por tragédias climáticas que vão de grandes enchentes a períodos prolongados de severa estiagem, tende a afetar mais gravemente quem está no início do desenvolvimento humano. O Unicef calcula que nada menos que 40 milhões de meninas e meninos brasileiros já sofram os efeitos das mudanças climáticas. Como as medidas para mitigar o fenômeno caminham a passos de tartaruga, o problema tende a se agravar a curto prazo. Prestes a dar à luz Ícaro, a publicitária Camila Hirth, 25 anos, fica an-

Telegram @clubederevistas


SELECTSTOCK/E+/GETTY IMAGES

PRIVILÉGIO Idoso e bebê: convivência inédita entre gerações diversas

siosa quando se põe diante do noticiário recheado de tragédias e já sabe: "Vai ser mais difícil para ele", diz.

Ao que tudo indica, porém, essa fatia da população global terá a mente flexível de modo a encontrar saídas para as constantes e vertiginosas transformações observadas também no mercado de trabalho, nas estruturas familiares e relações interpessoais. Definitivamente, os indivíduos beta já surgem em movimento, equipados com molas e amortecedores na cintura para rebolar diante da impermanência da vida. "Eles tendem a ser menos engessados, com a fluidez necessária para mudar de ideia, de emprego, de casa sem se preocupar tanto com estabilidade", diz o demógrafo José Eustáquio Alves. Embalados pela crescente expectativa de vida, os indivíduos beta serão os primeiros a cruzar a fronteira para o próximo século, em 2101. "O futuro depende de como agirá essa geração", afirma o australiano Mark McCrindle. Que ela seja capaz de elevar a inteligência humana a funcionar em potência máxima, de maneira ética e produtiva. ■

Telegram @clubederevistas

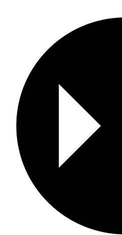
EM BUSCA DO VIGOR PERDIDO

Diagnósticos mais cuidadosos e redução dos preconceitos masculinos levam cada vez mais homens a procurar tratamentos de reposição hormonal após os 40 anos de idade **LUIZ PAULO SOUZA**



JAVIER ZAYAS PHOTOGRAPHY/MOMENT/GETTY IMAGES

PRESCRIÇÃO Injeções, implantes e géis: uso de testosterona só é recomendado após criteriosa análise médica



Telegram @clubederevistas

SE NA ANTIGUIDADE clássica as estátuas dos deuses gregos representavam o ideal de um corpo másculo, hoje as redes sociais espelham, de post em post, o que homens devem buscar para manter a beleza, a força e a juventude. E, por trás das fotos de gente sarada e feliz, não raro reside um atalho do qual nossos antepassados não dispunham: a fórmula — quase mágica, na visão de alguns entusiastas — está na versão sintética de um hormônio naturalmente fabricado pelo organismo, a testosterona. Isolada e descrita em 1935, é ela que confere as características masculinas típicas, embora também seja produzida, em menor escala, pelo corpo feminino. A partir do momento em que demonstraram suas propriedades anabolizantes e conseguiram reproduzi-la em laboratório, tornou-se uma arma perigosa no circuito das academias, com uma clientela disposta a arriscar a saúde em busca de músculos robustos.

A fórmula é sedutora: a aplicação de injeções e géis, nem sempre obtidos com orientação e receita médica, costuma render efeitos logo nos primeiros dias. Usuários apontam maior disposição, melhora do desempenho sexual e, com o tempo, facilidade para eliminar gordura e ganhar massa magra. Os relatos insuflados pela autoestima anabolizaram as buscas pela internet e as vendas. Pelos cálculos da Anvisa, o comércio de produtos com testosterona sintética decolou 670% nos últimos cinco anos. Um crescimento tão exponencial que acendeu o alerta do

Telegram @clubederevistas

ISTOCK/GETTY IMAGES



ESTÉTICA Dentro e fora das academias: desejo de juventude e performance

Conselho Federal de Medicina e o levou a proibir a prescrição para fins estéticos. E por quê? Porque, fora das indicações terapêuticas, o uso sem necessidade fisiológica pode impor reveses à saúde.

Ao mesmo tempo que se faz o combate ao mau uso da droga, vem caindo o preconceito masculino a respeito da necessária prescrição dela em tratamentos de reposição hormonal. A partir dos 40 anos de idade, calcula-se que

Telegram @clubederevistas

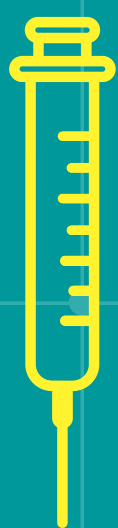
o corpo começa a reduzir a produção de testosterona. Se esse processo chega a níveis críticos, aparecem sintomas como fadiga excessiva, perda de libido e aumento de peso. O hormônio sintético é recomendado para reequilibrar essa química, mas vale ressaltar: a rigor, como pregam as diretrizes, a administração só faz sentido quando, após uma análise criteriosa dos sintomas e dos exames, for detectada a carência hormonal. "Nesses casos, a reposição permite que os níveis de testosterona voltem ao normal, devolvendo o bem-estar sem causar efeitos colaterais ao paciente", diz o endocrinologista Alexandre Hohl, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Esse tipo de condição atinge cerca de 2% dos homens, autorizando o uso do tratamento. Com o envelhecimento da população, o público em busca dessa ajuda da medicina vem aumentando. Embora esses dados não estejam públicos no Brasil, estima-se que nos Estados Unidos as prescrições desse tipo de droga tenham aumentado de 7,3 milhões em 2019 para 11 milhões em 2024.

A maior conscientização a respeito dos cuidados que envolvem esse tipo de terapia não impede o movimento de muitos brasileiros abraçarem géis, implantes e injeções de testosterona, a ponto de a terapia hormonal ter se tornado o carro-chefe de muitos consultórios médicos. O que se procura e vende? Melhora do cansaço, da vida sexual, da performance e da aparência. E há uma zona nebulosa aí, porque, no curto prazo, a sensação dos pacien-

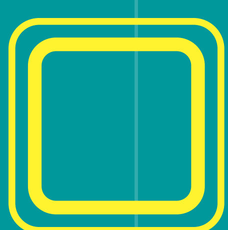
TIRA-TEIMA

Apesar da popularidade, a indicação da terapia com testosterona é restrita

Vias de uso:



INTRAMUSCULAR
Mais conveniente do que as opções diárias, com semanas ou meses de intervalo entre as aplicações



ADESIVO TRANSDÉRMICO
Permite a passagem constante do hormônio através da pele e pode ser substituído a cada 3 ou 4 dias



GEL
Pode ser aplicado uma vez ao dia; exige cautela no contato com as crianças



IMPLANTES SUBCUTÂNEOS
Popularizados no “chip de beleza”, podem ser trocados a cada 6 meses

Telegram @clubederevistas



COMPRIMIDOS

São pouco utilizados devido à maior eficiência das outras alternativas

+ Indicações médicas:

Hipogonadismo: *quando há deficiência comprovada do hormônio por exames; visa normalizar os níveis no organismo*

Transgeneridade: *para facilitar o desenvolvimento de caracteres masculinos durante o processo de transição de gênero*

Desejo hipossexual: *prescrito temporariamente para aumentar a libido de mulheres em menopausa*

Puberdade tardia ou micropênis neonatal: *para regularizar o desenvolvimento sexual e as características físicas masculinas*

Caquexia: *para diminuir a perda de massa muscular que acompanha doenças como o câncer*

Telegram @clubederevistas

tes pode até ser positiva. A questão é que o tratamento com hormônio sintético fora das indicações estudadas deixará o corpo com taxas fisiologicamente mais elevadas do que o natural. E isso abre caminho a uma gama de reações indesejáveis e potencialmente graves e irreversíveis: queda de cabelo, acne, desordens no coração e no fígado, alterações de humor, atrofia dos testículos, infertilidade... Um estudo recente atesta que pessoas que utilizam hormônios anabolizantes encaram, em média, um risco de morte precoce três vezes maior que não usuários.

É preciso, portanto, tomar precauções inclusive com certas condutas que não levam em consideração todo o contexto do paciente. Por exemplo: sozinho, o exame que dosa testosterona no sangue, utilizado por alguns profissionais como a justificativa para o tratamento, é insuficiente para subscrever a reposição. “Doenças como obesidade, diabetes e disfunção renal podem diminuir os níveis do hormônio. Ao tratá-las, com frequência eles se normalizam”, diz a endocrinologista Leandra Negretto, da Universidade Federal de Goiás. Descartados esses problemas e diagnosticada corretamente a necessidade de reposição, a terapia tem um efeito positivo. Melhor ainda se ela vier acompanhada da adoção de hábitos mais saudáveis. “Na maioria das vezes, basta fazer a lição de casa”, afirma Hohl. Ou seja, cumprir aquele plano que até os antigos gregos já prescreviam: dormir bem, comer direito, exercitar-se e cuidar da mente. ■

Telegram @clubederevistas

EU NÃO SOU DAQUI

Espécies invasoras, como o camarão azul, que se espalha pela foz do Rio Amazonas, ameaçam o equilíbrio da biodiversidade nativa e acendem alerta das autoridades **LIGIA MORAES**



CAMARÃO-GIGANTE-AZUL

O *Macrobrachium rosenbergii* é um crustáceo de água doce de grande porte, com até 30 centímetros e carne saborosa. O ciclo de vida se inicia em água salgada. É predador.

SHUTTERSTOCK

Telegram @clubederevistas

NÃO HAVIA outro assunto, e houve quem tenha ficado azul de espanto aos ver as imagens nas redes sociais. No início do ano, pescadores do Pará capturaram um grande número de imensos crustáceos estranhos às águas doces do Norte. O *Macrobrachium rosenbergii*, conhecido como camarão-gigante-da-malásia ou camarão-gigante-azul, introduzido no Brasil em 1977 para fins de cultivo controlado, escapou para o ambiente natural e tem se expandido rapidamente pela foz do Rio Amazonas. O crescimento descontrolado da espécie gerou alarde entre comunidades locais.

A introdução do camarão estrangeiro no Brasil pretendia diversificar a produção e atender a quem gosta de animais de rios, e não dos mares. O tipo, originário do Sudeste Asiático, é conhecido por seu rápido crescimento. A carne é de qualidade, característica que o tornou atrativo para os produtores. No entanto, a falta de manejo adequado e a escassez de medidas preventivas podem ter contribuído para a disseminação inadequada. “A ausência de predadores naturais e a alta capacidade de adaptação desse crustáceo são fatores que favorecem sua proliferação acelerada”, diz Andrea Junqueira, pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista em bioinvasões (sim, bioinvasões, eis o nome do rolo).

Mesmo assim, hoje, a produção nacional do camarão azulado é considerada modesta, estimada em cerca de 150 toneladas anuais. Em contraste, a produção mundial alcançou 234 000 toneladas em 2016, com a China respondendo

Telegram @clubederevistas

ISTOCK/GETTY IMAGES



PEIXE-LEÃO

O *Pterois volitans* é originário do Indo-Pacífico. Foi detectado pela primeira vez em águas brasileiras em 2014 e se espalhou por toda a costa, de sul a norte.

por aproximadamente 54,1% desse total. Embora tenha sido introduzido como alternativa econômica promissora, a dispersão descontrolada levanta um dilema: como equilibrar a produção comercial com o respeito à biodiversidade local?

A capacidade invasora do *M. rosenbergii* está associada à sua facilidade de adaptação. Relatos indicam a captura de fê-

Telegram @clubederevistas

SHUTTERSTOCK



JAVALI

O *Sus scrofa,* mamífero suíno originário da Europa e da Ásia, alimenta-se de plantas, frutos, raízes e pequenos animais. Compete com espécies nativas.

meas grávidas na foz do Rio Amazonas, sinal de que estão se reproduzindo no ambiente natural. Esse comportamento pode gerar impactos ambientais ao competir com camarões nativos por alimento e hábitat. Entre os principais riscos sanitários, está a síndrome da mancha branca, um vírus muito contagioso que pode devastar populações inteiras de crustáceos.

Telegram @clubederevistas

ISTOCK/GETTY IMAGES



CARAMUJO AFRICANO

O *Achatina fulica* é um molusco terrestre conhecido por seu imenso tamanho, com conchas que chegam a ter 20 centímetros.

Não é o caso de desespero, tampouco de desdém. Mas é sempre bom reafirmar o imenso problema: espécies exóticas invasoras são um nó recorrente no Brasil. Casos emblemáticos incluem o javali, que destrói plantações e compete com espécies nativas; o peixe-leão, que dizima populações de peixes em recifes de corais; e o caramujo-gigante-africa-

Telegram @clubederevistas

no, um risco sanitário urbano. Todos eles, quase sempre, são trazidos por viajantes. “A introdução de espécies exóticas pode desencadear uma série de impactos ecológicos que vão muito além da competição por alimento”, diz Michele Dechoum, professora de ecologia e zoologia da Universidade Federal de Santa Catarina. “Em alguns casos, elas podem modificar completamente a estrutura de um ecossistema.”

O que fazer, então? Em alguns casos, como no do peixe-leão, um caminho é a exploração comercial, afeita a fazer sumir do mapa o agressor. No entanto, nem sempre a solução é eficaz. “O incentivo ao consumo pode até ajudar a conter a invasão, mas, sem um plano de manejo, existe o risco de agravar o problema”, diz Dechoum. Outro modo, por óbvio, é a regulamentação. No caso da grande estrela paraense deste verão de 2025, o bigodudo celeste campeão do TikTok, o governo exige licença ambiental e autorização do Ibama. O cultivo ilegal prevê multas de 3 000 reais a 50 000 reais. Além disso, a Lei de Crimes Ambientais estabelece penas de detenção de três meses a um ano para quem introduzir espécies exóticas sem licença. Enquanto isso, pescadores continuam a capturá-lo, transformando um problema ecológico em uma oportunidade de negócio. Assim caminha a engrenagem econômica do Brasil. É preciso cuidado, para evitar pragas. Alguns bichos são simpáticos, muitos são bonitos, há os deliciosos, quando comidos, mas muito deles têm um jeito ruim de ser, como no famoso rock dos Titãs. Convém, portanto, seguir as regras e os cientistas. ■

Telegram @clubederevistas

DA FICÇÃO PARA O REAL

A adaptação do fenômeno *Minecraft* para parques temáticos nos Estados Unidos e no Reino Unido é a ponta do iceberg de uma onda inspirada em games **ANDRÉ SOLLITTO**



FUTURO Projeção do empreendimento: atrações para um público variado

MERLIN ENTERTAINMENTS

Telegram @clubederevistas

QUEM NÃO está acostumado a jogar videogames e vê o visual quadradão e aparentemente simplório de um sucesso, o *Minecraft*, pode não entender o apelo inegociável. O jogo, no qual os praticantes criam construções por meio do empilhamento de cubos, é o mais vendido da história, com mais de 300 milhões de cópias adquiridas em todo o mundo, desde seu lançamento, em 2011. Tem mais de 170 milhões de usuários ativos, e vídeos relacionados ao conteúdo do negócio já alcançaram mais de 1,3 bilhão de visualizações, e contando.

A empresa responsável pelo desenvolvimento da brincadeira, o Mojang Studios, foi comprada pela Microsoft em 2014 por 2,5 bilhões de dólares. O fenômeno, é natural, levaria, como levou, a marca para o cinema. Um filme de *live action* com os atores Jason Momoa e Jack Black está previsto para chegar às salas em abril. Vem aí também uma série na Netflix. Como os tijolinhos não param de subir, há no horizonte outra novidade ruidosa: os parques de diversão, de carne e osso, com a marca Minecraft, nos Estados Unidos e no Reino Unido. É movimento que não para de se expandir, a ficção a alimentar o mundo físico, os adesivos roteiros dos eletrônicos de mãos dadas com inovações para turistas.

A Minecraft selou acordo com a Merlin Entertainments, segunda maior operadora de parques de diversão do mundo, atrás da Disney, com 135 atrações espalhadas por 24 países. Mais de 110 milhões de dólares serão investidos em duas atrações, cuja inauguração está prevista em duas eta-

Telegram @clubederevistas

UNIVERSAL STUDIOS JAPAN



SUCESSO Super Nintendo World: atrações no Japão e nos Estados Unidos

pas, em 2026 e 2027. Dando certo, outros brinquedos devem ser construídos fora dos Estados Unidos e da Inglaterra. Projeções de computador mostram como o visual repleto de cubos será construído, palpável, de fato. É estratégia chamada de “aventuras transformadas em realidade”.

Um dos exemplos recentes dentro dessa onda é a Super Nintendo World, área temática construída em dois parques da Universal, um no Japão e outro na Califórnia. Com atrações inspiradas em personagens como Mario e Donkey Kong, vem atraindo um público empolgado, gente que cresceu de

Telegram @clubederevistas

DIVULGAÇÃO



EXPERIÊNCIA RUIM Angry Birds Land, na Inglaterra: fechado em 2024

mãos dadas com o bigodudo encanador e o simpático gorila. O interesse é tamanho que elas ganharão novidades em breve, e os brinquedos devem ser copiados em outros parques, um em Singapura e outro em Orlando, nos Estados Unidos.

A engrenagem é alimentada por cifras extraordinárias, e não por acaso os games estão migrando daqui para lá. É mercado mais rico que o de Hollywood. No ano passado, o setor movimentou quase 188 bilhões de dólares. “Não há por que não ampliar as fronteiras dos games para além do digital”, diz Vicente Martin Mastrocola, professor da graduação

Telegram @clubederevistas

de jogos digitais da PUC-SP. “Hoje, os jogos eletrônicos se tornaram um formato de mídia extremamente relevante, com enorme importância cultural.”

Não era assim até outro dia. Os jogos eram vistos como nicho de alcance limitado, alvo de pais irritados com filhos colados a joysticks e a telas. Tentativas anteriores, portanto, fracassaram, por serem precoces. Na década de 1980, o fenômeno *Pac-Man* serviu de base para dois brinquedos em um parque no Texas. Fecharam logo depois. Os jogos só voltariam a inspirar outras atrações nos anos 2000. O *Angry Birds,* o hit para smartphones que tomou o mundo de assalto em meados dos anos 2010, tornou-se uma área temática no Thorpe Park, em Surrey, na Inglaterra. O espaço foi fechado no ano passado. E dos erros deu-se o salto que agora parece andar, e nada de game over, ao contrário.

O bom momento dos parques baseados em games abre uma avenida de mão dupla. Visitantes que não conhecem os títulos podem se interessar por experimentar o jogo no ambiente digital, e os fãs de carteirinha vão querer ver como a experiência foi replicada no mundo real, embora seja provável a eclosão de críticas de radicais que não aceitam nada que não seja fidelíssimo. Se a onda crescer como se supõe, é possível imaginar outras franquias ganhando áreas temáticas. “De cara, penso na Riot Games montando um parque com *League of Legends* e *Valorant,* ou a PlayStation adaptando *Astro Bot*”, diz Mastrocola. As possibilidades de adaptação são infinitas. A história mal começou. ■

Telegram @clubederevistas

ELES AINDA ESTÃO LÁ

Astronautas americanos há mais de oito meses presos na Estação Espacial Internacional estão prestes a voltar para a Terra. Se não houver problemas, será um alívio

MARÍLIA MONITCHELE



REALIDADE Sunita Williams e Barry Wilmore: em órbita, à espera de uma oportunidade salvadora

NASA

EM 2013, *Gravidade,* de Alfonso Cuáron, prendeu a atenção do público ao contar a história de dois astronautas vividos por Sandra Bullock e George Clooney que, depois de um desastre espacial, lutam pela sobrevivência em órbita. Era um engenhoso roteiro de ficção, vencedor de sete estatuetas no Oscar, inclusive o de melhor filme. Como costuma acontecer, a vida acaba de imitar a arte. Os americanos Sunita Williams e Barry Wilmore, que deveriam passar alguns dias na Estação Espacial Internacional, a ISS, terminaram presos no espaço por oito meses, e contando.

A missão enfrentou uma série de problemas técnicos, como vazamentos de gás hélio e falhas nos propulsores da cápsula Starliner, fabricada pela Boeing. A Nasa, responsável pela segurança da empreitada, adiou mais de uma vez o retorno da dupla à Terra, em razão de atrasos na programação de lançamentos de novas missões. A próxima janela deveria ser em fevereiro, e a previsão mais recente é meados de março, se tudo correr bem.

Nesse meio-tempo, os astronautas protagonizaram duas caminhadas espaciais a 420 quilômetros da superfície terrena. Uma solo, com Sunita, que estabeleceu um novo recorde para mulheres, e a outra em dupla — ambas realizadas com sucesso. Tudo dentro de um roteiro meticuloso, previsto para mostrar que a agência espacial americana tem controle da aventura e do susto. Isso não significa, no entanto, que a situação tenha escapado de danos. A Boeing levou um tranco, com sua reputação subtraída. A empresa já enfrentava críticas devido a falhas em seus aviões comerciais e agora precisa lidar com a


NASA

TRAGÉDIA Janeiro de 1986: ônibus espacial Challenger se desintegrou no ar

humilhação de ver os tripulantes resgatados por sua principal concorrente no setor espacial, a SpaceX, fabricante da Crew Dragon, cujo dono, o bilionário Elon Musk, não perde a chance de tirar uma casquinha. Agora membro do governo de Trump *(leia na reportagem "Quem é que manda aqui?"),* tendo escolhido o novo diretor da Nasa, o também bilionário Jared Isaacman, o sul-africano promete acelerar o retorno.

Ele tem boas cartas na mão. A existência de dois fornecedores foi um modo de a Nasa ter certeza de que, caso um lado falhasse, o outro sairia em socorro, e é o que vai acontecer. Se não houver novos problemas, a Boeing respirará aliviada, por não ter havido nenhuma tragédia como a que vitimou sete tripulantes do ônibus espacial Challenger, em janeiro de 1986 — e a SpaceX será tratada como salvadora da pátria. "A situação terminou da melhor forma possível para todos: a Boeing pro-

Telegram @clubederevistas


WARNER BROS.

FICÇÃO Sandra Bullock e George Clooney em *Gravidade:* perdidos no cosmo

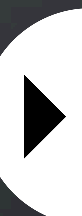
vou que o veículo voltaria em segurança, os Estados Unidos não foram impactados por uma tragédia e a SpaceX saiu como um ponto de resguardo para a Nasa", diz o engenheiro espacial Lucas Fonseca, um dos profissionais por trás do projeto que planeja levar o primeiro satélite brasileiro ao redor da Lua.

Tudo somado, espera-se que a permanência de Sunita e Barry pelas bandas lá de cima, um tanto quanto perdidos no espaço, vire uma história para contar, como as que a dupla relatou em entrevistas recentes aos veículos americanos. A Boeing não jogou a toalha. Musk, por sua vez, segue firme e forte, porque sonha levar o ser humano a Marte. A Nasa busca fazer renascer a conquista da Lua, prevista para ser tocada por um de nós em 2027. A ambição é deixar o pesadelo narrado em *Gravidade* para as telas do cinema. Por ora, contudo, convém relembrar: eles ainda estão lá. ■

Telegram @clubederevistas

ARQUIVO PESSOAL





Telegram @clubederevistas



CRESCI NUM CENÁRIO DE GUERRA SOCIAL

Ex-morador de uma grande favela, o psicanalista Marcelo Barbosa usa essa vivência para atender e escrever



MEUS PAIS ERAM DO CEARÁ e sempre ouviram falar que São Paulo era a terra das oportunidades. Eles vieram e moravam em Americanópolis, na Zona Sul da cidade, quando ficaram sabendo que construiriam um hospital em Heliópolis e havia terrenos disponíveis. Era 1985, e eu tinha 1 ano de idade. Fui uma criança muito doente, tinha bronquite e não pude frequentar nem creche nem pré-escola. Ficava na casa dos meus tios e vizinhos e crescia em uma favela que se desenvolvia em meio a invasões, esgoto sem tratamento e tráfico de drogas.

Comecei atrasado na escola, aos 8 anos, e me lembro da primeira vez que vi um tiroteio fora do videogame. Tinha uns 9 ou 10 anos, estava jogando fliperama em um bar e presenciei um cara com duas metralhadoras dando risada

Telegram @clubederevistas

por ter matado outra pessoa. Isso nunca saiu da minha memória. Foi ali que comecei a sentir o peso da vida, do espaço onde vivia, e comecei a questionar meus pais. Mas era o que a gente tinha, o que dava para pagar. O Estatuto da Criança e do Adolescente é de 1990, e ele não conseguiu me proteger. Cresci num cenário de guerra social.

A própria escola não fazia sentido para mim. Tive bons professores, sérios, mas demorei a entender o que era o espaço escolar e repeti a oitava série duas vezes. Era um jovem sem perspectivas. Minha mãe sempre foi mais durona e queria que eu fosse pedreiro, como meus tios. Meu pai era mais sonhador e achava que eu teria o mundo pela frente.

Olha, até achava que era adotado, porque queria outras respostas e um mundo diferente daquele da minha família. E acabei encontrando isso nos estudos. Depois do ensino médio, fiz curso técnico. Fui locutor e sonoplasta, parti para o jornalismo e, depois, para a área de ensino. Fui muito criticado quando saí da favela. Diziam que ela é que me fez crescer e me deu onde morar. Mas é fácil romantizar a favela. Não penso assim. Qual é a dificuldade de padronizar as moradias com dignidade e dar senso de pertencimento às pessoas? Não consigo aceitar esse contexto como algo normal. As pessoas não podem crescer dessa forma.

Fico frustrado com o que vejo por aí, claro, mas tento passar para a literatura toda essa situação de vulnerabilidade. Me formei psicanalista e escrevi uma trilogia, *Favela no Divã,* e, recentemente, uma ficção mostrando como esse ambiente in-

Telegram @clubederevistas

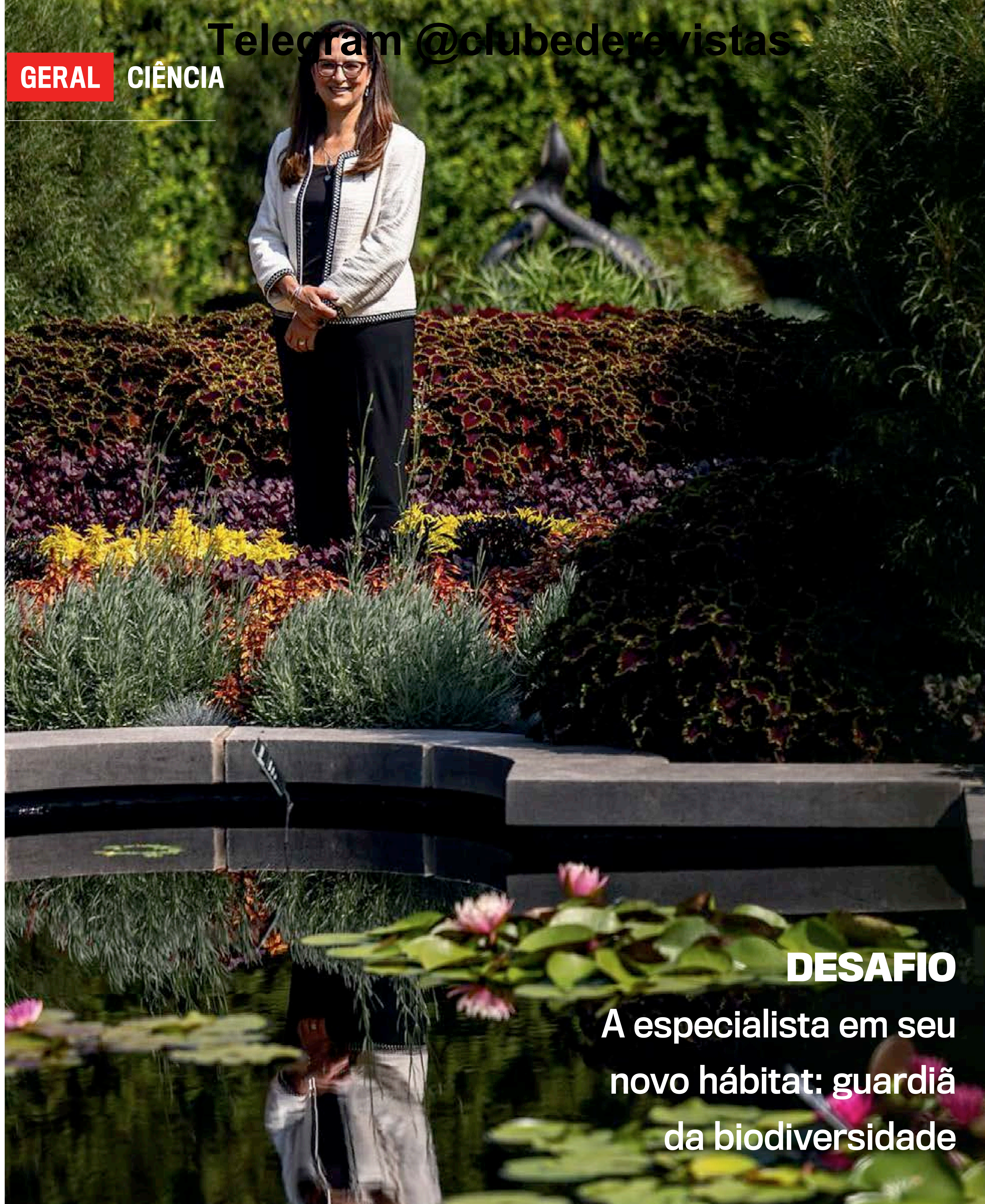
fluencia a jornada das pessoas, *A Vida de Cão do Requis*. Volto à favela para fazer projetos sociais, mas confesso que essa experiência às vezes me ativa gatilhos de ansiedade. Não é fácil ter visto gente morrer ali.

Perdi meu pai há dois anos. Ele tinha diabetes e, quando já estava bem doente, conversamos bastante. Soube das suas histórias na roça e descobri que tenho um irmão que estaria preso. Uma tia comentou que ele é de Diadema, no ABC Paulista, mas não sei o presídio onde ele poderia estar nem se já foi solto. Essa história me impressionou. Agora, estou captando recursos para um projeto pela Lei de Incentivo à Cultura para entregar meu livro *Favela no Divã* às 179 unidades prisionais de São Paulo, dentro de um programa de redução da pena por dedicação à leitura. Eu passei pelos traumas que muitos presidiários viveram. Sei que é possível encontrar um caminho para sair de lá.

Mesmo com as dificuldades da pobreza e da favela, consegui o que meus pais não conseguiram. Eles morreram analfabetos. Eu quebrei as amarras de uma herança de maldição intelectual. Hoje, como psicanalista, atendo quem não pode pagar por terapia. Nas sessões, ocorre um encontro de sofrimentos. Muitas pessoas trazem experiências pelas quais já passei ou de que ouvi falar, mas reajo como profissional, com uma escuta ativa. No fim, eu sou o meu próprio estudo de caso. ■

Depoimento a Paula Felix

Telegram @clubederevistas



DESAFIO
A especialista em seu novo hábitat: guardiã da biodiversidade

INSTAGRAM @ALLIE.S.PHOTOGRAPHY

A DOUTORA DAS PLANTAS

A brasileira Lúcia Lohmann é a primeira mulher latino-americana a assumir a direção do Missouri Botanical Garden, um dos mais antigos e respeitados jardins do mundo **MARÍLIA MONITCHELE**

Telegram @clubederevistas

OS JARDINS botânicos têm uma longa história, que remontam a civilizações antigas habituadas a cultivar plantas para fins medicinais, ornamentais e econômicos. O primeiro historicamente reconhecido foi criado em Pádua, na Itália, em 1545. Com o tempo, evoluíram para se tornarem centros de pesquisa científica, educação e conservação da diversidade vegetal. Assim como os museus e as bibliotecas, são fundamentais para entender o mundo como o conhecemos. O botânico italiano Stefano Mancuso, figura de relevo no mundo científico, defensor de uma maior apreciação do mundo vegetal e de sua inescapável inteligência, encoraja a ver os herbários não apenas como coleções esteticamente agradáveis, mas como espaços dinâmicos para refletir sobre a natureza e o futuro. Hoje, instituições centenárias como o Jardim Botânico de Nova York, criado no fim do século XIX, e o vistoso Kew Gardens, de Londres, surgido no século XVIII (ali onde o neurologista Oliver Sacks disse ter tido uma epifania ao ver pela primeira vez uma vitória-régia amazônica), são alvos de imenso respeito.

Os jardins pontuam a geopolítica. Um dos mais antigos do planeta, o Botânico do Rio de Janeiro, criado em 1808 pelo príncipe regente português dom João VI para aclimatar espécies vegetais originárias de outras partes do mundo, era palco de poder da metrópole, capaz de fazer vicejar pelas bandas tropicais de cá o que germinava nos lados temperados de lá, na Europa. Agora, em bonita parábola, uma brasileira, Lúcia Lohmann, de 50 anos, atravessou o oceano, ru-

Telegram @clubederevistas

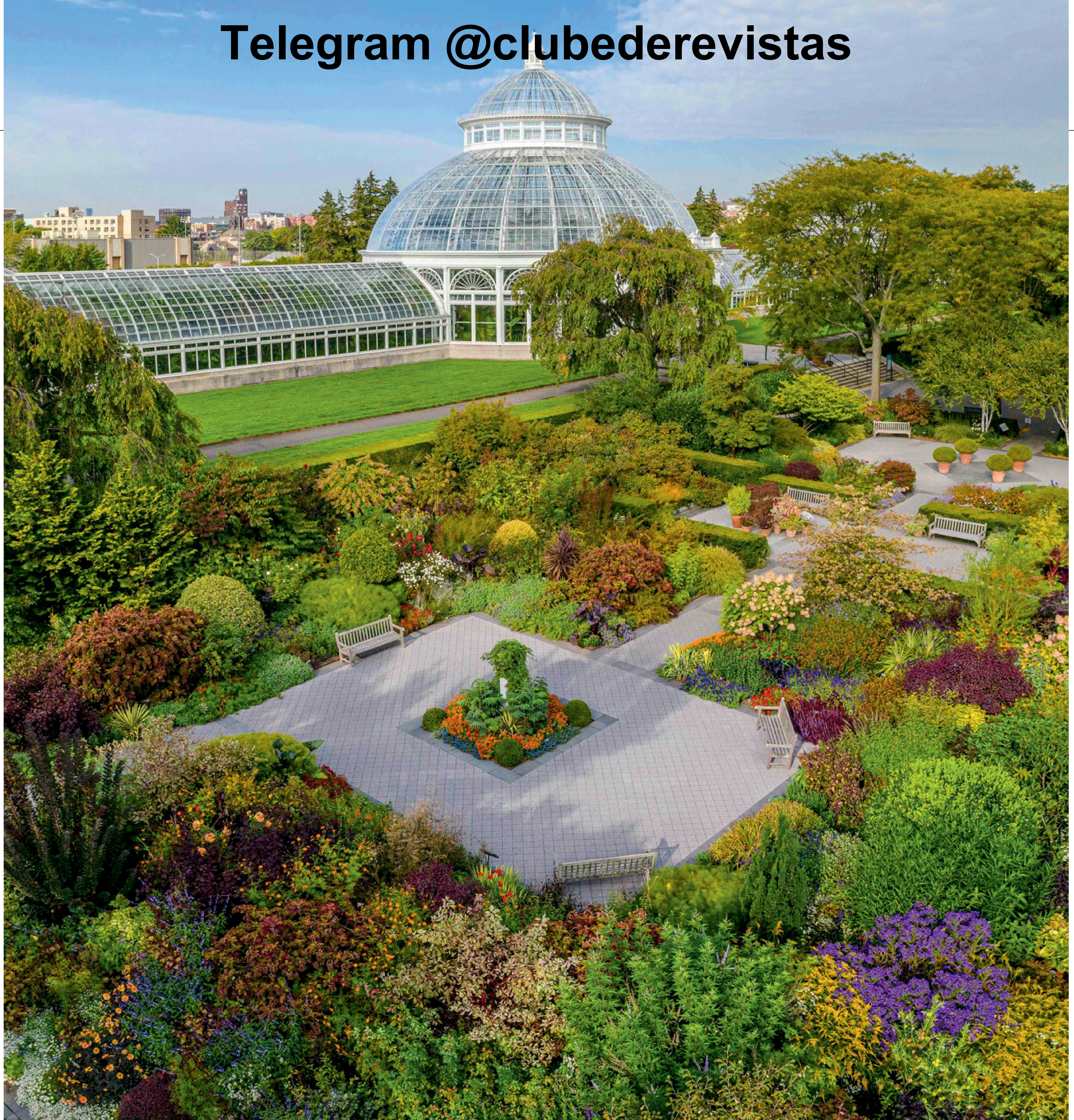
DANAIEL CASE/KEW GARDENS



LONDRES O Kew Gardens britânico: desde sua criação, em 1759, contribui para a manutenção de espécies raras

mo ao norte, convidada a cuidar de uma joia da coroa americana, o mais do que centenário Missouri Botanical Garden. Ela é a primeira mulher latino-americana à frente da instituição. Com um acervo de 8 milhões de exemplares vegetais provenientes de todos os continentes e uma equipe de cientistas de 35 países, o espaço cuidado com esmero vai muito além de terreno de lazer para crianças e adultos e contemplação. “Nós temos a responsabilidade de atuar como guardiões da biodiversidade”, disse Lohmann a VEJA.

Telegram @clubederevistas



NEW YORK BOTANICAL GARDENS

NOVA YORK Herbário de 1891: um pedaço de floresta na metrópole

A cientista brasileira assumiu a presidência do Botanical Garden em janeiro, “depois de uma extensa busca internacional”, conforme anunciou o comunicado oficial de sua nomeação. Sob sua responsabilidade estão a catalogação e preservação de espécies, a formação de novos profissionais e a articulação entre diferentes frentes de pesquisa em defesa da variedade da flora. Para a pesquisadora, a nomeação mata a saudade de um lugar fundamental em sua trajetória acadêmica, em cujas alamedas ela desenvolveu parte de seus estu-

Telegram @clubederevistas

dos. “De certa forma, é como reencontrar um velho conhecido”, diz ela.

Antes de carimbar de vez o passaporte, Lohmann construiu uma carreira de mais de duas décadas como professora na Universidade de São Paulo, onde também se formou em ciências biológicas. Na lida para detalhar espécies supostamente inéditas e iluminar outras já conhecidas, ela viveu aventuras. Em uma das incursões, chegou a quebrar seis costelas ao cair de uma árvore. Na Reserva Ducke, no Amazonas — uma das áreas mais bem catalogadas da floresta —, estimava-se a existência de apenas quinze espécies de ipês. Após um ano de trabalho minucioso, conseguiu ampliar a lista em dez vezes, identificando mais de 150.

O entusiasmo de assumir uma posição inédita ganha contornos ainda mais simbólicos sob a administração de Donald Trump. É simples: o republicano não esconde a ojeriza com o conhecimento e tem apreço por desdenhar dos estudos associados à proteção da biodiversidade. “Apesar do atual contexto, apesar dos entraves políticos, a ciência será sempre instrumento de transformação”, diz ela. Lúcia Lohmann é uma planta rara. ■

Telegram @clubederevistas

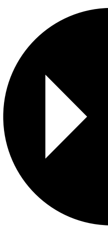
NA CONTRAMÃO DO MUNDO

Cidades brasileiras voltam a oferecer o aluguel de patinetes elétricos, abolidos de metrópoles como Paris, Madri e Melbourne em decorrência do número excessivo de acidentes



RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

IMPRUDÊNCIA Casal divide veículo em São Paulo: regras não são respeitadas



Telegram @clubederevistas

NO COMEÇO, há cerca de cinco anos, todo mundo achou legal: driblar o trânsito, sem fazer esforço, com os pés plantados em um patinete elétrico, ganhando tempo e contribuindo para que a meta de zero emissão de carbono nas grandes cidades fosse atingida — ainda por cima com o bônus de sentir o vento soprando no rosto. Assim, rapidamente, as empresas de aluguel de *e-scooters* invadiram as ruas das metrópoles mundo afora. Com a mesma velocidade, contudo, os problemas passaram a surgir: pilhas deles atravancando as calçadas, roubos em quantidade, acúmulo de acidentes com pedestres e outros veículos de maior porte. A situação levou alguns dos principais centros urbanos do mundo a restringirem o uso dos patinetes com celeridade.

Agora, as cidades brasileiras resolveram dar uma chance ao controverso meio de transporte, que havia sumido da paisagem depois de as companhias que operavam no país acumularem prejuízos. Desde o fim do ano passado, a empresa russa Whoosh passou a oferecer o serviço em São Paulo. Antes, já tinha obtido licenças para atuar no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Florianópolis. “Desde o início adotamos um modelo diferente, com diálogo constante com o poder público e medidas para garantir a segurança”, diz o CEO, Francisco Forbes. Na capital paulista, os veículos só estão autorizados a circular nas ciclovias e não podem passar de 20 quilômetros por hora. No Rio e em Porto Alegre, a velocidade é reduzida durante os fins de semana, quando as vias da orla são fechadas para lazer. Só maiores de 18 anos podem alugar os patinetes e caronas são estritamente proibidas. Qual o quê: basta uma volta pela cidade para notar que nem todos os usuários respeitam as restrições.

Telegram @clubederevistas

A imprudência dos condutores tem levado a um aumento dos acidentes. Um estudo da Universidade da Califórnia concluiu que os ferimentos causados por patinetes elétricos nos Estados Unidos cresceram 45% ao ano, entre 2017 e 2022. É situação que levou Paris, uma das pioneiras em sua disseminação, a interromper a operação em setembro de 2023, depois de 90% da população, em referendo, ter votado pelo banimento. A medida foi seguida por Melbourne e Madri. Em Londres, a prefeitura introduziu regras rigorosas: só pode alugar um desses veículos quem for maior de idade, ter carteira de motorista britânica e concluir um curso de direção. Roma decidiu aplicar multas altíssimas a infratores depois de uma turista americana causar danos de 25 000 euros ao descer a célebre Escadaria Espanhola em cima do aparelho. “Patinetes não têm estrutura de proteção, então qualquer colisão pode ser potencialmente letal, especialmente sem o uso de capacete”, diz Antonio Meira Júnior, presidente da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego.

A dor de cabeça provocada pelos *e-scooters* não se deve apenas à regulamentação frágil, mas à falta de infraestrutura urbana. Espremidos entre os carros e os pedestres, na disputa por espaço, brigam para sobreviver. Por serem “limpos”, insista-se, são celebrados. “Falta coragem dos gestores para tirar os carros das ruas”, diz Sergio Avelleda, professor de urbanismo do Insper, ao sugerir a retração de motores e a expansão dos objetos individuais, algo egoísta, mas sustentável. É um caminho, embora utópico. ■

Júlia Sofia

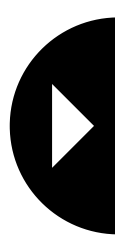
Telegram @clubederevistas

SEMPRE JOVEM

O Phantom, clássico da Rolls-Royce, que acaba de completar 100 anos, ganhou novas versões, continua sendo vendido até hoje e se tornou referência incontornável de sofisticação



OITAVA GERAÇÃO O modelo atual: o próximo tem tudo para ser eletrificado



ANDREW AITCHISON/IN PICTURES/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

NAS RUAS transitáveis em 1925, escassas e esburacadas, nos Estados Unidos e parte da Europa, o domínio era do Model T, o simples e eficiente carro da Ford que ajudou a popularizar o automóvel nas primeiras décadas do século passado. E, então, a marca inglesa Rolls-Royce pôs no mercado o Phantom. Era uma evolução do já sofisticado Silver Ghost, modelo anterior que ajudou a consolidar a aura de requinte da empresa. Desde então, ganhou novas gerações, despontou em filmes e séries e foi escolhido como veículo oficial de famosos e chefes de Estado. Ostenta também o título de carro mais longevo a ser ainda produzido: acaba de completar 100 anos em 2025.

No início, o Phantom consistia apenas em motor e chassi, com a carroceria feita sob demanda para cada cliente. O objetivo do engenheiro Henry Royce (1863-1933), fundador da grife ao lado do empresário Charles Rolls (1877-1910), era oferecer um veículo potente, confiável e sobretudo confortável. “Pegue o melhor que existe e torne-o ainda melhor. Se ele não existir, projete-o”, dizia Rolls. Durante a Segunda Guerra, a fabricação foi suspensa. Ao fim do conflito, o cenário de austeridade fez com que os modelos requintados perdessem espaço. Até que a família real britânica pediu que limusines fossem produzidas para compromissos oficiais. O Phantom voltou em 1950 em sua quarta geração. Foram feitas apenas dezoito unidades, vendidas à família real e cercanias. A cada conjunto de melhorias, uma nova geração era lançada, até que em 1990 a fabricação do Phantom ficou estacionada. A montadora foi comprada pela Volkswagen em 1998 e, posteriormente, pela BMW em 2003. Mas o Phan-

Telegram @clubederevistas



JOHN WARWICK BROOKE/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

ORIGENS O automóvel de 1925: a empresa produzia motor e chassi, com carroceria customizada

tom voltaria, repaginado, agora produzido na fábrica de Goodwood, em West Sussex, com motores exclusivos da BMW.

O Phantom está em sua oitava geração. O interior mistura elementos como couro de primeira qualidade, madeira, alumínio e outros materiais. Tudo feito sob medida para o cliente, incluindo os guarda-chuvas inseridos nas portas. Tem um pacote tecnológico completo e vem equipado com um motor V12 biturbo de 6,75 litros de 563 cavalos, suficientes para acelerar o sedã até 100 km/h em 5,3 segundos. Para os afortunados que podem desembolsar ao menos 475 000 dólares por um deles (o equivalente a 2,7 milhões de reais), pode ser a derradeira chance, quem sabe, de obter um motor a combustão. A empresa já afirmou que aposentará essa linha até 2030. Atrelado aos novos tempos, o centenário símbolo não envelhece, não é um patinete *(leia a matéria 'Na contramão do mundo')*, mas quer ser elétrico. ■

André Sollitto

Telegram @clubederevistas

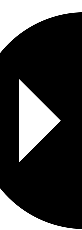
REVOLUÇÃO NA PELE

Exposição em Londres ilumina a aventura histórica do biquíni, termômetro dos humores da sociedade, em permanentes avanços e recuos comportamentais **SIMONE BLANES**



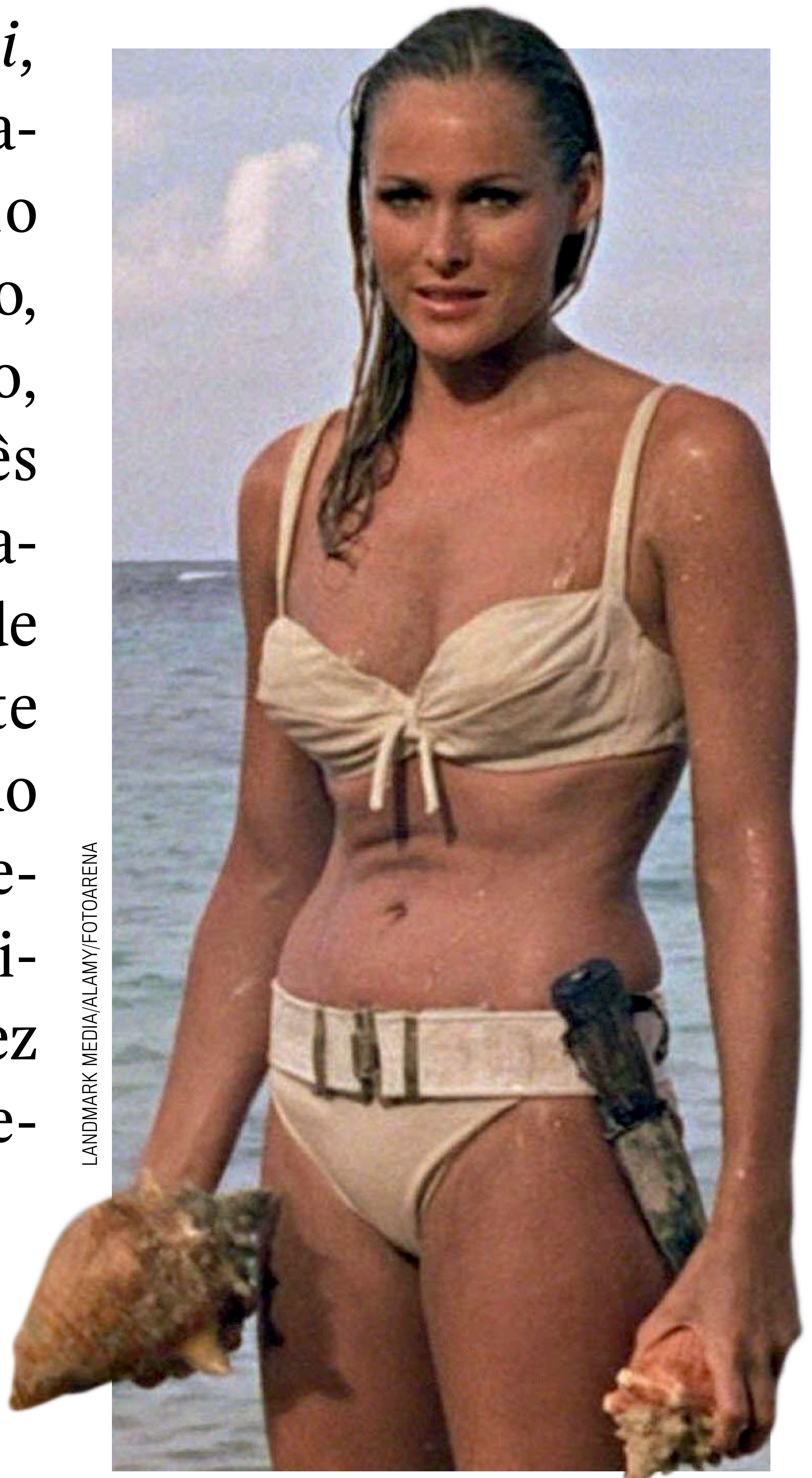
REPRODUÇÃO

BOMBA! A peça do francês Louis Réard, de 1946: só uma stripper quis vesti-la



Telegram @clubederevistas

ESTÁ nas enciclopédias. A gloriosa carreira internacional da palavra biquíni, na grafia em inglês, começou em 1946, quando os Estados Unidos iniciaram uma série de testes nucleares detonando uma bomba embaixo d'água no atol de Bikini, pertencente às ilhas Marshall, no Pacífico. Chamado de Pikkini na língua local (supostamente de *pik*, "superfície", e *ni*, "coco"), o nome do atol ganhou manchetes mundo afora. Mas explodiu mesmo, em estardalhaço atômico, quando o designer francês Louis Réard registrou a palavra *bikini* como marca de sua versão especialmente exígua (e com lacinhos) do maiô feminino de duas peças. Tais tipos de traje vinham encolhendo cada vez mais na Riviera, mas o negócio era tão diminuto que todas as modelos procuradas se recusaram a vesti-lo na festa de lançamento. Foi preciso contratar uma stripper de casas noturnas.


LANDMARK MEDIA/ALAMY/FOTOARENA

SATÂNICO Ursula Andress: espanto ao sair do mar em *Dr. No*, da série 007

Telegram @clubederevistas

No ano seguinte, em tom moralista, o jornal *Le Monde* atestava o valor metafórico da nova acepção, "palavra tão devastadora quanto uma explosão, correspondente à aniquilação da superfície coberta pelo traje e à minimização extrema da vergonha". A ditadura do espanhol Francisco Franco, que perdurou de 1938 a 1973, considerava o biquíni uma "ameaça". O breve presidente brasileiro Jânio Quadros, em 1960, tratou de vetá-lo, de mãos dadas com o jingle de campanha: "a certeza do Brasil moralizado".

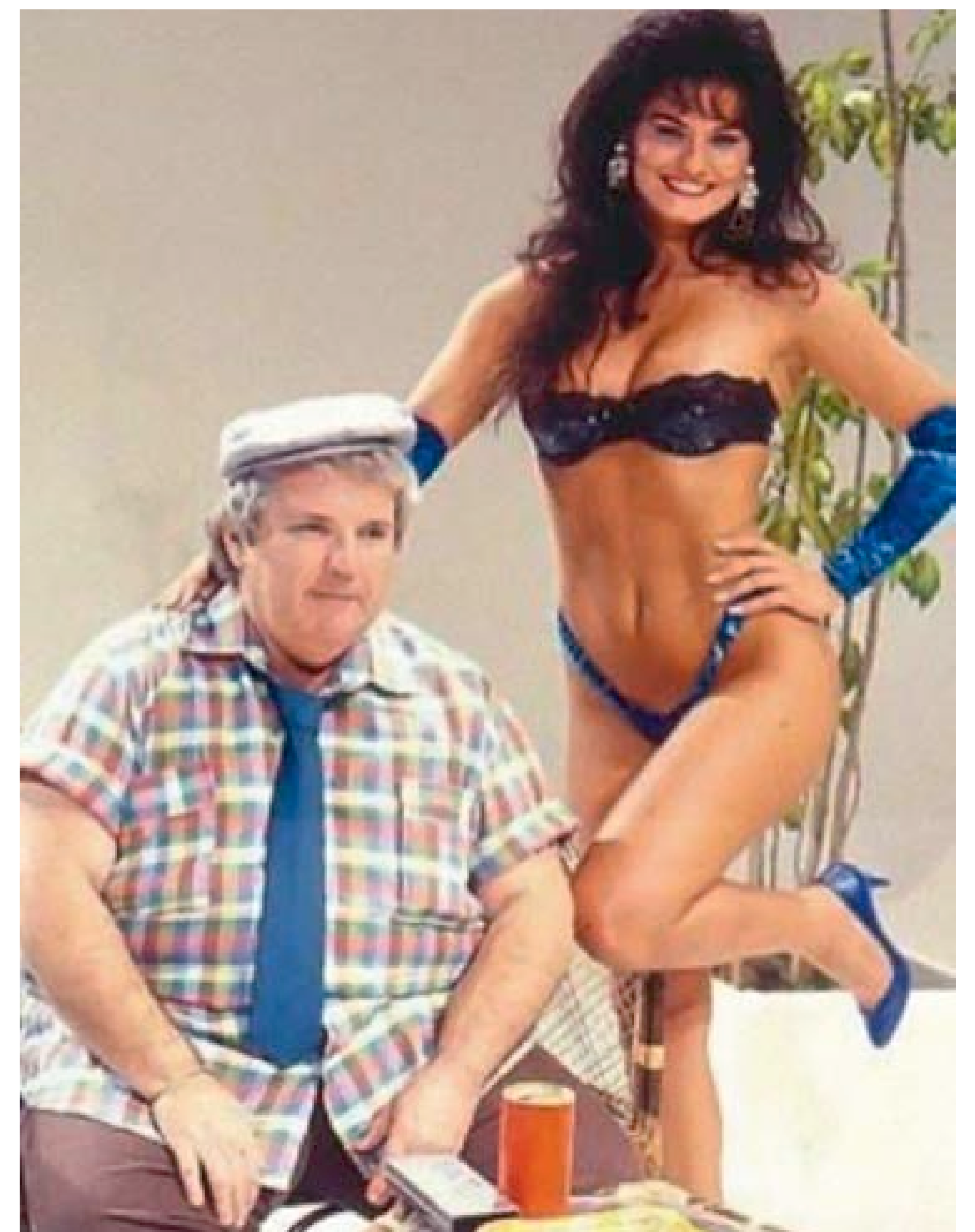
As reações mercuriais e conservadoras apenas confirmaram, ao longo do tempo, o poder de influência do que se convencionaria chamar de "moda praia", e o resto é história. Uma exposição no Design Museum, em Londres, a partir de março e até agosto, é uma lembrança do susto provocado pelas diminutas porções de pano no cotidiano banal de água salgada e areia, e inclusive nas competições entre raias. *Splash! A Century of Swimming and Style* (Splash! Um Século de Natação e Estilo) ilumina um capítulo costurado de limites ultrapassados, de avanços e recuos, como se o vestuário ajudasse a contar a história da civilização que decidiu banhar-se ao sol. Faz frio em Londres e é insólito mergulhar em aventura tão quente. Soa deslocado, é como um mundo irreal, mas é fascinante.

Não há muito espaço, na mostra, para as criações brasileiras, mas é inevitável apontá-las. Em 1962, houve espanto com a beleza veranil de Helô Pinheiro, a "garota de Ipanema" de Tom e Vinicius, cuja imagem inspiraria o

Telegram @clubederevistas


FACEBOOK @HELOPINEIRO


HIPÓLITO PEREIRA/AGÊNCIA O GLOBO


TV GLOBO

OLHA QUE COISA... Helô Pinheiro *(acima)* no início dos anos 1960, Monique Evans e Magda Cotrofe *(ao lado de Jô Soares),* nos anos 1980: o que era discreto, quase pudico, voou e voou a caminho dos cortes asa-delta e fio-dental

mundo, embebida de bossa nova. Mas, convenhamos, nem mesmo para aqueles anos ela parecia estar despida, ao contrário. Havia algo de pudico, no avesso do entusiasmo com Ursula Andress a sair do mar em *007 contra o Satânico Dr. No*. Quando os tabus deram um refresco —

Telegram @clubederevistas

em eterno retorno, dada as marés conservadoras que lambem as sociedades como ondas no mar — a criatividade tratou de estabelecer novos patamares de provocação.

Nos anos 1980, o estilista Cidinho Pereira, dono da marca Bumbum Ipanema, que ainda existe, lançou o asa-delta, inspirado em um modelo cavado de alças altas visto em Ibiza no ano longínquo de 1984. "Todas as mulheres faziam topless. Prestei atenção nas calcinhas e percebi que o modelo tradicional deixava o bumbum quadrado. Pensei: o que é redondo precisa de uma embalagem redonda", explicou ele a VEJA quando a peça celebrou quatro décadas. Monique Evans trataria de dar vida ao corte. A modelo Magda Cotrofe iria ainda mais longe, com o fio-dental, no programa de TV de Jô Soares.

Dali para o topless foi um passo — e dá-lhe retrocesso alimentado por quem se incomodou e exigiu compostura. Assim caminha a humanidade, e os biquínis, como revela a exposição londrina, tratam de pontuá-la, mais do que qualquer outra delicadeza feminina. Eles são a um só tempo termômetro e manifesto. Medem a temperatura do que vale ou do que não vale, e, em momentos de revolta contra a caretice, reagiram, ficando mais ousados. Quem há de esquecer a gravidez de Leila Diniz em 1971, barrigão à mostra? O criador, Louis Réard, nunca escondeu sua intenção: "Um biquíni não é um biquíni se não puder passar por dentro de uma aliança de casamento". É a beleza do mínimo que é o máximo. ■

Telegram @clubederevistas

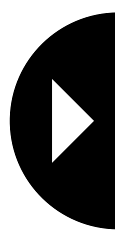
ESTRANHO NO NINHO

No imponente filme *O Brutalista*, um arquiteto sobrevivente do Holocausto migra para os Estados Unidos em busca de uma nova vida – e vira refém das ambições de um magnata

RAQUEL CARNEIRO



PROPÓSITO Adrien Brody no filme: a arquitetura como meio de sanar traumas



UNIVERSAL PICTURES

Telegram @clubederevistas

Um dos prédios mais imponentes de Washington, capital dos Estados Unidos, o J. Edgar Hoover Building, inaugurado em 1975, foi feito especificamente para abrigar o FBI, agência de inteligência e segurança do país. Em seu primeiro mandato, Donald Trump deixou claro odiar a construção de linhas retas, com janelas quadradas abundantes e concreto aparente, que ocupa um quarteirão inteiro — e chegou até a sugerir que ela fosse demolida para dar lugar a outra mais "bonita". "É um prédio do tipo brutalista, sabe? Honestamente, é um dos mais feios da cidade", disse o mandatário em 2018. Seu plano não saiu do papel — por questões orçamentárias e de se-



UNIVERSAL PICTURES

CONTROVÉRSIA O ator e Felicity: sotaque com inteligência artificial

Telegram @clubederevistas

gurança nacional, óbvio. As obsessões delirantes de Trump já não chocavam mais o cineasta americano Brady Corbet, mas a aversão ao estilo arquitetônico chamou sua atenção. “Me fascina a ligação entre ideologia e estética. Elas não possuem conexão óbvia, mas se relacionam e raramente prestamos atenção nisso”, disse o diretor a VEJA *(leia a entrevista “A arquitetura canaliza sentimentos”).*

Essa foi a semente do filme ***O Brutalista*** *(The Brutalist,* Estados Unidos/Reino Unido/Canadá, 2024), que estreia nos cinemas na quinta-feira 20, vitaminado por dez indicações ao Oscar *(confira o quadro).* Na trama, o arquiteto judeu László Tóth, papel de Adrien Brody, deixa Budapeste, na Hungria, e chega a Nova York em 1947. Sobrevivente do Holocausto, ele vai para os Estados Unidos com o anseio de deixar os horrores da Segunda Guerra Mundial para trás e com a crença no tal sonho americano de viver em um país livre, tolerante e próspero. As adversidades, porém, se revelam maiores do que as oportunidades — mesmo quando um ricaço, vivido por Guy Pearce, o contrata para desenhar um enorme centro cultural, que será, como sugere o título do filme, de contornos brutalistas.

Nome forte na corrida pelo Oscar de direção — e o mais jovem entre os indicados na categoria em 2025, com 36 anos —, Corbet acha irônico que Trump esteja de volta ao poder quando seu filme, enfim, chega aos cinemas. Na sua visão, a antipatia do presidente ao brutalismo está em consonância também com sua caça aos imigrantes ilegais. O paralelo é metafórico, mas faz sentido. O estilo arquitetônico austero

Telegram @clubederevistas

proliferou especialmente em prédios públicos pelo mundo na segunda metade do século XX, quando os recursos ficaram escassos na economia abalada pelo pós-guerra. Contraditório, o brutalismo é, ao mesmo tempo, grandioso e modesto. É também resistente e funcional, mas com pontos que aparentam vulnerabilidade. Em São Paulo, o Masp, de Lina Bo Bardi, é um belíssimo exemplo inspirado no estilo: um enorme bloco de concreto sustentado apenas por quatro colunas laterais. Ou seja, as construções brutalistas são um exercício de força e resiliência — características que espelham a dura experiência dos imigrantes: capazes de atravessar distâncias e vencer desafios, muitos enfrentam obstáculos fatais e, no destino final, ainda encaram os reveses do preconceito. São vulneráveis e marginalizados, mas seguem de pé.

A trajetória é a mesma de László. Livremente inspirado no arquiteto e designer de móveis húngaro



AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

DIRETOR
BRADY CORBET

ATOR
ADRIEN BRODY

ATRIZ COADJUVANTE
FELICITY JONES

ATOR COADJUVANTE
GUY PEARCE

ROTEIRO ORIGINAL

DIREÇÃO DE ARTE

TRILHA SONORA

FOTOGRAFIA

MONTAGEM

Telegram @clubederevistas

Marcel Breuer (1902-1981), o personagem representa os milhares de judeus que buscaram abrigo nos Estados Unidos durante a guerra. É essa também a história por trás de vários envolvidos no filme. Corbet é descendente de irlandeses e húngaros e possui ascendência judaica por parte da mãe. Adrien Brody, um favorito ao Oscar de melhor ator, é filho de refugiados judeus húngaros nos Estados Unidos e cresceu no Queens, bairro nova-iorquino de ampla diversidade étnica. “Transformar um novo país em um lar e reconstruir sua vida é uma experiência que vi de perto”, disse a VEJA o ator americano, que ganhou um Oscar ao interpretar, aliás, outro sobrevivente da perseguição nazista no clássico *O Pianista* (2002).

O processo criativo de László expia dores do passado e angústias do presente, fazendo do prédio uma manifestação de seus traumas. A relação tóxica com Lee Van Buren, o magnata que o acolhe, é de altos e baixos: influente, ele ajuda a reunir o arquiteto e sua esposa, Erzsébet (Felicity Jones), separados no campo de concentração. Van Buren, porém, inveja o talento do empregado e o trata como posse. Com 3 horas e 34 minutos de duração — incluindo nesse tempo quinze minutos de intervalo —, *O Brutalista* é um drama histórico inteligente, duro e que demanda atenção. Não à toa, divide opiniões — o que foi acentuado com a revelação do uso de inteligência artificial para amenizar o sotaque do casal protagonista nas falas em húngaro.

Telegram @clubederevistas


UNIVERSAL PICTURES

MECENAS Brody e Guy Pearce: o artista e o magnata em relação conturbada

Mesmo não sendo um consenso, *O Brutalista* é um colosso. Feito com apenas 10 milhões de dólares — um troco se ponderados a magnitude do filme e os orçamentos de concorrentes (*Duna: Parte 2* custou 190 milhões) —, o longa independente se mostra igual à corrente arquitetônica que homenageia: trata-se de uma obra sobre a qual é impossível ficar indiferente. Como o talentoso László, *O Brutalista* é um notável e incômodo estranho no ninho de Hollywood. ■

Telegram @clubederevistas


UNIVERSAL PICTURES

NO SET O diretor *(ao centro)*: filme demorou sete anos para ser concluído

“A ARQUITETURA CANALIZA SENTIMENTOS”

O diretor Brady Corbet falou a VEJA sobre o processo de fazer *O Brutalista.*

De onde vem seu interesse por arquitetura? Um tio meu era arquiteto e eu até pensei em seguir a profissão. Assim como a arte, a arquitetura é capaz de canalizar senti-

Telegram @clubederevistas

mentos. Me chamou a atenção também como os diferentes estilos são amados ou odiados por políticos, como Trump – que quis derrubar o prédio do FBI.

Qual sua conclusão a respeito? Ideologia e estética não têm conexão óbvia, mas se relacionam e raramente prestamos atenção nisso. É comum, por exemplo, que autocratas odeiem prédios modernistas, mas amem o neoclássico (*movimento artístico europeu do século XVIII de linhas greco-romanas*).

Qual sua opinião sincera sobre construções brutalistas? Existem prédios lindos e outros horrorosos, que parecem um estacionamento. Mas meu interesse no movimento é como ele foi moldado pela psicologia do pós-guerra. O filme é sobre esse trauma e o que nasce da criatividade que testemunhou horrores.

Por que o intervalo de quinze minutos dentro do filme? Porque precisamos esticar as pernas e ir ao banheiro. Existem dificuldades técnicas para os exibidores, no sentido de parar o filme e acender luzes para um intervalo. Colocar essa pausa dentro do filme, com um relógio, facilitou o processo. No meu próximo filme, se for longo assim, vou colocar dois intervalos.

Telegram @clubederevistas

TALENTO INCANSÁVEL

Com a chegada à tela da Globo de *A Lista*, adaptação da peça de sucesso de Gustavo Pinheiro, o autor carioca se confirma como um dos mais inspirados e prolíficos de sua geração



HOMENAGEM Lilia Cabral e Tony Ramos no novo telefilme: ode a Copacabana e aos veteranos da televisão

MANOELLA MELLO/TV GLOBO

Telegram @clubederevistas

“DESDE o começo, eu falava: ‘Isso aqui vai dar um filme’ ”, diz o dramaturgo e jornalista Gustavo Pinheiro, de 44 anos, sem delongas. Para ele, é, de fato, simples assim: nos últimos dez anos, o autor carioca fez barulho ao criar onze peças, nove delas originais — três publicadas pela editora Cobogó após encenadas. A frase se refere a uma em especial: *A Lista*. Protagonizada por Lilia Cabral e sua filha, Giulia Bertolli, ela nasceu como apresentação on-line pandêmica, com meros quarenta minutos de duração. Ao fim das restrições, cresceu e passou a encher plateias, tornando-se um sucesso visto por mais de 70 000 espectadores. Na segunda-feira 17, mais de quatro anos após sua estreia, chega à última metamorfose: agora como telefilme exibido pela Globo, primeiro de uma programação inédita no *Tela Quente.*

Na trama, Lilia é a professora aposentada Laurita, que vive sozinha e amargurada em um apartamento de Copacabana, no qual administra cuidadosamente sua restrita vida social. A covid-19, contudo, força sua convivência com a jovem vizinha Amanda, que se oferece para fazer as compras dos idosos do prédio. A partir das queixas rabugentas, floresce uma amizade transformadora, que abre novos horizontes para a sexagenária após o fim da quarentena. Esperançosa, a jornada homenageia o bairro em que se passa — que o autor enxerga como “uma metáfora para o Brasil”. Também celebra os globais mais veteranos: as participações especiais in-

Telegram @clubederevistas

cluem feras do porte de Tony Ramos, Anselmo Vasconcellos, Betty Faria, Rosamaria Murtinho, Tony Tornado e Reginaldo Faria.

O elenco, de fazer inveja aos atuais folhetins e seus influenciadores-atores, sintetiza a moral como autor e a identidade criativa de Pinheiro, que tem como referência as crônicas do cotidiano escritas por Mauro Rasi, Manoel Carlos e Naum Alves de Souza. Segundo ele, é nesse olhar para a vida comum que se garante a relação sadia com os espectadores. “Gosto que a plateia entenda. Ela pode até não gostar, mas entendeu aquilo que foi apresentado. Por



O CRIADOR
Pinheiro: olhar carinhoso sobre as pessoas

LUCIO LUNA

Telegram @clubederevistas

muito tempo isso não foi priorizado, e assim perdemos muitos que saíam do teatro ou do cinema se achando burros. O público não pode ser excluído”, defende.

Com tal filosofia, ele planeja manter a alta produtividade que o trouxe até aqui. Antes de estrear *A Lista* na TV, já trabalha em um novo longa sobre Gregório Fortunato, guarda-costas de Getúlio Vargas, a pedido do produtor indicado ao Oscar Rodrigo Teixeira. Planeja também adaptar ao cinema a peça *Dois de Nós,* com Antonio Fagundes, e trará *Dúvida,* que virou filme com Meryl Streep em 2008, para os palcos nacionais. A depender desse talento incansável, o público sempre sairá no lucro. ■

Thiago Gelli

Telegram @clubederevistas

O AMOR NÃO TEM IDADE

Em seu quarto filme, Bridget Jones surfa na onda do "galã Mucilon" – o jovem par romântico das protagonistas acima dos 40, enredo que desafia os chavões do gênero **RAQUEL CARNEIRO**

ELA E O NOVINHO Leo Woodall e Renée Zellweger: relação com homem mais novo virou tendência

JAY MAIDMENT/UNIVERSAL PICTURES

Telegram @clubederevistas

EM UM ENCONTRO, Bridget Jones faz a pergunta que não quer calar ao rapaz que tenta conquistá-la: “Quantos anos você tem?”. Constrangido, o jovem de olhos azuis hipnotizantes responde: “28”. Bridget respira fundo: ela já passou dos 50. O moço ri e diz que estava brincando — na verdade, ele tem 29. A cena cômica protagonizada por Renée Zellweger e Leo Woodall faz parte de ***Bridget Jones: Louca pelo Garoto*** *(Bridget Jones: Mad About the Boy,* Reino Unido/Estados Unidos/França, 2025), que acaba de estrear nos cinemas brasileiros. A produção, dirigida por Michael Morris, é a quarta e última aventura da personagem inglesa atrapalhada que virou símbolo incontornável das comédias românticas: os três primeiros filmes somam 810 milhões de dólares em bilheteria. Sua longevidade diante das câmeras trouxe consigo desafios e possibilidades — entre elas, a subversão da regra que ditava qual a diferença de idade ideal entre casais.

Em *O Diário de Bridget Jones* (2001) e na sequência *Bridget Jones: No Limite da Razão* (2004), adaptações dos livros da autora Helen Fielding, Renée era dez anos mais nova que os atores Colin Firth e Hugh Grant, que disputavam o coração da personagem como Mark Darcy e Daniel Cleaver, respectivamente. A média de idade caiu um pouco no triângulo do terceiro filme, *O Bebê de Bridget Jones* (2016), quando Darcy teve de lidar com o intruso Jack, vivido por Patrick Dempsey — o ator hoje tem 59 anos, e Renée, 55. Agora, ela vai ficar balançada pelo professor bonitão vivido por Chiwetel Ejiofor, que é oito anos mais novo que a atriz. Além, claro, de flertar

Telegram @clubederevistas



PRIME VIDEO

CONEXÃO *Uma Ideia de Você:* cantor se apaixona pela mãe de uma fã

com o novinho interpretado por Woodall — que, na vida real, tem mesmo só 28 primaveras. Desse modo, Bridget coroa a emergência do dito "galã Mucilon" — termo popularizado na internet que usa de uma referência sugestiva ao suplemento alimentar infantil para designar o homem jovem que se envolve de forma afetiva com uma mulher acima dos 40.

Apenas no ano passado, a tendência contou com títulos como o edulcorado *Uma Ideia de Você*, com Anne Hathaway e Nicholas Galitzine, que têm doze anos de diferença —

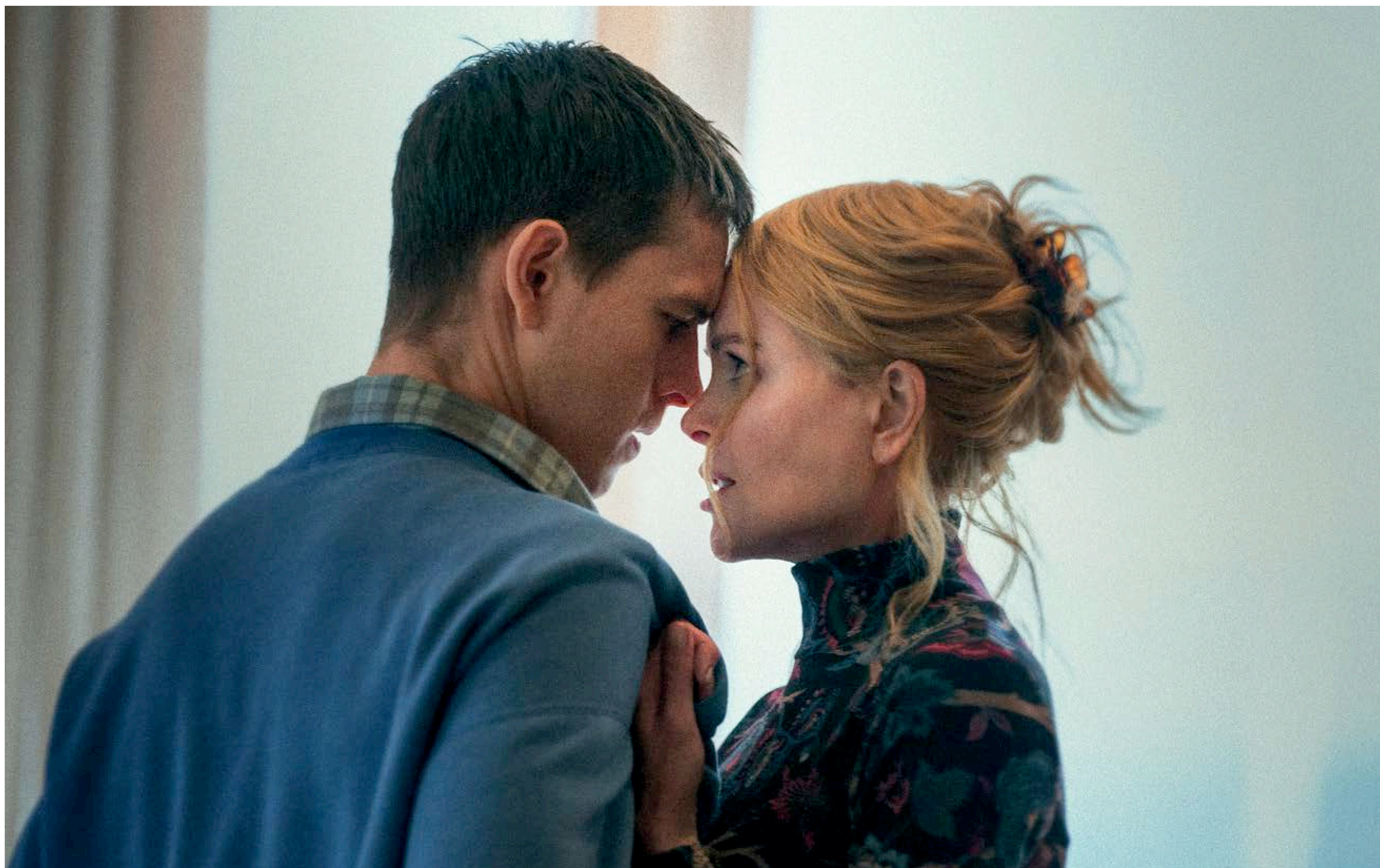
Telegram @clubederevistas

ele é um popstar que se apaixona pela mãe de uma de suas fãs adolescentes. Já no recente e picante *Babygirl,* estrelado por Nicole Kidman e Harris Dickinson, que somam 29 anos de distância um do outro, uma CEO poderosa se rende a uma relação sexual de submissão com um estagiário. Antes, na comédia da Netflix *Tudo em Família,* Nicole já surgia com outro rapazote: o ator Zac Efron, duas décadas mais jovem, é chefe da filha dela na trama.

Sem julgamentos morais, esses filmes são um irônico contraponto ao renitente etarismo de Hollywood: na indústria cinematográfica, é comum que, ao chegar aos 30, as atrizes sejam preteridas, enquanto seus pares masculinos envelhecem como vinho nas telas. Os exemplos são muitos. Em *Cinderela em Paris* (1957), Fred Astaire era trinta anos mais velho que seu par, Audrey Hepburn. Num passado nem tão distante, em 2009, o diretor Woody Allen escalou como casal no filme *Tudo Pode Dar Certo* os atores Larry David e Evan Rachel Wood, que somam quarenta anos de diferença. A obra de Allen, aliás, é repleta de ninfetas com tiozões: um caso emblemático é o de *Manhattan*, de 1979, no qual o diretor é também protagonista e, aos 43 anos, fazia par com Mariel Hemingway, que tinha 17.

Não bastasse essa disparidade, o inverso por muito tempo foi tratado com sarcasmo: a relação entre uma mulher mais velha e um rapaz mais novo costumava ser mostrada de forma jocosa ou apelativa — um exemplo clássico é *A Primeira Noite de um Homem* (1967) e sua musa desequilibrada, a se-

Telegram @clubederevistas



A24

ERÓTICO Dickinson e Nicole em *Babygirl*: CEO gosta de ser dominada pelo estagiário no drama

nhora Robinson (Anne Bancroft). O olhar sobre a vida sexual e amorosa da mulher de meia-idade agora passa longe da piada. A leva atual de filmes explora temas como a potência do desejo feminino e a dificuldade dos recomeços. Usa também a jovialidade dos rapazes como injeção de vida e de autoestima em personagens acomodadas, seja na carreira, no papel de mãe, como esposas infelizes ou viúvas. O último mote se aplica a Bridget Jones. Com duas crianças para criar, a personagem perdeu o marido e terá, mais uma vez, de aprender a lidar com os desafios da solitude. Mas Bridget aprendeu desde cedo a se reinventar — e a transformar suas desventuras em oportunidades de crescimento e felicidade. No caminho, pelo jeito, deve descobrir que o amor não tem idade. Sorte dela. ■

Telegram @clubederevistas

TSUNAMI CRIATIVO

Em sua nova temporada, *The White Lotus* se confirma como a série mais vibrante da TV, ao falar do narcisismo contemporâneo numa Tailândia glamourosa — e cheia de riscos **MARCELO MARTHE**



SEJAM BEM-VINDOS O staff do hotel asiático saúda turistas ricaços: a arte de recomeçar do zero e seduzir a cada ano

FABIO LOVINO/HBO

Telegram @clubederevistas

DIANTE de uma praia cinematográfica, a turista americana Victoria Ratliff (Parker Posey) recebe o tratamento de dondoca que se espera de um hotel de altíssimo padrão na Tailândia. Enquanto ela sorve a brisa marítima, duas serviçais envolvem-na numa manta aconchegante. Então, o *dolce far niente* se quebra: a mãe de família é engolfada por um tsunami como aqueles que às vezes arrasam a região. Na cena enigmática da terceira temporada de ***The White Lotus,*** que estreia na Max no domingo 16, logo fica claro que ela vivera só um sonho ruim. Mas, como nas duas tramas anteriores criadas pelo americano Mike White, não há nada fortuito em cada detalhe. E aqui, idem: o pesadelo resume a ansiedade que persegue os novos hóspedes super-ricos e os empregados encarregados de mimá-los em meio ao glamour tropical da selva asiática.

Intempéries pessoais igualmente devastadoras, afinal, são armadas com as habituais doses de veneno e ironia por White. Após uma temporada de estreia no Havaí que alcançou êxito expressivo falando de hipocrisia social no meio da pandemia, em 2021, e de uma sequência cômico-criminal ambientada na Sicília, *White Lotus* encontra na Tailândia o cenário perfeito para falar de outro tema quente: o narcisismo contemporâneo. Um fenômeno embalado pela ostentação egomaníaca nas redes sociais, e traduzido na série por meio da busca de uma espiritualidade difusa que mistura autoa-

Telegram @clubederevistas

FABIO LOVINO/HBO



HEDONISMO Os hóspedes: por trás do bem-estar, baladas fortes e confusões

juda e crenças orientais, além do hedonismo regado a álcool, sexo e drogas que tornou famosas as baladas praianas do país no Sudeste da Ásia.

Ou seja, como seu criador já definiu, *White Lotus* mais uma vez não decepciona ao mostrar "pessoas atraentes em belos lugares fazendo coisas sexy e sujas". A dondoca Victoria tenta fazer cara de paisagem como esposa bem-sucedida enquanto o marido, Timothy (Jason Isaacs), não relaxa no hotel devotado ao "bem-estar" por causa de um escândalo financeiro que

Telegram @clubederevistas

faz seu smartphone tocar sem parar; a filha, Piper (Sarah Catherine Hook), irrita a mãe com a ideia de se internar num mosteiro local para meditar; e os rapazes Saxon (Patrick Schwarzenegger, filho do astro de *O Exterminador do Futuro)* e Lochlan (Sam Nivola) se entregam a baladas arriscadas e vivem certo clima incestuoso. Tudo o mais na trama são ilusões com alto potencial de desastre, das três amigas de meia-idade que se envolvem com russos suspeitos ao vigia nativo apaixonado pela colega Mook (a tailandesa Lalisa Manoban, estrela da banda de k-pop Blackpink), mas vira alvo de mafiosos.

Ter a chance de "botar fogo na casa" ao fim de cada ano e iniciar a história seguinte do zero é, para White, o que garante frescor à série. Mas o eterno recomeçar traz riscos. Na nova temporada, o desafio era achar alguém à altura de Tanya, personagem pop de Jennifer Collidge que saiu de cena de modo chocante na Sicília. A solução: Tanya virou sujeito oculto explosivo, com a volta da massagista que ela iludiu na temporada de estreia, Belinda (Natasha Rothwell), e de outro personagem familiar. Ainda que o pacote seja ácido, a Tailândia pretende lucrar com isso: filmada em parte no luxuoso Four Seasons da ilha de Koh Samui, a série deve ampliar o turismo no país em 20%. Isso, apesar do início pesado, com direito a tiroteio no hotel. Venha ou não um tsunami, as ondas do destino são sempre imprevisíveis. ■



Telegram @clubederevistas

WALCYR CARRASCO

A ETIQUETA DO ELEVADOR

Os altos e baixos de uma invenção que às vezes é um pesadelo

ESTOU EM UM ELEVADOR lotado e solto um pum. Faço cara de inocente enquanto todos me olham como se soubessem que fui eu. Apressado, desço no andar seguinte — com mais metade dos passageiros. Ah, elevadores! Esses cubículos essenciais na vida da gente onde tudo pode acontecer. Grandes amores já se iniciaram em um elevador. Grandes brigas também. E assédios inomináveis. Mas sempre há a desculpa: “É que estava muito apertado!”. Desconhecidos são obrigados a suportar pessoas delirantes querendo fazer selfies com alguém que está do outro lado, amassando todos no caminho. Para evitar tragédias sociais e garantir que o trajeto até o seu andar não se torne um martírio, aja com destreza. A história do “sempre cabe mais um” é um terror. Porque não cabe. Quem entra em um elevador lotado amassa os outros passageiros, enquanto todos tentam se salvar e conferem a quantidade de pessoas permitida. Se houver um bebê, pior. Ele vai se sentir sufoca-

Telegram @clubederevistas

do e disparar a buzina. Ficará traumatizado com os olhares ferozes dos outros passageiros e talvez nem na idade adulta supere essa experiência de rejeição.

O ritual do "vai subir ou vai descer?". A porta abre e todos se atiram uns sobre os outros em direções contrárias, como em uma guerra de javalis. (Nunca vi uma, mas suponho que seja assim.) Mas há um momento decisivo. Entro no elevador e vem a dúvida: vai subir ou vai descer? A resposta é óbvia. Se vou subir, ele desce. Se vou descer, ele sobe. O clássico equívoco de apertar o botão errado transforma estranhos em cúmplices de um silêncio desconfortável. Se entrar sem saber o rumo da viagem, aceite seu destino com dignidade, evite aquele olhar constrangido quando todos perceberem que você errou e mandou o elevador para o subsolo, aonde ninguém quer ir.

"Se vou subir, ele desce. Se vou descer, ele sobe. Apertar o botão errado torna os outros cúmplices"

Telegram @clubederevistas

O dilema de abrir ou não a porta. Se você vê alguém correndo em direção a seu elevador já cheio, pode fingir que não viu e seguir viagem. Se você for uma alma na definitiva reencarnação, não só abrirá a porta como até cederá seu lugar a ele. Se for como eu, esperará o ser humano chegar pertinho e apertará o botão de fechar no nariz dele. Só torça para ele não pegar o próximo cheio de sentimentos de vingança e para isso não gerar um carma horrendo.

Posicionamento estratégico. Há os educadinhos que se afastam, cedendo lugar a todos. Mas também os que preferem se posicionar na frente do painel de botões, bloqueando o acesso alheio. Pior ainda, há aqueles que escolhem o meio do elevador como se fossem protagonistas de um filme de ação, obrigando todos a fazer manobras acrobáticas para apertar seus andares e, mais tarde, descer.

O clássico “quem sai primeiro”. Estou no fundo, bloqueado por uma muralha que finge não perceber que quero sair. Começo então um jogo psicológico: mexo sutilmente o corpo, dou um passinho pra frente, até que alguém com muita má vontade decide se mover. Mas, se não tem jeito, piso no pé de alguém e corro.

O elevador exige um convívio forçado, mas não precisa ser um pesadelo. Agora, se você se identificou com algum dos descritos acima, está na hora de mudar seus hábitos. Ou, da próxima vez, pegue a escada. ■

Telegram @clubederevistas



PARAMOUNT+

SOBREVIVÊNCIA As personagens de *Yellowjackets:* drama na selva entra em nova etapa com episódios recentes

TELEVISÃO

YELLOWJACKETS – TERCEIRA TEMPORADA **(disponível no Paramount+)**

A série *Yellowjackets* parte de uma fonte prolífica: o romance *O Senhor das Moscas* (1954), do britânico William Golding. Mas confere uma abordagem original à trama, que é um estudo clássico do comportamento humano em meio ao isolamento: em vez dos meninos originais, fala de atletas femininas que, após a queda de seu avião, cometem canibalismo — e se devoram psicologicamente — para sobreviver na selva. A narrativa entremeia a experiência brutal vivida em 1996 com a vida delas já adultas, em 2021 — com as afiadas Shauna (Melanie Lynskey) e Misty (Christina Ricci) à frente. Passado o inverno na floresta, as jovens focam em sua sociedade mística, e as sobreviventes, mais tarde, reincidem nas crenças pagãs. A vencedora do Oscar Hilary Swank é um adendo de peso ao elenco.

Telegram @clubederevistas

FILME

ENTRE MONTANHAS

***(The Gorge,* Estados Unidos/ Reino Unido, 2025. Disponível na Apple TV+)**

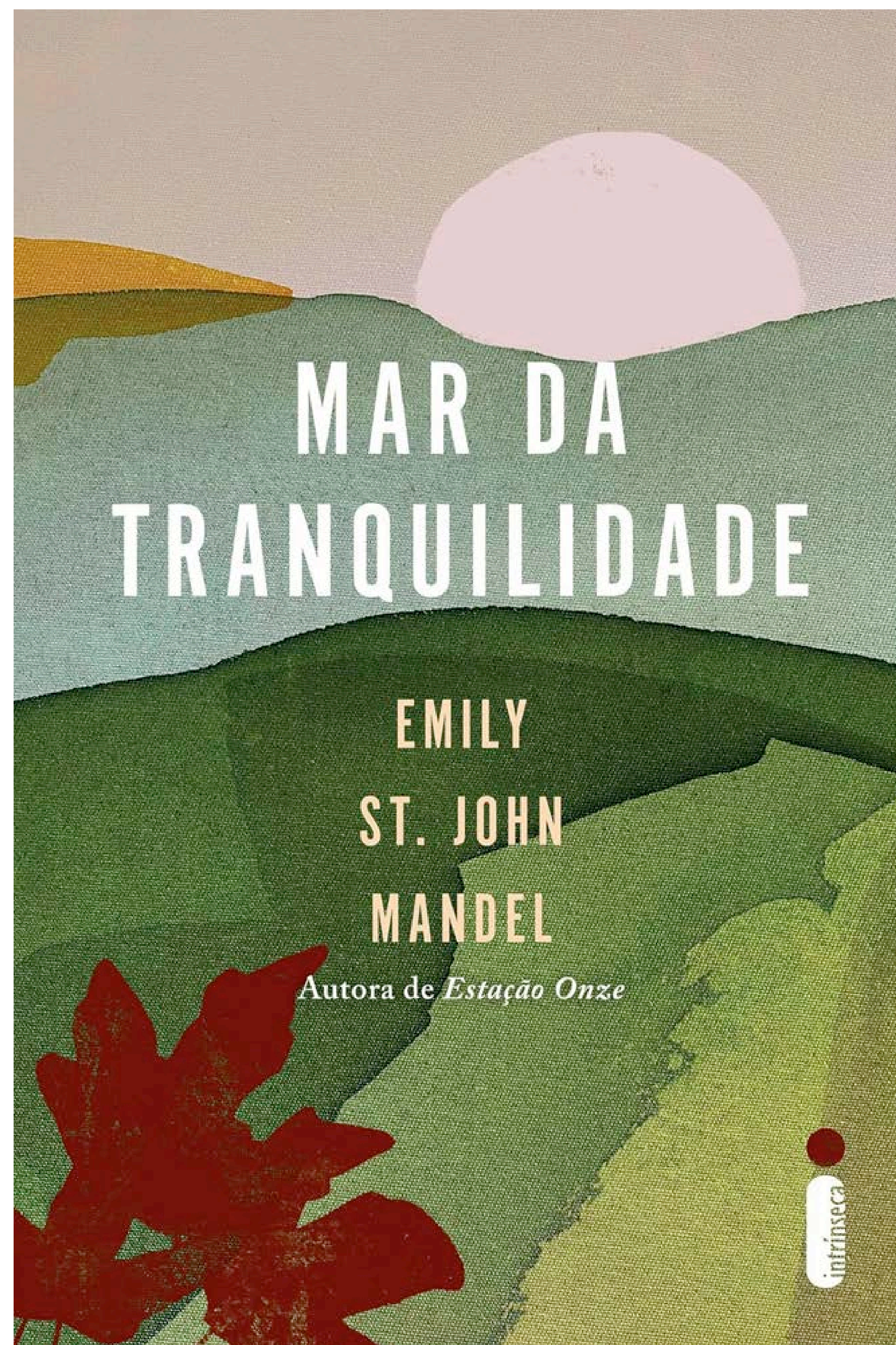


LAURA RADFORD/APPLE TV+

QUÍMICA Teller e Anya Taylor-Joy em cena: os guardiões da "porta do inferno"

Drasa (Anya Taylor-Joy) e Levi (Miles Teller) são dois atiradores de elite convocados para a mesma missão: ficar um ano em guarda de um misterioso desfiladeiro apelidado de "porta para o inferno". O filme do diretor Scott Derrickson, de *O Telefone Preto* e *A Entidade,* começa como um suspense, flerta com o romance e depois vira um terror — com monstros subindo o vale. Por fim, culmina em uma ficção científica motivada por rivalidades geopolíticas. Apesar da salada mista saturada de temas, a produção entretém e prende graças ao ritmo do roteiro, ao carisma dos atores — e ao desejo de saber onde tudo isso vai dar.

Telegram @clubederevistas



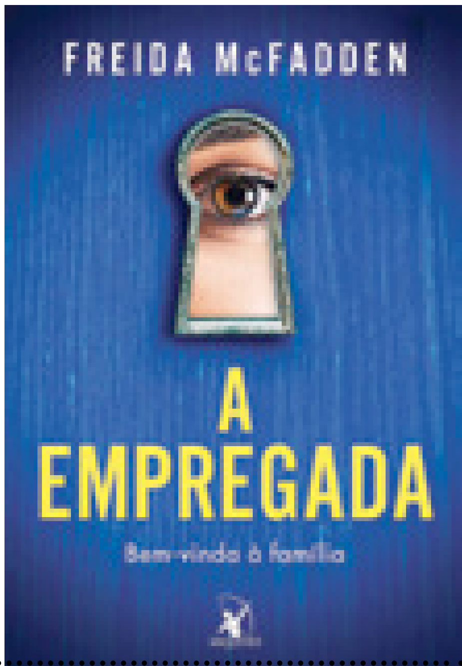
LIVRO

MAR DA TRANQUILIDADE,
de Emily St. John Mandel
(tradução Débora Landsberg; Intrínseca; 272 páginas; 79,90 reais e 54,90 reais em e-book)

A autora canadense ganhou fama em 2014 com *Estação Onze*, uma tocante história sobre um grupo de crianças que sobrevive a uma pandemia. O livro lhe rendeu o prestigioso prêmio Arthur C. Clarke e virou série na Max. Agora, ela retorna à ficção científica nesta obra que envolve um imigrante nos Estados Unidos do início do século XX, uma autora contemporânea também sobrevivente de uma pandemia e uma base humana na Lua. O intrigante romance fala de uma viagem no tempo — e ressoa nos dias atuais. ■

Telegram @clubederevistas

FICÇÃO



1 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [1 | 35#] ARQUEIRO

2 **VERITY**
Colleen Hoover [2 | 144#] GALERA RECORD

3 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [3 | 14#] ROCCO

4 **BOX TRILOGIA SENHOR DOS ANÉIS**
J.R.R. Tolkien [8 | 30#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **TEMPESTADE DE ÔNIX**
Rebecca Yarros [4 | 3] PLANETA MINOTAURO

6 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [5 | 117#] RECORD

7 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [6 | 3] RECORD

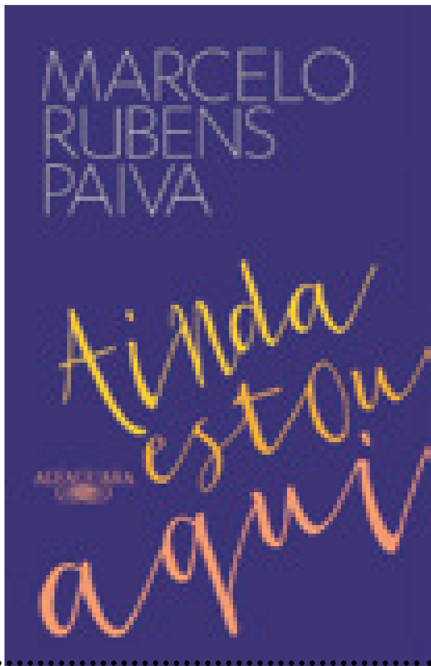
8 **A CABEÇA DO SANTO**
Socorro Acioli [0 | 2#] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [0 | 246#] VÁRIAS EDITORAS

10 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [7 | 131#] BERTRAND BRASIL

Telegram @clubederevistas

NÃO FICÇÃO



1 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 18#] ALFAGUARA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 72#] VESTÍGIO

3 **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA**
Carolina Maria de Jesus [4 | 69#] ÁTICA

4 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [6 | 17#] COMPANHIA DAS LETRAS

5 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [3 | 18#] COMPANHIA DAS LETRAS

6 **CÓDIGO-FONTE**
Bill Gates [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **A VIDA NÃO É ÚTIL**
Ailton Krenak [9 | 15#] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [0 | 79#] VÁRIAS EDITORAS

9 **O POBRE DE DIREITA**
Jessé Souza [0 | 12#] CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [10 | 206#] ROCCO

Telegram @clubederevistas

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 18] VÉLOS

2 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [10 | 196#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [3 | 50#] ROCCO

4 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [5 | 66#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **CAFÉ COM JESUS**
Vinícius Iracet [9 | 3#] CITADEL

6 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [4 | 83#] ALTA BOOKS

7 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [7 | 265#] CITADEL

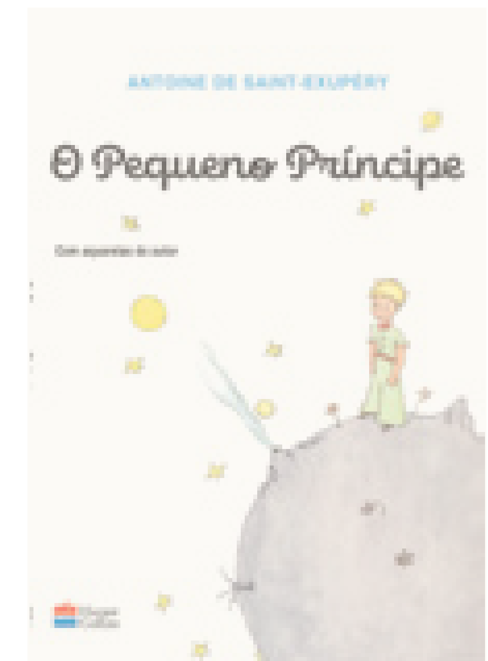
8 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [6 | 146#] SEXTANTE

9 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [0 | 473#] SEXTANTE

10 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [8 | 13#] SEXTANTE

Telegram @clubederevistas

INFANTOJUVENIL



1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 452#] VÁRIAS EDITORAS

2 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [7 | 35#] INTRÍNSECA

3 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [5 | 19#] MELHORAMENTOS

4 **EXTRAORDINÁRIO**
R.J. Palacio [2 | 130#] INTRÍNSECA

5 **MALALA, A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [4 | 42#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

6 **FELPO FILVA**
Eva Furnari [8 | 5] MODERNA

7 **DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA**
Flávia Lins e Silva [6 | 7#] PEQUENA ZAHAR

8 **A ILHA PERDIDA**
Maria José Dupré [0 | 1] ÁTICA

9 **AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA** C.S. Lewis [0 | 9#] HARPERCOLLINS BRASIL

10 **O MENINO DO DEDO VERDE**
Maurice Druon [9 | 7#] JOSÉ OLYMPIO

Telegram @clubederevistas

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barra Bonita:** Real Peruíbe; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campo Grande:** Leitura, Paulus; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **Jaú:** Casa Vamos Ler; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Limeira:** Livruz; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio Claro:** Livruz; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santana de Parnaíba:** Leitura; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, Selecta, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, Um Livro, WMF Martins Fontes



Telegram @clubederevistas

JOSÉ CASADO

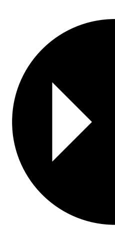
POBREZA POLÍTICA

O ANO COMEÇOU com 95,3 milhões de brasileiros dependendo do Estado para sobreviver. Desde dezembro, quase metade (45%) da população passou a ser classificada pelo governo como "grupo vulnerável e/ou prioritário para acesso e usufruto" da assistência financeira estatal, estabelecida em duas dezenas de programas de transferência de renda.

Não é pouca gente. Fosse um país, seria o 16º no mapa-múndi, com maior população que Alemanha, Itália, França — e o dobro da Argentina, Espanha e Colômbia. Já representam mais de dois terços dos que vivem em estados como Amapá, Maranhão, Acre, Pará, Piauí, Bahia e Ceará.

Há três vezes mais pobres e vulneráveis no Amapá do que em Santa Catarina. Para o governo, é explicável não apenas pela diferença no estágio de desenvolvimento regional, mas também pela eficiência dos governos estaduais e prefeituras na operação dos mecanismos de proteção social. Nessa lógica, a burocracia do Sul seria historicamente menos produtiva e efetiva que a do Norte na garantia dos direitos sociais.

O fato é que o Brasil está com mais da metade (53%) da sua população adulta, em idade ativa para trabalhar e com título de eleitor no bolso, em crucial dependência dos cofres



Telegram @clubederevistas

públicos para seguir vivendo, e, em boa medida, submissa à competência gerencial, ao humor e aos interesses políticos dos donos do poder. No governo e na oposição, essa massa pobre costuma ser percebida como o "ativo" político mais cobiçado do mercado eleitoral.

Não é por acaso que, em véspera de eleição presidencial, o governo discuta aumento no valor da assistência social, via Bolsa Família. Jair Bolsonaro fez isso na temporada eleitoral de 2021-2022, ampliando os gastos em cerca de 200 bilhões de reais. Lula debateu o tema, como alternativa para mitigar os efeitos corrosivos da inflação de alimentos — cerca de 60% da renda dos mais pobres é consumida na compra de comida. Ao comentar o assunto em público, na semana passada, o ministro Wellington Dias, do Desenvolvimento Social, pôs o pescoço na guilhotina.

O valor pago pelo Estado é sempre relevante, mas segue sendo o menor dos problemas dessa maioria de brasileiros pobres: as perspectivas deles estão cada vez mais limitadas. Oito em cada dez não completaram o ensino básico, indicam os dados do Cadastro Único, usado pelo governo federal e por estados e prefeituras na gerência da distribuição de dinheiro público no leque de programas assistenciais, que incluem Bolsa Família e Previdência Social.

As carências educacionais restringem muito as possibilidades de emprego e renda dessas pessoas. Cada família inscrita no CadÚnico tem pelo menos um integrante no mercado de trabalho informal, onde o padrão de remuneração é baixo.

Telegram @clubederevistas

“Mais da metade da população adulta depende do governo para sobreviver”

A situação deles tem sido agravada por deformações na operação dos mecanismos de proteção social.

Uma delas foi relatada pelo economista José Pastore aos repórteres Claudio Conceição e Solange Monteiro, da revista *Conjuntura Econômica*. Empresas de construção tentam, com pouco êxito, recrutar operários entre beneficiários do Bolsa Família. Oferecem salários na faixa de 2 000 reais por mês, mas os candidatos relutam por temer a perda do dinheiro que recebem do governo se assumirem um posto no mercado formal de trabalho. Resultado: muitos só aceitam trabalhar na informalidade.

Empregos formais e com melhor remuneração existem, demonstram pesquisas da Fiesp. No entanto, mais da metade (55%) da indústria de transformação de São Paulo começou o ano com dificuldades para contratar, por falta de mão de obra qualificada, com formação educacional básica e adequada.

O horizonte não é dos melhores. Cristovam Buarque, inventor do Bolsa-Escola quando governou o Distrito Federal,

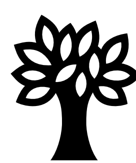
Telegram @clubederevistas

nos anos 1990, analisou os resultados do último Censo e chegou à seguinte conclusão: dos 2,5 milhões de brasileiros nascidos no ano passado, no máximo 500 000 devem concluir o ciclo educacional básico. Assim, esses brasileiros chegariam aos 18 anos de idade medianamente alfabetizados, em situação absolutamente precária para o mundo de 2042, que se prevê transformado na era da inteligência artificial.

Ex-ministro da Educação, ele se diz convencido de que o Brasil está fazendo uma opção preferencial pela construção de um "Titanic negreiro". Resume: "É negreiro porque os porões estão repletos de pobres e é 'Titanic' porque os ricos seguem no convés, bebendo champanhe, mas sabendo que estamos avançando diretamente para um iceberg lá na frente".

Se os otimistas acham, os pessimistas têm certeza de que se vive hoje no melhor dos mundos. Sobra pouca margem para dúvidas diante da realidade de um país com quase metade da população dependente do governo para comer ao menos uma vez por dia. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

10 grandes marcas Abril em uma única assinatura digital

A partir de **R$9,90/mês.***



Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular
para o código ao lado.



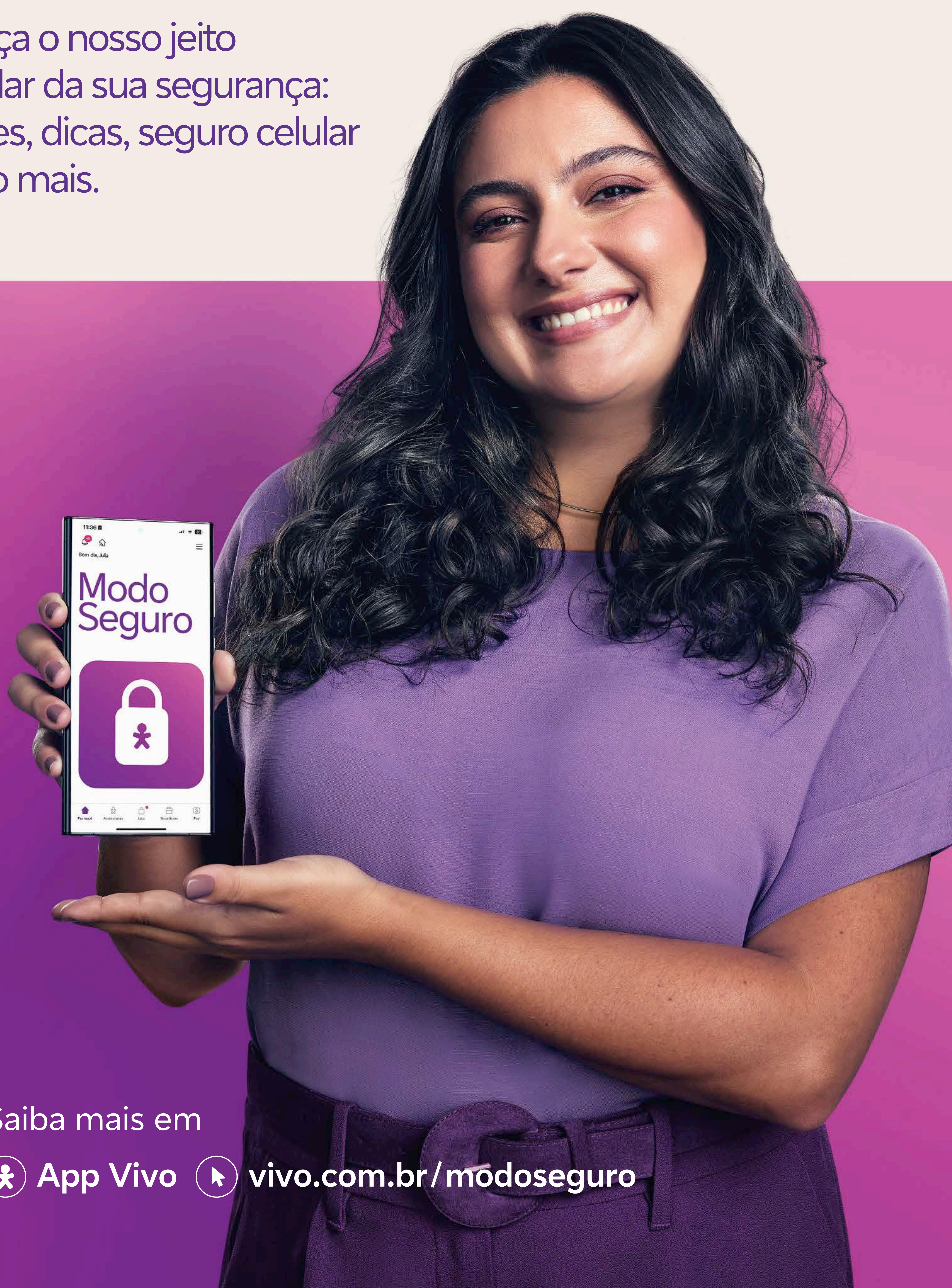
*Acesso ilimitado ao site e edições digitais de todos os títulos Abril, ao acervo completo de Veja e Quatro Rodas e todas as edições dos últimos 7 anos de Claudia, Superinteressante, VC S/A, Você RH e Veja Saúde, incluindo edições especiais e históricas. Acervos disponíveis a partir de dezembro de 2023. Pagamento único anual de R$118,80, equivalente a R$9,90/mês



vivo

Da sua segurança digital, a gente cuida. Viva no modo seguro.

Conheça o nosso jeito de cuidar da sua segurança: soluções, dicas, seguro celular e muito mais.



FEVEREIRO



Roxo

Conscientização do Lúpus, Fibromialgia e Mal de Alzheimer

Laranja

Combate à leucemia e incentivo a doação de sangue ou medula óssea

Para participar do nosso grupo no TELEGRAM, clique no ícone ao lado





CLUBE DE
REVISTAS